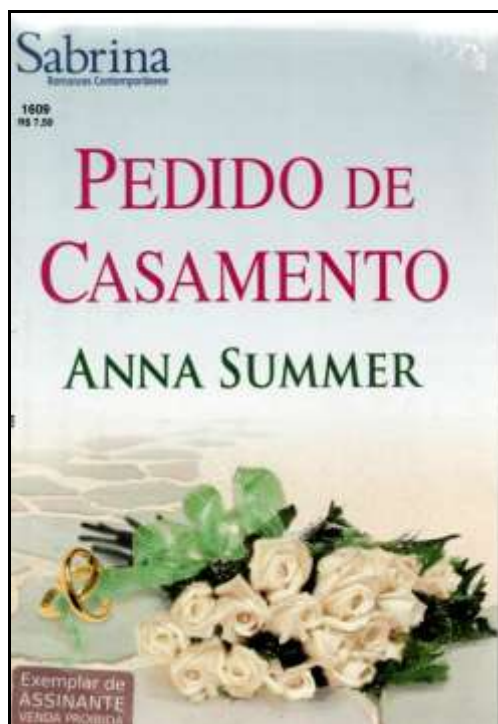




Um momento de decisão...

Henry é um escritor de sucesso. Ele tem um bom emprego e bons amigos. Mas, acima de tudo, ele tem Layla, sua namorada de muito tempo.

Os dois se amam. A vida é ótima até...que ela o intima a pedi-la em casamento!

No prazo de uma semana, a melhor amiga de Layla irá se casar. E, se Henry não a pedir em casamento até o momento em que a noiva for jogar o buquê, Layla jura que terminará com ele. Para sempre! E ela não está brincando! A quem ele pode recorrer para pedir conselhos? A Jake, seu desesperado e divorciado irmão? A John, um amigo que já foi casado várias vezes?

O tempo está se esgotando, e Henry precisa tomar a decisão mais importante de sua vida: continuar sua boa e velha vida de solteiro ou se casar com a mulher de sua vida...

TÍTULO ORIGINAL: PEDIDO DE CASAMENTO

DIGITALIZAÇÃO E REVISÃO: Marina Campos

FORMATAÇÃO: Faelinha





Capítulo I

Henry foi acordado pelo delicioso aroma de rabanada. Não havia dúvida: era rabanada com canela.

Ainda deitado, imaginou as fatias grossas que a mãe costumava preparar nas manhãs de domingo. Grossas e douradas devido à manteiga de ambos os lados. Polvilhadas com canela. Lembrava-se até da frigideira com as bordas escurecidas pelo óleo usado para fritar as saborosas fatias de pão.

Sim, o aroma de rabanada com canela estava misturado ao de café recém-coado.

O fim de semana finalmente havia chegado. Henry piscou para manter os olhos abertos. O quarto estava mais brilhante e quente do que nos dias úteis, nada de despertador, e o sol que prenunciava o final da primavera transpunha a cortina o suficiente para avisá-lo de que estava lá fora a sua espera.

Ainda na cama, ele se virou e ficou de costas, sorrindo. No andar de baixo, Layla o aguardava.

De pijama, ele desceu a escada. Passava um pouco das nove da manhã, e ela provavelmente já estava de pé havia mais de uma hora. Ela sempre acordava antes dele, mesmo nos fins de semana.

Henry entrou na cozinha e a encontrou sentada no final da mesa branca retangular, vestida com o short e a camiseta que usava para correr, os cabelos castanho-claros presos em um rabo de cavalo. Tomava café enquanto fazia as palavras cruzadas do jornal.

— Bom dia — ela cumprimentou.

— Bom dia — ele respondeu, olhando para o fogão onde duas grossas fatias de rabanada o esperavam. — Dormiu bem?

— Sim. — Ela ergueu os olhos à espera do beijo de Henry, que se dirigia à geladeira. — E você?

— Como um bebê.

— Que bom...

Ele se serviu de suco de laranja e foi até o fogão. Pegou uma espátula e comprimiu uma das rabanadas levemente. A manteiga apareceu na superfície da iguaria, fazendo-o sorrir novamente.

— A que devo essa gentileza? — perguntou.

— Apenas quis fazer algo diferente.

— Como sabia que eu ia descer?

— Calculei que o aroma das rabanadas poderia, eventualmente, acordá-lo.

Ela o conhecia bem, e essa era uma das razões que tornavam aquelas manhãs tão boas e agradáveis. Ambos viam-se também nas manhãs dos dias úteis, mas sempre com pressa. Ela correndo para o escritório depois de se despedir dele, que, por sua vez, dirigia-se ao computador para também iniciar seu dia de trabalho.

Mas as manhãs de sábado eram sempre especiais. E ele gostava de partilhá-las com Layla.

— Então... — ela começou, ainda olhando o jornal.

— Sabe o que acontecerá no próximo sábado?

Henry sabia e, após engolir, respondeu com orgulho:

— O casamento de Gina e Jack.

— Certo. E o que mais se comemora no próximo sábado?

Ele não se lembrava. Não era justo uma charada logo pela manhã. Especialmente se as rabanadas fossem uma armadilha. Não estava preparado para aquilo. Não era certo destruir um sábado logo nas primeiras horas da manhã.

— O quê? — perguntou.

— Realmente não sabe? — Layla murmurou, decepcionada.

Ele se esforçou em uma busca frenética. Cinco de junho. O que havia em cinco de junho? Por que era um dia importante? O que acontecia em cinco de...

— Ah! É claro, cinco de junho.

Layla sorriu. Era evidente que esperava que ele se recordasse. Não era uma charada, mas a deixa para a surpresa seguinte.

— Cinco de junho, seis anos atrás.

— Eu me lembro — Henry afirmou.

— Você me levou àquela pequena lanchonete em Georgetown, perto da avenida Wisconsin.

— Nosso primeiro encontro — ele finalmente disse o que ela queria ouvir.

— Teve que pedir dinheiro emprestado a seu colega de quarto.

— Brian emprestou-me o cartão de crédito.

Ele tampouco tinha dinheiro. Foi um ótimo colega de quarto.

— Sabe por que toquei nesse assunto? — perguntou ela, deixando-o preocupado.

Não... Ele não sabia. Sentia-se perdido e não conseguia imaginar o motivo. Fazia tempo que se presenteavam no dia cinco de junho, ele sempre lhe dava um belo ramalhete de rosas. Jantavam apenas os dois, em um lugar simples, e tomavam uma garrafa de um bom vinho. No ano anterior, haviam pedido champanhe. Mas, naquele instante, tudo o que podia oferecer a ela era um olhar vazio.

— Bem... — Layla prosseguiu. — Eu trouxe esse assunto à baila, Henry, porque no próximo sábado completará seis anos que estamos juntos. E... creio que seja tempo de oficializarmos nossa relação.

Ele a encarou por um longo segundo antes de baixar os olhos para o prato novamente. Observou os pedaços restantes da rabanada. Fora a iguaria que o colocara naquela situação.

— Henry, olhe para mim. Estou falando a sério.

Mas ele apenas conseguiu fitar as pernas dela. Céus, que pernas lindas Layla tinha!

— Está bem, não me encare se não quiser, mas repito que é sério — ela insistiu.

Finalmente, ele a olhou, tentando falar alguma coisa coerente.

— Eu... Não pensei que...

— Eu pretendesse me casar? — ela concluiu. — Moramos juntos, nosso relacionamento é perfeito, fazemos sexo e preparamos o café da manhã um para o outro. Sem casamento. Certo?

Ele concordou em silêncio. Sentia-se exatamente daquela maneira.

— Está enganando a si mesmo — ela argumentou, sem dar tempo para uma resposta. — Sinto muito ter abordado o assunto dessa maneira, mas eu precisava chocá-lo para provocar uma reação. Está preparado?

Henry duvidava, mas assentiu.

— Con... tinue — gaguejou.

— Você tem uma semana para pensar a respeito.

— Uma semana?! Você me fala sobre casamento em uma manhã de sábado e me dá uma semana para tomar uma decisão?

— Henry, já se passaram quase seis anos. Na verdade, cinco anos e trezentos e cinqüenta e oito dias. É o tempo que estamos juntos. Vou fazer trinta anos em agosto. Muitas mulheres necessitam se casar aos trinta, sabe? E muitos casais se unem bem antes de completarem seis anos juntos.

— Sim, mas...

— Nada de mas. Uma semana. Iremos ao casamento de Jack e Gina. E... se você não tiver tomado uma decisão até a hora em que ela jogar o buquê, voltaremos em carros diferentes. E, ao chegar a esta casa, não mais me encontrará.

— Não pode estar falando a sério — ele disse.

— Sim, estou. É o prazo final, Henry. Aquele buquê cairá no chão ou nas mãos de alguma madrinha desesperada e... se você ainda não tiver uma resposta para mim, esqueça-me.

— Não podemos conversar a respeito?

Layla se pôs de pé, carregou seu prato e a xícara de café até a pia e se virou para sair da cozinha.

— Claro que sim — ela afirmou. — Podemos passar a semana toda falando sobre esse assunto. Podemos conversar durante a viagem até o Maine e a noite toda antes de a noiva atirar o buquê. — Parada à porta, olhava para a parede. — Bem... Vou me vestir para encontrar Susan e Gloria. Vamos jogar golfe. Fique à vontade para refletir sobre o que acabo de dizer.

Ele nada disse quando o amor de sua vida o beijou na cabeça e saiu. Ainda não terminara a rabanada, que naquele momento não mais lhe apetecia. Permaneceu sentado durante cerca de dez minutos, antes de, finalmente, levantar-se e começar a pôr a louça na máquina de lavar. A colher de café que Layla havia usado ainda estava na mesa, ao lado das palavras cruzadas preenchidas. Quando se curvou para pegá-la, uma palavra lhe chamou a atenção: "DILEMA".

Sim, ele pensou. Tinha acabado de mergulhar em um dilema.

— Então, deixe-me entender direito — Pete disse. — Se não a pedir em casamento até o momento em que Gina atirar o buquê...

— Ela vai embora — Henry concluiu, olhando Pete colorir com giz de cera o desenho de um coelho.

— Uau... — Pete murmurou, os olhos fixos na pintura. — Que droga!

Naquele momento, Henry achou que o amigo talvez não fosse a pessoa adequada para aconselhá-lo.

Havia telefonado ao amigo naquela manhã e marcado de almoçarem juntos porque precisava falar do ultimato.

— Então... — disse, tentando despertar a atenção do amigo. — Agora sabe por que eu quis almoçar com você.

Pete depositou o giz na mesa e recostou-se na cadeira para apreciar seu trabalho. Depois de um momento, olhou para Henry.

— Sim, entendo sua situação. Esse caso é sério. O que pretende fazer? Vai ao casamento com ela?

— Sim. Estamos juntos há seis anos. Não tenho certeza se eu saberia convidar outra pessoa. Além disso, se agisse desse modo, estaria dando a resposta antes do prazo, não estaria?

— Sim — Pete concordou. — Então, você precisa fazer uma auto análise ou coisa parecida.

— Certamente. Mas eu gostaria de conversar a respeito com meus amigos. O que você

acha?

Pete ajeitou-se na cadeira e pensou durante alguns segundos.

— Parece-me uma situação esquisita. Mas também é estranho se relacionar com alguém durante seis anos e não propor casamento.

Tentado a agradecer a Pete por ser objetivo, Henry continuou a interrogar o amigo:

— Obrigado, mas acho que estou mais interessado em informações. Por exemplo, como soube que desejava se casar com Catherine?

— Essa é uma boa pergunta. Não acho que seja um daqueles momentos em que temos a sensação de ser atingido por um raio, se entende o que quero dizer. Nem como se estivéssemos caminhando no deserto e ouvíssemos uma voz nos orientar.

— Certo — Henry concordou. — Depois de seis anos, ainda não sei o que desejo, mas é bom ouvir a opinião de outra pessoa.

— Sabe o que aconteceu comigo? — Pete parecia pensativo. — Foi a nossa cozinha.

— Sua cozinha?

— Sim, parece tolice, mas é verdade. Como sabe, Catherine e eu morávamos juntos naquele apartamento na cidade e estávamos reformando a cozinha. Nossa conversa girava em torno de piso e madeira para os armários, onde colocá-los, que fogão seria melhor e coisas do tipo. Foi aí que cheguei à conclusão.

— Não entendi, Pete.

— O que quero dizer é que reformamos nossa cozinha e eu poderia não dar valor ao fato. Mas estava fazendo alguma coisa com Catherine, e a sensação era ótima. Era ela e eu, montando a cozinha, nossa cozinha, juntos. E foi legal.

Aquilo fazia algum sentido para Henry, que recentemente reformara dois banheiros da casa. Lembrou-se de Layla escolhendo os azulejos e até as toalhas de mão que penduraria. Recordou-se de como os pés dele doíam depois de outro sábado na loja de material de construção. E não se lembrava de ter ficado enfadado. Talvez fosse um bom sinal.

— Acho que compreendo.

Não fora perda de tempo, Henry disse a si mesmo. A conversa de Pete a respeito da cozinha havia sido proveitosa. Era algo a pensar depois do ultimato dado por Layla. Parecia surpreendentemente maduro, vindo de um homem que coloria um desenho todos os dias durante o almoço. Mas ali residia o problema. Até que ponto Pete podia ser levado a sério?

Henry refletia enquanto se dirigia ao campo de golfe; não onde Layla estava jogando. Geralmente, aos sábados, ele se encontrava com ela e jogavam um pouco ou caminhavam pelo clube e depois tomavam um drinque.

Mas, naquele dia, não lhe pareceu uma boa idéia. Não sabia se queria jogar ou apenas

andar sem rumo ou mesmo ficar sentado no banco do carro, no estacionamento. Sabia apenas que não queria ver Layla. Não naquele momento. Não depois do que acontecera naquela manhã.

Ele a veria mais tarde, então conversariam. Sendo assim, tomou a direção do campo de golfe público, onde não conhecia quase ninguém. Ia até lá quando preferia jogar sozinho. Era nessas ocasiões que tinha os melhores pensamentos. Sempre reservava tempo para si próprio e valorizava os momentos de solidão.

Layla não se espantou com o fato de Henry não ter aparecido no clube para jogar nem para tomar um drinque com ela. Preparava-se para ser paciente com ele na semana que estava por vir. Afinal de contas, desejava muito se casar. Por que outro motivo haviam ficado juntos durante seis anos? E, com Susan falando a seu ouvido o dia todo a respeito de que aquele ultimato ia afastá-lo, precisava ter em mente que seria muito importante manter um ambiente agradável para que Henry pudesse tomar uma decisão sem mais pressão. Essa fora a razão de ter feito as rabanadas, embora estivesse certa de que ele havia interpretado o gesto como um truque, uma artimanha.

Ficou admirada por ele não estar em casa quando ela chegou. Entrou em pânico, imaginando se o ultimato o havia afastado logo no primeiro dia.

Chamara-o uma vez da porta da frente, mais uma vez quando deixou as chaves no balcão da cozinha e outra no começo da escada, antes de procurá-lo.

Mas não havia nenhum sinal de que ele tivesse partido para sempre. Tudo estava no devido lugar no armário de Henry. Não faltava nenhuma mala, a escova de dentes estava no lugar adequado, ao lado da dela. Layla olhou-se no espelho e notou que seus cabelos ainda estavam presos em um ridículo rabo de cavalo. Era um ponto positivo o fato de Henry não se encontrar em casa; pelo menos ela teria tempo de se arrumar antes que ele chegasse.

Era até engraçado, pensou. Depois de tantos anos, ainda tentava impressioná-lo. A maioria das garotas que viviam com seus companheiros durante seis anos não mais se preocupava com esse tipo de coisa. Mas a maioria já estava casada e tinha filhos. Às vezes Layla gostaria de saber se aquele era o plano de Henry: evitar se casar com ela para que o encanto não acabasse. E, se fosse assim, tinha de admitir que não era um plano ruim.

Após se despir para tomar banho, notou o que estava errado. Os pequenos e teimosos "pneuzinhos" ao redor da cintura que os exercícios não extinguiam. Mas, no geral, seu corpo era o mesmo de quando tinha vinte anos de idade. Não podia reclamar. Orgulhava-se das pernas, resultado de cinco anos de corrida, seis dias por semana, sem falhar. Tinha esperança de que a atividade a ajudasse a retardar a inexorável ação da idade. Até aquele momento, surtia efeito.

Percebendo que se admirava, nua, diante do espelho do banheiro, saiu do transe e entrou debaixo do chuveiro, lugar onde tinha as melhores idéias.

Amava a vida que levava ao lado de Henry. No entanto, estava lidando com seu relógio biológico e precisava agir.

Na semana anterior, quando Gloria havia discursado a respeito da passagem do tempo, Layla achou que era chegada a hora de tomar uma atitude.

— Pense a respeito — Gloria dissera. — Você vai fazer trinta anos. Digamos que amanhã ele decida que o relacionamento de vocês acabou. Por qualquer motivo: outra mulher, crise da meia-idade...

— Credo! — Layla parecera surpresa.

— Ei, estamos sendo realistas — Gloria argumentara.

— De nada lhe adiantará fantasiar que irá ter uma vida perfeita para sempre. Esse tipo de fato acontece todos os dias com mulheres iguais a você.

— Quer dizer a mulheres que trabalham?

— Refiro-me a mulheres tolas.

— Isso não foi nada simpático — Layla havia opinado. Os olhos de Gloria tinham brilhado de determinação ao espetar o garfo na salada que seria seu almoço.

— Voltemos ao assunto principal. Digamos que Henry amanhã a deixe por qualquer motivo. Você terá de encarar três sólidos anos antes de poder ter filhos.

Aquele pensamento deixara Layla atordoadas. Não fora capaz de fazer nenhum comentário, especialmente porque Gloria continuara discorrendo sobre seus argumentos:

— Seis meses, no mínimo, para superar um relacionamento de seis anos e estar preparada para encontrar um homem decente. Oito meses para descobrir se o sujeito combina com você. Caso ele não seja a pessoa mais indicada, terá perdido oito meses, voltando à estaca zero. Um ano para planejar o casamento, presumindo que ele fará a proposta depois de oito meses de namoro. Nove meses para ter um bebê, supondo-se que ele queira começar uma família logo, e que você fique grávida na lua de mel. Somam-se trinta e cinco meses, Layla, com tudo transcorrendo na maior perfeição — Gloria tinha falado, mastigando um grande pedaço de tomate. — Isso se Henry a abandonasse amanhã. E se você lhe desse mais um ano ou dois para que tomasse uma decisão e então ele a largasse? Sugiro que resolva essa situação o quanto antes.

Layla sabia que Gloria estava certa. A amiga era dura, mas correta. Consequência do trabalho como advogada. Havia feito uma análise brutalmente objetiva.

Ao voltar para casa, sabia que alguma coisa tinha de ser feita para que Henry tomasse uma decisão. O resultado poderia ser doloroso, especialmente se o ultimato afastasse o amor

de sua vida. Contudo, tinha de agir. Não sabia quantas vezes, naqueles seis anos, pensara em tomar uma atitude. Agora, com o casamento de Gina e Jack se aproximando, era a oportunidade perfeita para resolver a questão.

Naquele final de tarde, esperava encontrar Henry ao chegar em casa. Passara o dia ponderando e analisando a situação e, em um vislumbre, tinha fantasiado ser recebida com rosas, velas perfumadas, música suave e o namorado de joelhos oferecendo-lhe um anel de diamante. Mas logo afastou o pensamento, sabendo que era quase impossível. Caso realmente acontecesse, preferia ficar surpresa a decepcionada. Pôs-se então a imaginar respostas para as perguntas que ele poderia lhe fazer e terminou ainda mais frustrada por ele não estar casa.

Tampouco fez planos para o jantar, o que não era comum na noite de sábado. Enquanto secava os cabelos, ela pensou em ligar para o celular de Henry. Mas decidiu esperar um pouco. Tudo para não pressioná-lo. Envolta no roupão, sentou-se na ponta do sofá e apontou o controle-remoto para a televisão. Passava pouco das cinco horas e ela imaginou que, provavelmente, Henry fora jogar em River Dunes. Daria-lhe ao menos mais uma hora.

Em River Dunes, Henry estava tentando fazer dez metros por arremesso no décimo sexto buraco. A tacada foi direta e a bola subiu a elevação, mas teria sido mais fácil se John Stuart não houvesse agitado a bandeira sobre a cabeça em um esforço para lhe atrapalhar a concentração. O som das vaias que se seguiram chocou Henry, que não havia percebido que John tinha usado um velho truque da época de estudante para distraí-lo. E o time todo caiu no gramado às gargalhadas. Joe até chorava de tanto rir.

— Desculpe — John pediu entre uma risada e outra.

— Filho da mãe! — Henry esbravejou. — Agora estou contente por ter pisado em sua bola na elevação do buraco doze.

Mais risadas.

Henry não se lembrava da última vez em que se divertira tanto em um campo de golfe. Exceto pelo fato de que estava apreensivo quanto a seu relacionamento com Layla.

Havia feito confidências a John depois que este lhe perguntara se era casado. Contou em detalhes a conversa que Layla tinha tido com ele. John ouvira a história toda sem interrompê-lo.

Porém, quando haviam terminado o primeiro buraco, John deu novamente um tapa nas costas de Henry e fitou-o.

— Meu amigo, se é a respeito de casamento que deseja conversar, está falando com a pessoa certa. Sou o que se pode chamar de aficionado.

Pensando no que poderia ser um "aficionado por casamento", Henry foi interrompido pelo grito reverberante de John, à chegada do carrinho de golfe que tinha um toldo verde e um grande refrigerador atrás, cuja motorista era uma jovem loira, que vestia um short caqui.

— Aqui! — John gritou, acenando com os braços, fazendo os jogadores dos outros grupos parecerem confusos e furiosos. —Aqui!

Aterrorizada, mas convencida de que venderia alguma coisa, a garota loira dirigiu o carrinho até o segundo buraco, onde Henry, Joe e John esperavam para fazer os lances seguintes.

— Vamos precisar de cerveja para animar nossa conversa, Henry — disse John, que mostrou à garota duas notas de vinte dólares e, imediatamente, começou a encher a geladeira do próprio carrinho com latas da bebida.

Por volta do décimo sexto lance, o grupo tinha esquecido qualquer objeção que pudesse ter a respeito da farra da cerveja. Quatro horas bebendo, rindo e lançando bolas medíocres fizeram com que os amigos fossem os mais negligentes do campo de golfe. A bebida também ajudou John a falar de todas as esposas que tivera.

Começou por Linda, a primeira mulher com a qual tivera dois filhos.

— Olhando para trás, admito que ela foi a melhor — revelou ele, saudoso. — Talvez deixá-la tenha sido meu maior erro.

Continuou com a devotada Ginger, que fora sua secretária e a segunda esposa. Aparentemente, Linda o surpreendera com Ginger, assim como o deixara aturdido ao partir levando as crianças. Então, John achou que deveria se casar com Ginger, já que o preço que tivera de pagar tinha sido alto. O casamento durara apenas dois meses e a melhor coisa que John pôde dizer foi que conseguiu lhe dar menos dinheiro do que ela pretendia extorquir com o divórcio.

E assim, ele passou o quarto e quinto buracos, falando da terceira esposa, Leilani, que ele conhecera em férias no Havaí. Casaram-se em Las Vegas depois de passarem duas semanas na cama. De algum modo, tinham permanecido casados durante dois anos. John acreditava que havia sido devido as suas constantes viagens de trabalho e aos casos que ela tivera com pelo menos três vizinhos durante o segundo ano de casamento "feliz".

— Eu poderia ter ficado com ela — ele acrescentou. — Sabe, sexualmente, quero dizer.

Naquele momento, todos se puseram a falar ruidosamente. John riu, mas manteve a seriedade do assunto.

— É verdade — afirmou. — Leilani era uma mulher doce. Apenas gostava de sexo em demasia. Acho que se mudou para o Havaí.

O mais surpreendente a respeito de John era que, bêbado como estava e com tantas histórias sobre seus casamentos atordoantes, seu equilíbrio não oscilava. Enquanto o restante do grupo errava as tacadas e ria cada vez mais, ele continuava bebendo, falando e fazendo belas jogadas.

Depois que o grupo atingiu o sétimo buraco, ele despertou o riso de todos ao dizer "...então minha quinta esposa...".

— Diabos! — Joe exclamou. — Quantas são?

— Cinco — John respondeu, indiferente.

— Cinco! — Joe se admirou. — Inacreditável!

E John se pôs a falar da quinta mulher, Carla, que tinha quarenta anos como ele. Haviam se conhecido em um jogo de beisebol em que os filhos de ambos participavam. Saíram algumas vezes, embebedaram-se, voaram para Las Vegas e se casaram. No vôo de volta para casa, haviam concluído que o casamento tinha sido uma má idéia, mas que tentariam fazer com que desse certo.

— Mais uma lição — ele falou. — Não case com alguém por causa dos filhos.

Aquele argumento fugia da compreensão de Henry. Era um homem que havia deixado a faculdade com uma bela namorada que nunca o pressionara a respeito de casamento, até aquela manhã. Agora escutava os relatos de um colega de equipe que se casava por esporte. Era agradecido pelo esforço de John, mas não imaginava como aquelas histórias poderiam ajudá-lo. John nada dissera de significativo e flertava com a garota do carrinho de cerveja como uma possível esposa número seis. O grupo parou para almoçar depois do nono buraco. Sentaram-se em um banco para comer seus hambúrgueres e esperar que o grupo da frente passasse pelo décimo buraco. Henry achou, então, que era tempo de fazer uma pergunta.

— John... — chamou o companheiro. — Estou com algumas dúvidas. Devo me casar? Ou sugere que eu me case inúmeras vezes?

Espocaram risadas de todos os lados.

John explicou que não tinha nada contra o matrimônio, apenas não fora capaz de fazer com que pelo menos um de seus casamentos fosse bem-sucedido.

— Se você tem uma boa mulher, conserve-a — aconselhou. — Não passe a vida a procurá-la.

Mais uma opinião questionável, Henry pensou. John era mais velho do que ele, parecia ter se casado com quase todas as mulheres que conhecera e naquele exato momento estava completamente bêbado.

Depois das filosóficas meditações de John, abandonaram o tópico casamento e apenas jogaram.

No décimo sexto buraco, quando John passou a bandeira acima da cabeça de Henry, este decidiu parar de pensar no ultimato de Layla.

Faltavam quinze minutos para as sete horas quando Layla ouviu Henry pôr a chave na fechadura da porta da frente. Desceu a escada correndo para recebê-lo, tentando decidir se demonstrava irritação ou alívio. Ficou com a primeira opção, já que passara a última meia hora ligando para ele.

— Olá, querida — Henry disse quando ela abriu a porta. — Cheguei.

Layla o fitou durante um segundo antes de lhe dar as costas e voltar para a escada.

— Está nervosa? — ele perguntou inocentemente, ainda na soleira da porta.

Ela não respondeu.

— Acho que é um "sim" — Henry resmungou para si mesmo. Então, indagou mais alto: — Posso entrar?

Mais uma vez não houve resposta.

— Desculpe-me — ele pediu, os olhos vítreos tentando se fixar nela, que permanecia parada à escada.

— Eu deveria ter telefonado... Sinto muito.

Observando-o, Layla, enfim, falou:

— Acho que não sairemos para jantar esta noite.

Ele riu e se jogou sobre as almofadas do sofá, tirando os sapatos de golfe.

— Que barulho é esse? — Susan perguntou do outro lado da linha telefônica.

— É Henry roncando — Layla respondeu. — Espere um pouco, vou lá para baixo.

Ela não estava preocupada em despertá-lo. Poderia aterrissar um 747 no quarto, que ele, provavelmente, não acordaria. Não se mexera nem quando ela o tinha cutucado. Não havia se incomodado com a luz, acesa desde as oito horas da manhã, quando ela despertara e, sem conseguir conciliar o sono novamente, tinha decidido ler. Lia havia duas horas e ficou agradecida ao ouvir o toque do telefone. Esperar que Henry acordasse, sem dúvida nenhuma, seria perda de tempo.

— Parece que há alguém trabalhando em sua casa com uma serra elétrica — Susan brincou.

— Não — Layla respondeu, enrolando-se no roupão e descendo as escadas.

— É o meu garoto. Ele ronca quando bebe.

— Henry chegou em casa bêbado?

— Não me lembro da última vez em que ele se embebecou — Layla falou. — Geralmente, ele não bebe muito.

— Acha que o apavorou?

— Sim. Mas foi necessário.

Ela estava na cozinha e riu.

— O que é engraçado? — Susan perguntou.

— Acho que alguém teve fome no meio da noite. Havia quatro pratos diferentes na mesa da cozinha, cada um evidenciando tentativas de lanche. Um deles continha um pedaço de torta de morango que derretera no microondas. Notava-se apenas uma mordida em um dos lados.

Em outro prato, tinha metade de uma fatia ressecada de pizza de pepperoni. O terceiro exibia um pedaço de peito de frango sem osso que não tinha sido descongelado o suficiente para ser ingerido. E o quarto e mais cômico continha uma caixa de comida chinesa que não fora aberta. Tampouco parecia ter ido ao microondas, o que indicava que, naquele ponto, Henry desistira de comer.

A estimativa de Layla era que a rendição havia acontecido por volta de uma da manhã, hora em que Henry subira as escadas. A tentativa de não fazer barulho tinha sido lamentável, especialmente no momento em que ele escorregou na escadaria, batendo o cotovelo na parede e xingando tão alto que podia ter acordado os vizinhos. Determinada a não auxiliá-lo, ela permaneceu na cama, virando-se de costas para a porta. Em um aparente gesto de cortesia, ele não acendeu a luz do quarto nem do banheiro, mas foi pior, pois apalpou ruidosamente o armário de remédios, provavelmente à procura de algum analgésico. Cinco diferentes frascos caíram na pia. Não encontrando o que desejava, ele escovou os dentes e, na escuridão, foi para a cama.

Antes de se deitar ao lado dela, conseguiu tirar a calça. Henry dormiu de cueca, camisa e um pulôver que usara para jogar. Cinco minutos depois, começou a roncar. Layla o olhou, notando que estava descoberto. Levantou-se e o cobriu.

— Você o cobriu? — Susan indagou. — Que lindo! Vê? Realmente o ama.

— Eu nunca disse que não o amava. — Layla suspirou. — Nem quero pensar em viver sem ele. Mas... — Calou-se.

— Isso tudo é culpa de Gloria — Susan opinou, com certa maldade. — Eu disse a ela que não a perturbasse, agora veja o que aconteceu.

— Oh, não é culpa de Gloria. Eu chegaria a esse ponto com ou sem os comentários dela. Não sei como eu poderia viver sem Henry, mas alguma coisa tem que mudar. Não dá para continuar dessa maneira.

— E o que vai fazer hoje? — Susan perguntou. — Está chovendo.

— Bem, eu esperava que Henry acordasse para conversarmos sobre nossa situação, mas creio que isso não vai acontecer tão cedo. Portanto, não sei. Talvez pudéssemos fazer

alguma coisa. Tem alguma idéia?

— Na verdade, não — Susan respondeu. — Espere... Que tal se saíssemos para beber. Brigar embriagada por cerveja, o que acha?

— Pode ser engraçado. Vou ligar para Gloria e ver se ela está a fim.

— Certo. Avise-me depois.

Ainda no sofá, Layla começou a folhear um álbum de fotografias que mantinha na mesa de centro e encontrou algumas cartas que Henry lhe escrevera quando estava fora, em um lançamento de livro. Cartas e cartões-postais. Selecionou um que ele tinha enviado de Boston. Na frente, a foto de uma atração turística e, no verso, escrito à mão, uma mensagem de amor que a emocionara. Leu novamente e mais os dois primeiros parágrafos de uma carta. As palavras de Henry... Bem, eram como ele: encantadoras, cheias de emoção, espontâneas, tocantes. Ele podia fazer com que o leitor se sentisse envolvido e até abraçado.

Mas, na realidade, necessitava se lembrar de que estava irritada com ele. Assim, fechou o álbum e levantou-se do sofá. Pensou em limpar a cozinha, mas decidiu deixar que ele o fizesse. Não havia garantia de que o serviço fosse feito, mas não era adequado se dedicar aos trabalhos domésticos com raiva. Além disso, seria uma amostra da rotina diária que Henry teria de enfrentar se ela não estivesse ali para cuidar da limpeza.

— Certo — Gloria disse alguns minutos depois, ao telefone. — Sacuda-o. Vire o relacionamento do avesso. Daqui a uma semana, você saberá o que realmente significa a Henry, querida. Se ele é seu príncipe encantado ou não. Pelo amor de Deus, não lhe dê mais tempo.

Gloria era sua tábua de salvação nesse tipo de assunto. Era a análise fria que Layla estava determinada a seguir até o sábado seguinte. Susan a confortava, dizendo que tudo correria bem, tentando incentivá-la. Também ia precisar dela nos próximos dias. No entanto, Gloria enfocava a realidade, dizia que... sim, aquele jeans a deixava gorda e que seria melhor experimentar outro.

O bom-senso e a praticidade de Gloria faziam com que Layla sempre recorresse a ela quando precisava discutir o relacionamento com Henry. Sabia que tinha de ser sensata ou perderia o controle da situação.

— Acho que preciso sair de casa hoje — admitiu depois de pôr a amiga a par dos acontecimentos da noite anterior.

— É claro que sim — Gloria concordou. — Vamos nos embebedar antes que volte para ele.

— Susan sugeriu a mesma coisa. Pelo menos nisso vocês duas estão de acordo.

— Oh! — Gloria exclamou. — Talvez eu deva reconsiderar minha posição.

— Na verdade, não sei se é uma boa idéia sairmos para beber — Layla falou. — Mas creio que eu não deveria estar em casa quando ele acordasse.

— É claro que não! Jogue duro. Tome um banho e saia de casa. É quase meio-dia, pelo amor de Deus!

— Está bem. Aonde iremos?

— Ao Tuxedo — Gloria propôs.

— O bar dos esportistas?

— Sim, por que não? Haverá o jogo dos Knick.

— O jogo dos Knick? — Layla repetiu, incrédula.

— Sim, o jogo decisivo! — Gloria praticamente gritou.

— Além do mais, haverá muitos homens lá. Talvez você pudesse...

— Oh, por favor... — Layla a interrompeu.

— Desculpe. Estou pondo o carro adiante dos bois.

— Em uma semana, poderei estar noiva.

— Sim. Poderá. Desculpe-me.

— Tudo bem.

— Mas vamos sair e assistir ao jogo dos Knick. E ver os bonitões.

— Gloria!

— O quê? Susan e eu não estamos casadas. Nem noivas. Nem... qualquer coisa parecida.

— Obrigada.

— Tudo bem. Vamos nos encontrar lá ao meio-dia e meia. Ligue para Susan.

Depois de ter passado os detalhes do encontro a Susan, Layla tomou banho, escovou os dentes e vestiu uma calça jeans e uma camiseta branca. Achou preferível sair sem dizer aonde ia a Henry, mas ao observá-lo adormecido, decidiu que seria melhor acordá-lo.

Sentou-se na beirada da cama.

Ele não se moveu.

Gentilmente, tocou-o no ombro.

Nada. Continuou dormindo.

— Henry — chamou, no início em um tom de voz normal, depois mais alto.

— Henry!

Ele se virou, ficando de costas.

— Henry — ela tornou a chamar.

Naquele momento, ele ergueu a cabeça do travesseiro e abriu o olho esquerdo. Observou-a como se estivesse acordando do coma. Mas não disse nada.

— Vou sair — ela informou. — É meio-dia e quinze.

— É?...

— Volte a dormir se quiser. Eu apenas não queria que você acordasse e ficasse preocupado com minha ausência.

— Que... horas são?

— Meio-dia e quinze — ela repetiu, levantando-se da cama e dirigindo-se à porta.

— Espere! — ele pediu, sentando-se, ambos os olhos abertos. — Aonde vai?

— Vou sair com Gloria e Susan. Vamos assistir a um jogo de basquete em um bar.

— Vão a um bar? — ele perguntou, esfregando um dos braços.

— Sim. Por quê? Algum problema?

— Não, não. Desculpe-me. Eu...

— Tudo bem. Você tem o dia todo para se recuperar. Espero que não tenha esquecido que vamos jantar na casa de meus pais.

Esse jantar não seria bom, Henry pensou. Não do modo como ele estava se sentindo, não com o que acontecera no dia anterior.

— O que houve ontem? — ele perguntou.

— Como assim?

— Você me disse que eu tinha de pedi-la em casamento antes de Gina jogar o buquê no sábado? Ou foi apenas um pesadelo?

— Sinto muito, querido — Layla respondeu. — Não foi um sonho ruim. Foi real.

— Bem que eu desconfiava... Podemos conversar a respeito?

— Claro. Tanto quanto você desejar. Estive aqui ontem à noite e toda a manhã de hoje. Mas agora vou sair com minhas amigas.

— Hum... Está bem. Quando estará de volta?

— Perto da hora do jantar. Esteja pronto. Aquilo parecia uma ordem.

— Certo. Tenha um bom dia. Amo você.

A última parte parecia mais uma pergunta. Layla não se virou.

— Amo você também — ela disse.

E o ruído seguinte foi da porta da frente se fechando, seguido da partida do motor do carro de Layla.

Henry foi à beirada da cama, tentando reconstruir os fatos recentes. A manhã do dia anterior. O golfe. As cervejas.

Chegara em casa e tinha apagado?

Não se lembrava de nada. Estava confuso, envergonhado e sujo.

Precisava de ajuda.

Ligou para o irmão.

O apartamento de Jake não era uma visão agradável.

O divórcio não fora bom para o irmão de Henry, que agora vivia em uma residência pobre, onde a cozinha era perto demais da cama e o carpete tinha tantas manchas que não se podia saber qual era a cor original.

Era a primeira vez que Henry via o buraco de rato que funcionava como casa de Jake havia um mês e meio, e não tinha idéia de que fosse tão ruim.

— Jake — disse depois do choque inicial —, este lugar não é nada bom.

— Não se importe com isso, irmãozinho. — Jake chutou duas latas vazias de cerveja no chão, perto da porta.

— Bem-vindo à vida depois de Tanya.

Henry não era tolo e não levou muito tempo para perceber que viera ao lugar errado para pedir conselhos a respeito de casamento. Desse modo, decidiu não comentar sobre sua situação com Layla.

— Esse lugar estava assim ou se transformou nessa bagunça depois que você se mudou para cá?

— As latas de cerveja são minhas — Jake respondeu.

— O resto encontrei ao chegar.

— Jake, se precisa de dinheiro... — Henry começou a falar.

— Ah, cale-se. — Jake olhava para a geladeira. — Estou bem.

Henry ficou quieto durante alguns segundos, temendo já ter causado dano suficiente ao orgulho do irmão mais velho.

— Bem... — Jake finalmente quebrou o silêncio. — Deixarei que me pague o almoço.

No percurso em direção ao restaurante, não houve muita conversa.

— Ela levou tudo? — Henry perguntou, tentando colher informações.

— Não — Jake respondeu, lacônico. Continuaram em silêncio até chegarem. Ao se acomodarem em uma mesa, Jake pareceu disposto a conversar.

— Como está o livro?

— Progredindo — Henry respondeu. — Tirei o fim de semana livre.

— Então não está progredindo muito.

Jake tinha razão. Henry não costumava tirar dias de folga, nem mesmo nos finais de semana, quando realmente estava inspirado.

— É verdade. Alguns livros são mais fáceis do que outros.

— Como vai Layla?

— Está bem. Jake, se preferir falar a respeito do que está acontecendo com você...

— Ah... Pare. Viu o lugar onde moro. Acha que desejo tocar nesse assunto?

Henry deu de ombros.

— Agradeço — Jake falou. — Ligarei para você quando eu precisar conversar. Atualmente, estou apenas me dando um tempo.

Jake devorava pedaços de pão e olhava ao redor para ver se a sopa pedida estava para ser servida.

— Está bem — Henry concordou.

— Então, como realmente vão as coisas com Layla?

— Quer mesmo saber?

— Como assim?

— Quero dizer que poderá trazer à baila um assunto doloroso.

— Irmãozinho, pare de rodeios.

— Bem... — Henry começou. — Layla me disse ontem que deseja se casar.

Durante seis segundos, Jake o fitou. O tempo que o garçom levou para pôr o prato de sopa de tomate a sua frente e se afastar. Então, ele começou a rir, e continuou até que a sopa esfriasse.

Finalmente, acalmou-se e afirmou:

— Irmãozinho, você está perdido.

— Obrigado — Henry murmurou. — Eu já previa estar falando com o sujeito errado.

— Ei, não é isso — Jake se defendeu. — Sei que me casei com a mulher errada, mas existem outras boas. Assim como sei que você não é azarado como eu.

— Mas?

— Acho que deve me ouvir antes de ir mais longe. Henry suspirou.

— E o que tem para me dizer? — perguntou.

— Casamento — Jake falava entre colheradas de sopa — é penoso demais.

— Achei que essa fosse sua opinião a respeito do divórcio.

Henry sentia a cabeça latejar. Talvez devido à ressaca. Não passara bem o dia todo ou pelo menos durante a hora e meia depois de acordado. O que realmente necessitava era do hambúrguer suíço com cogumelos que havia pedido.

— Não — Jake murmurou. — Todos sabem que o divórcio o arruina. Refiro-me a quanto custa casar. Apenas para ter uma simples e feliz família.

— Certo. Então, conte-me.

— Começa com o anel. Já viu o preço de um anel de noivado?

— Não — Henry respondeu. — Eu não pretendia me casar por enquanto.

— Bem, faça-me um favor. Vá a algumas joalherias amanhã. Consulte os preços e ficará de queixo caído até conseguir pôr os pés do lado de fora. Lembre-se, o anel tem que ser verdadeiramente bonito.

Henry concordou. Parecia uma boa idéia ir a um lugar onde o matrimônio era encarado como um fato feliz.

Durante o restante do almoço, Jake continuou discorrendo como era dispendioso se casar, ter filhos e partilhar a conta do banco. A cabeça de Henry latejava mais e o hambúrguer não tinha ajudado.

— A pior parte é que todas as brigas são relacionadas a dinheiro. Não importa que Layla seja uma advogada de sucesso ou quantos livros você venda. Sempre há contas a ser pagas. Sempre haverá noites desconfortáveis quando você faz cálculos, ela pergunta qual o resultado, e você não quer dizer porque acredita que tem tudo sob controle. No que está enganado. Não há como esconder. Estão partilhando o mesmo dinheiro. Se você tem pouco dinheiro, ela também tem pouco. É aí começa a briga.

— Mas seus desentendimentos não eram sobre dinheiro — Henry argumentou.

Jake agora atacava um pedaço de pudim de leite.

— Eu lhe disse antes, não estou me baseando em minha própria experiência apenas. Converse com qualquer pessoa casada. Pergunte-lhe se briga com o cônjuge por causa de dinheiro. Encontrará dois tipos de respostas, afirmativa e negativa. Os que negarem estarão mentindo.

Henry estava determinado a não se deixar influenciar, mas era difícil. Um pouco depois de vinte e quatro horas que Layla lhe dera o ultimato, ele tinha conversado somente com pessoas que faziam brincadeira a respeito do assunto ou que consideravam o casamento um desastre. Necessitava encontrar alguém casado e feliz, caso contrário passaria a semana cada vez mais convencido a permitir que Layla partisse.

Pagou a conta e levou o irmão de volta ao apartamento, pois Jake queria se lastimar, e queria fazê-lo sozinho, em seu buraco de rato, com sua cerveja e a própria infelicidade.

Assim que o deixou, Henry dirigiu para casa pensando em seu livro. Sempre se sentia esquisito, inquieto, quando suas idéias sofriam um bloqueio. Acrescido de que a situação com Layla não ajudava. Na verdade, tornava tudo pior. Se não conseguisse terminá-lo, não sabia de onde viria o dinheiro para as despesas. Desse modo, seria difícil ver-se como um marido responsável.

Passando na frente do Tuxedo, por um segundo, pensou em parar para uma cerveja e

assistir ao jogo. Mas decidiu que já tomara cerveja demais no dia anterior e que poderia muito bem assistir à partida final cochilando no sofá. No bar haveria muita bagunça.

Capítulo II

— Que baderna! — Layla teve que gritar para ser ouvida por Susan no bar, onde tentava pedir uma segunda rodada de cerveja.

Ela não era do tipo que tinha dificuldades para ser atendida, mas o Tuxedo estava particularmente tumultuado naquela tarde de domingo.

Os Knick jogando contra os Yankees sempre atraíam multidões. Depois da primeira cerveja, Layla falou a Gloria que sentia vontade de ir para casa, mas foi convencida pela amiga a ficar por mais uma hora.

Não estava muito interessada no jogo. Além disso, as amigas conversavam sobre assuntos sérios.

— Deixe-me perguntar uma coisa, Layla — Gloria pediu.

— Tudo bem — ela concordou, tomando um gole de cerveja.

— Já pensou por que deseja se casar? Layla ficou séria e Susan começou a rir.

— O que foi? — Gloria interrogou Susan.

— Não é você que está tentando convencê-la a isso? — Susan questionou.

— Oh, está enganada — Gloria afirmou.

— Acho que entendi a pergunta — interveio Layla com calma.

— Obrigada. — Ainda olhando para Susan, Gloria relaxou na cadeira.

— Também me fiz essa pergunta. Muitas vezes. Para que casar? Henry e eu estamos bem assim, não estamos?

— Parece que sim — Susan disse, olhando para baixo.

— Sabem, nunca pensei nisso até cerca de um ano e meio atrás, quando minha mãe ficou doente.

Gloria e Susan fizeram silêncio, ambas observando Layla, que continuou:

— O modo como meu pai a tratava: sentava-se com ela, estava sempre presente quando mamãe acordava em casa ou na cama do hospital. É isso.

— Isso o quê? — Gloria perguntou, consciente de que estava liderando um testemunho.

— É encontrar uma pessoa e partilhar o resto da vida com ela. Um pelo outro, mesmo nos momentos difíceis — Layla esclareceu.

Gloria sorriu. Presumira que Layla necessitaria de ajuda para manter suas convicções

naquela semana difícil.

— Não tem mais nada a acrescentar? — Susan perguntou, esperançosa.

— Susan! — Layla exclamou. — Vocês duas estão unidas contra mim agora?

Susan recostou-se na cadeira, sorrindo. Um pouco constrangida, talvez, mas, ainda assim, encantada. Contrária aos planos de Gloria desde o começo por temer que aquilo arruinaria a vida de Layla, tinha desenvolvido uma súbita fascinação pelo que estava acontecendo.

Era a mais jovem do grupo, com seus vinte e cinco anos, e ainda convencida de que o homem e o casamento perfeitos existiam. Tratava-se de uma ruiva estonteante, de brilhantes olhos verdes e corpo escultural. Mas sua vida sentimental não era o que ela esperava, e os motivos se concentravam nas expectativas com que encarava os encontros amorosos, sempre em busca do príncipe encantando. Acreditava que saberia reconhecê-lo quando o visse. Por isso, não tinha muitos segundos encontros.

No caso de Gloria, às vezes Layla a comparava a uma bruxa. Faíscas pareciam sair das pontas dos dedos da amiga. Estava sempre pronta para brigar. Sua vida amorosa podia ser descrita como "agressiva." Era uma espécie de tirana que procurava homens que pudesse manipular. Fora casada uma vez durante cinco meses, mas havia largado o marido porque ele queria ter filhos. Layla ainda não tinha descoberto se Gloria encobria suas inseguranças ou se apenas gostava de ser a parte dominadora. No entanto, com os cabelos pretos e a pele mediterrânea, não tinha problemas em encontrar candidatos a namorá-la.

Layla, por sua vez, era a mais bela do grupo. Realmente, o trio era capaz de atrair os olhares masculinos em qualquer bar numa tarde de domingo.

E, naquele exato momento, um rapaz alto e bonito, de cabelos pretos ondulados e covinhas no rosto, sorria para elas. Gloria foi a primeira a avistá-lo.

— Layla, querida — Gloria chamou. — Acho que há alguém interessado em você.

Layla seguiu o olhar da amiga e viu o sujeito. Ele realmente era muito bonito e a encarava. Namorando o mesmo homem durante seis anos, não estava mais habituada a flertar em bares.

Tinha consciência de que olhavam para ela, mas não dava importância. Aquele rapaz, entretanto, transmitia-lhe alguma coisa. Uma sensação... De que seria?

Oh, já sabia! Familiaridade.

— Eu o conheço — ela disse.

— Conhece? — Susan perguntou, os olhos arregalados, já o vendo de smoking e imaginando se era do tipo que trocava fraldas.

— Sim — Layla afirmou, começando a sorrir. — Eu o vi no tribunal. E advogado.

Chama-se... Oh, droga, não me lembro!

— Bem... Parece que vamos ter uma chance de perguntar a ele — Gloria murmurou.

Sob os olhares das três amigas, o belo e sorridente rapaz se aproximava da mesa delas.

Lá chegando, apontou o dedo para Layla.

— Conheço você — ele disse. — Sally?

— Layla — ela o corrigiu.

— Ah... certo. — Ele estalou os dedos e desviou o olhar por um segundo. — Eu sabia que era o nome de uma canção de Clapton. Deveria ter me lembrado. Como pude esquecer?

— A canção favorita de meus pais — ela informou.

— Sou Ben.

Exatamente. Ele se chamava Ben, Layla lembrou-se de tudo.

Cumprimentaram-se, e ela se surpreendeu por não se sentir culpada.

— Sou Gloria e esta é Susan — Gloria interveio. Aquelas palavras tiraram Layla do transe.

— Oh, desculpem-me — ela pediu. — Gloria, Susan, este é Ben. Ele é advogado.

Ben as cumprimentou e perguntou se podia lhes pagar mais uma rodada de cerveja. Layla, que dissera que para-ria na segunda, surpreendeu-se sendo a primeira a concordar. Não podia ir embora, já que era a única do trio que ele conhecia.

Estava determinada a não ir para casa bêbada e dar motivos para Henry admoestá-la. No entanto, também queria se divertir um pouco. Se Henry podia sair, jogar golfe e se embriagar, por que ela não podia passar a tarde fora com amigos?

Enquanto todos esses pensamentos lhe passavam pela mente, Gloria e Ben foram ao bar pedir os drinks. Susan ficou, sorrindo. Ao lado dela, Layla começou a dizer alguma coisa, e Susan apertou seu pulso, repreendendo-a:

— Você não vai a lugar nenhum.

— Oh, não se preocupe. Isto está ficando interessante.

Duas horas depois, os Knicks haviam perdido dos Yankees, a multidão no Tuxedo diminuía, e Ben ainda se encontrava na mesa com elas. Aparentemente tinha vindo sozinho para assistir ao jogo.

Era um homem muito charmoso. Durante o tempo que permaneceu junto das três, além de conversarem sobre a partida, ele as manteve cativadas com as próprias histórias.

Antes de se tornar advogado, ele fora comentarista esportivo de um jornal da cidade de Nova York. Tinha visto muitos desses jogos de perto, conhecera vários atletas e sabia histórias de bastidores suficientes para manter as amigas rindo durante toda a tarde.

Layla terminou a terceira cerveja e rejeitou a quarta. Havia feito uma ou duas

perguntas durante as narrações, mas se sentia corroída por um pequeno sentimento de culpa e uma azia que a acometia ocasionalmente.

— Senhoritas. — Ben levantou-se da cadeira. — Preciso ir. Foi um prazer estar com vocês.

Trocaram apertos de mão. Susan riu. Gloria não manifestou nenhuma reação, e Layla olhou para baixo quando ele disse: "Espero vê-la outra vez". Ela nada comentou, e as duas amigas acenaram para ele em despedida.

— Uau! — Susan exclamou.

— Sim, ele é lindo — Gloria anuiu. — Olhem para aquele traseiro.

— Minha nossa! — Susan continuava, boquiaberta.

— Ruim demais — Gloria opinou.

— Como assim? — Layla perguntou, temendo já saber a resposta.

— Ah, minha querida. Ele estava na sua — Gloria respondeu.

— Você acha? Não percebi — Layla tentou disfarçar. Mas Gloria deu uma sonora gargalhada.

— Não pode estar falando a sério. Layla olhou para Susan, pedindo ajuda, porém esta também sorria e concordava vigorosamente.

— Desculpe-me, Layla — a amiga pediu. — Gloria está certa. Acho que qualquer pessoa no bar pôde perceber.

Até Susan, Layla pensou. O melhor a fazer seria tentar mostrar desinteresse.

— Bem, isso não importa. Como sabem, estou com Henry há seis anos e não quero começar outro relacionamento. Em uma semana, poderei estar noiva.

— Assim como também poderá estar solteira — Susan argumentou, e Layla encarou a amiga.

Susan levou a mão à boca assim que proferiu tais palavras. Gloria suspirou. Nem ela tivera coragem de dizer aquilo à amiga quando a oportunidade havia surgido naquela manhã.

— Oh, desculpe, Layla. — Susan estava arrependida. — Eu não quis dizer que...

— Tudo bem. — Layla ergueu a mão.

— Sinto muito mesmo — Susan insistiu, quando Layla levantou-se e começou a juntar suas coisas para ir embora.

— Realmente, está tudo bem — ela repetiu, tentando manter-se composta. — Tenho de ir. Falo com vocês amanhã.

— Certo — Gloria assentiu. — Dirija com cuidado. Enquanto se afastava, Layla pensou a respeito e concluiu que Susan tinha razão.

— Então, Henry, trata-se de um livro tipo John Irving? Owen Meany Garp ou algo semelhante?

— Alguma coisa desse tipo — Henry respondeu, desesperado para mudar de assunto.

Odiava discorrer a respeito de um livro que ainda não terminara, principalmente porque estava bloqueado. Deu alguns detalhes ao ser questionado e teria concordado com qualquer caracterização que o pai de Layla oferecesse como resposta.

Felizmente o assunto mudava com frequência no lar dos Starling. Na primeira vez que visitara a minúscula casa de três cômodos, Henry tinha se mostrado cauteloso. Vivera a vida toda em Nova Jersey, sem perceber que ali havia uma casa como a que abrigava os pais da mulher que amava.

Isso significava a completa ausência de ar-condicionado, ventiladores de teto ou qualquer aparelho que pudesse manter o lugar fresco no verão. Significava também falta de aquecimento central. Havia uma pequena lareira de barro e um grande suprimento de mantas para afastar o frio. James e Cindy Starling cozinhavam na lareira, jogavam o lixo em um monte no fundo do quintal, onde também se aliviavam em uma simples privada.

Devido à ausência de água corrente, os Starling se banhavam em um riacho que corria nos fundos da propriedade. Como não havia geladeira, apenas serviam comida preparada na hora. James Starling produzia a própria cerveja e a mantinha em jarras de barro sobre o gelo em um refrigerador improvisado. A cerveja não era boa, mas Henry sempre aceitava quando lhe era oferecida, assim que transpunha a porta sem fechadura. Afinal de contas, seria grosseria recusá-la.

— Esta tem sabor de cenoura — o pai de Layla disse naquela noite de domingo a um Henry cambaleante pela ressaca e pelo ultimato do dia anterior.

— Humm — ele murmurou, pegando o jarro de barro com as duas mãos. — Interessante.

Para seu horror, a descrição de James era acurada, e ele saboreava sua cerveja de cenoura, cuidadosamente. Nunca tomava mais que uma. Sua desculpa era sempre que tinha que dirigir de volta para casa, mas o problema era o gosto da cerveja e a determinação de nunca precisar usar a privada.

— Estamos cultivando mais produtos este ano — falou o pai de Layla.

— Reduzimos algumas árvores que estavam grandes demais e nosso jardim ficou três vezes maior. James apontava para fora sem olhar e não parecia se importar se Henry o fazia. Era como se tivesse apenas repetindo porque parecia bom. Henry olhou superficialmente, ainda no primeiro gole da cerveja de cenoura.

— Então, o senhor agora está cultivando cenouras?

— Sempre as cultivei — James respondeu.

Henry deduziu que, na verdade, o pai de Layla nunca havia tido idéia de que pudesse fazer cerveja com cenouras.

Layla lhe contara que os pais haviam sido hippies nos anos sessenta e setenta, mas tinham se tornado jovens urbanos nos anos oitenta. Quando Layla era adolescente, os pais trabalhavam na Wall Street e ganhavam muito dinheiro. A casa onde ela crescera era quinze vezes maior do que a atual onde os Starling moravam agora. Quando as filhas foram para a faculdade, eles venderam tudo e depositaram o dinheiro na conta de cada uma para custear os estudos e suprir qualquer necessidade que elas pudessem ter e voltaram a suas raízes hippies.

— Falamos com Cândida esta manhã — a mãe de Layla dizia na parte do cômodo que servia de cozinha.

— É mesmo? — Layla perguntou, ajudando a mãe a lavar alface nos baldes de água que traziam do riacho.

— Falei pouco.

Layla olhou para Henry e sorriu. Ele franziu a testa, apenas porque acabara de tomar outro gole da cerveja de cenoura.

Os Starling não tinham telefone, por isso, quando queriam fazer alguma ligação tinham que caminhar ou dirigir sua Toyota, híbrida de gasolina e eletricidade, até um local onde havia telefone público.

— Cigarro? — James indagou a Henry.

— Não, obrigado. — Ele recusou.

James deu uma longa baforada enquanto a esposa e filha debulhavam milho a alguns passos de distância. Henry olhou para uma pilha um tanto desequilibrada de livros a um canto, perto da rede de balanço.

— Então, James, o que está lendo esses dias? — indagou.

— Irving novamente. Todo o catálogo. — Foi a resposta. — Por isso lhe fiz aquela pergunta há pouco. Seu livro me remete a ele. Não sei bem por quê.

James lia tudo o que lhe caía às mãos. Naquela noite de domingo o haviam encontrado no meio de uma leitura. Pela primeira vez, Henry se sentiu desconfortável naquele casa. Nada tinha a ver com os Starling, suas excentricidades, nem com o espectro da privada assomando através da janela aberta da cozinha. Podia ser devido às páginas em branco do próprio livro ou à bomba que Layla havia lançado no dia anterior. Ainda não tinham conseguido conversar a respeito...

Naquele dia, Layla voltara no final da tarde do Tuxedo. Havia trocado de roupa

rapidamente e entrara no carro com Henry, que já estava pronto. Ainda abalado com o apartamento do irmão, ele teve pouco a dizer e nem mesmo imaginava como iniciar a conversa que deveriam ter.

Por sua vez, Layla, ainda impressionada com o encontro com Ben, achava que era Henry quem devia iniciar a conversa. O longo percurso foi permeado por apenas uma troca de idéias inúteis a respeito do caminho. Apenas desejavam quebrar o silêncio constrangedor.

Ao chegarem, o clima se desanuviou porque os Starling não tinham consciência do assunto que perturbava Henry e Layla.

Henry acreditava que os Starling não se incomodavam com o tipo de relacionamento entre ele e Layla, uma vez que a relação era feliz, embora não abrigasse planos concretos para o futuro.

Até o dia anterior, ele achava que Layla também pensava do mesmo modo.

Ele não se importava que Layla discutisse a questão com a mãe, já que era quase impossível ficarem longe uns dos outros naquela casa tão pequena.

Na verdade, ele via aquela visita como um intervalo no estresse em que haviam mergulhado desde a primeira mordida na rabanada. Ali, os dois podiam fingir que nada tinha acontecido, que era apenas mais um jantar de domingo. Ele poderia falar sobre livros com James, Layla poderia falar sobre a irmã com a mãe. Superando o estresse, até podiam ter uma chance de fazer sexo naquela noite.

Henry tinha consciência de que estava se precipitando nesse aspecto. Sexo fora muito bom antes do ultimato, mas no momento ele não sabia como lidar com a situação. Além disso, havia alguma coisa estranha no fato de a mãe de Layla insistir em falar da filha mais nova.

— Cândida e Derek farão o ultrassom amanhã — informou Cindy.

— Dessa vez vão saber o sexo do bebê? — Layla perguntou, olhando para a mãe com cautela.

— Sim. Na gravidez de Alex, acho que acabaram ficando tristes por não saber o sexo do bebê de antemão.

Alex era o sobrinho de Layla. Henry lembrou-se da saga de Cândida e seu marido ao decidir não usar a moderna tecnologia para saber o sexo da criança. Se tivesse filhos, ele iria querer saber o sexo.

Espere um minuto, pensou. Se tivesse filhos? O que significava aquilo?

Não era o tipo de pensamento que costumava ter. Seria possível que o ultimato de Layla o houvesse suscitado?

Ele estava no meio de um difícil gole da cerveja de cenoura quando Cindy falou da filha mais nova outra vez:

— Sabe, seria ótimo se nossas duas filhas nos dessem netos. — Ela olhava para o milho que estava debulhando.

Henry engoliu em seco, a cerveja raspando a garganta.

Fitou Layla, que o encarou parecendo horrorizada. Ele ficou assustado e um pouco irritado com a reação dela.

— Ah! — James exclamou, rindo. — Sem intenção de querer pressionar, certo?

O jantar transcorreu desconfortavelmente quieto apesar de os Starling não demonstrarem ter notado. Cindy se desculpou logo após o infeliz comentário. Na despedida, todos se abraçaram e se beijaram, e o casal de "namorados" entrou no carro para voltar para casa.

— Não posso acreditar que esteja irritado com minha mãe — Layla iniciou a conversa.

— Você deve estar fora da razão se pensa que estou bravo com ela.

— Então por que está com essa cara?

Era a primeira vez que ele se sentia constrangido ao falar com Layla. E realmente estava furioso.

— Acha que não sei o que aconteceu lá?

— O quê?

— Você contou a sua mãe!

— Oh... Uau... — Layla dramatizou.

— O que foi agora?

— Você é mais cretino do que eu imaginava.

Mais tarde, ela se arrependeria de tê-lo xingado. Porém, a tensão dos dois dias anteriores estava à flor da pele, e ela nem pensava direito no que estava dizendo.

— Cretino? — Henry gritou, tirando os olhos da direção para encará-la. — Você e sua mãe me atacam, e eu que sou cretino?

— Como pode pensar que foi o que aconteceu?

— Lay, em seis anos, é a primeira vez que ouvi seus pais manifestarem interesse em ter netos. Pouco tempo depois de você me dar um ultimato para que eu a peça em casamento. O que eu deveria pensar? Que foi coincidência?

Furiosa, Layla nada respondeu, e Henry decidiu que ela deveria ser a próxima a falar. Ambos ficaram em silêncio até que o carro foi estacionado em frente à casa onde moravam. Permaneceram sentados no veículo durante alguns minutos. Finalmente, Henry disse:

— Não tenho mais nada a comentar.

— Está bem — Layla respondeu, ainda sentada.

Depois de mais um minuto de silêncio, ele abriu a porta. Ela fez o mesmo e o seguiu

para dentro. Nenhum dos dois falou durante o resto da noite. Layla subiu para ler, e Henry deitou-se no sofá para assistir à televisão. Ele ficou entre um programa de esportes e um filme que passava pela décima primeira vez. Trocava de canal nos comerciais ou por estar enfadado. Ainda com o controle-remoto na mão, adormeceu.

Na manhã seguinte, pela primeira vez nos quatro anos em que moravam juntos, ele acordou no sofá e Layla na cama.

— Droga! — ela resmungou ao perceber que havia dormido sozinha.

— Droga! — ele murmurou ao se dar conta do histórico significado de sua noite no sofá. — Tenho que resolver esse problema.

Henry não estava de ressaca, havia tomado poucos goles da cerveja de cenoura na casa dos pais de Layla. Mas fora para a cama furioso, e a situação entre ele e Layla ainda lhe pesava.

Sendo assim, foi difícil entender o que o rapaz de terno cinza falava. Podia jurar que ele tinha acabado de perguntar se Henry sabia a respeito de pedras.

— Você disse pedras?

— Desculpe-me se não estou sendo suficientemente claro, senhor — pediu o rapaz.

— Perguntei se o senhor tem conhecimento dos quatro requisitos.

— Quatro requisitos?

— Sim. Corte, cor, quilate e claridade. Henry permaneceu confuso. Corte, cor...

— Os quatro requisitos são os guias para selecionar a pedra — o rapaz esclareceu pacientemente. — O senhor dispõe de alguns momentos para me ouvir?

Henry tinha toda a manhã. Sua missão era saber quanto gastaria com um anel de diamante caso se decidisse pelo noivado. Mas, depois de três minutos na Tiffany, do Shopping Riverside Square, estava claro que seria necessário mais do que simplesmente entrar e perguntar o preço do anel.

— Tenho alguns minutos.

O rapaz o levou para o outro lado, ofereceu a Henry uma cadeira confortável e tirou uma pequena caixa de uma gaveta. A seguir, com o auxílio de uma pinça, ele pegou um diamante e o mostrou a Henry com delicadeza. Então lhe entregou um monóculo de aumento.

— Olhe esta pedra, senhor.

Henry observou o diamante através da lente.

— É redonda. A profundidade e altura do corte são perfeitas. O senhor poderá notar que o brilho chega ao topo da pedra. É um diamante sem defeito e pouquíssimas inclusões.

— Inclusões?

— Sim, a pedra não tem marcas nem manchas. Brilha inclusive no escuro.

Henry queria muito perguntar o preço de um diamante como aquele, mas ficou preocupado de parecer deselegante. Além disso, desconfiava de que estava apenas no começo do processo.

Ouvindo música clássica e olhando para diamantes preciosos, Henry nem podia imaginar que a manhã da mulher para quem o diamante poderia ser comprado, transcorria de modo completamente diferente. O percurso que ela fazia em vinte e cinco minutos, levaria apenas quinze. Mas não havia chegado ao destino. A cortina de vapor que saía do capô de seu carro era tão densa que ela mal divisava a avenida. Achou melhor estacionar e telefonar ao socorro.

Garantiram-lhe que um funcionário da seguradora estaria ali para ajudá-la no prazo de meia hora. Em seguida, Layla ligou para o escritório avisando que se atrasaria, o que não era de todo mal porque passaria a manhã lidando com papelada até a hora da sessão da tarde no tribunal.

Quando o socorro chegou, ela constatou que o motorista parecia o protagonista de um filme ou de uma novela. Era jovem, longos cabelos pretos e exibia um traseiro de cair o queixo; ela se surpreendeu pensando quando fora a última vez que tinha reparado nas nádegas de um homem.

Ao vê-la sair do carro, o motorista do caminhão sorriu, e os joelhos de Layla vacilaram. Ele tinha covinhas. Ela era louca por covinhas.

Os minutos seguintes foram nebulosos. O rapaz que se chamava Jon, de acordo com o crachá que ele usava preso à camisa, começou a examinar o automóvel. Depois de alguns minutos, ele lhe comunicou que o carro teria de ser rebocado.

Mais tarde, ao lembrar-se do fato, ela não se recordava se respondera a ele ou apenas tinha sorrido, concordando. Jon a impressionara, e ela não tinha dúvidas de que havia passado o tempo todo com um sorriso tolo estampado no rosto.

A melhor parte foi quando o caminhão-socorro a deixou na concessionária. Jon desceu e deu a volta para lhe abrir a porta. Ele sorria e, antes de Layla lhe agradecer pela ajuda, chocou-a ao dizer que normalmente não fazia aquele tipo de serviço.

Foi quando ela o mediu de baixo a cima, fixando-se no belo rosto, desconfiada do que Jon estava prestes a dizer. Estaria certa?

— Gostaria de jantar comigo? — ele perguntou.

O sorriso de Layla se alargou, e vários pensamentos passaram por sua mente.

— Oh... — ela balbuciou. — É muita gentileza sua. Ela viu uma expressão de desesperança surgir no rosto a sua frente. Mas ele nada comentou, e ela continuou: — Realmente é muita gentileza e não estou afirmando isso para que se sinta melhor.

— Então... É um "não"?

— Exatamente. Sinto muito, mas estou envolvida com outro homem nesse momento.

— Bem, valeu a tentativa. — Jon se dirigiu para a parte traseira do caminhão com o intuito de descarregar o carro.

— Agradeço. Nem me lembro da última vez que recebi um convite desse tipo.

E Layla pensou: Que grande dia!

Finalmente, Layla chegou ao trabalho em um carro emprestado pela concessionária. Passando rapidamente pelas secretárias, fechou a porta de sua sala e pegou o telefone. Tinha que falar com Gloria. Ela precisava saber o que acontecera naquela manhã.

Com menos de um minuto de conversa, Gloria começou a rir.

— O motorista do guincho a convidou para sair?

Layla tentava não rir, sussurrando ao telefone e olhando ao redor para se certificar de que ninguém prestava atenção a ela pelas frestas das janelas. Tinha consciência de que parecia uma louca naquela manhã, mas até que estava gostando.

Observou os recados de telefonemas sobre a escrivaninha, não encontrando nenhum de Henry.

Gloria não estava disponível para almoçar, o que, na verdade, era bom, Layla concluiu. Poderia fazer a refeição no escritório e examinar a papelada. O problema era sua falta de concentração.

Inquieta, deixou a sala pouco depois, em direção ao banheiro. Olhou-se no espelho. Parecia abatida. Levou alguns minutos tentando ajeitar os cabelos, limpou uma pequena mancha do lado esquerdo da blusa e sorriu ao lembrar-se de que a tinha sujado ao entrar no guincho. Sorria quando duas mulheres surgiram, fazendo-a corar. Olhou para baixo e saiu sem cumprimentá-las.

Havia alguma coisa diferente no ar. Apenas não sabia do que se tratava.

Enquanto apresentava o caso, Layla podia jurar que o homem da segunda fileira flertava com ela. Porém, tentou afastar aqueles pensamentos. Era hora de trabalho.

Nunca tivera problema em se comportar com seriedade no tribunal. Naquele dia, contudo, estava dispersiva, e o juiz acabara de lhe chamar a atenção, perguntando se ela se sentia bem.

— Estou bem, meritíssimo. Desculpe.

E Layla continuou expondo o caso. Ao final, o sentimento de culpa a dominava, pois tinha consciência de que sua mente não estava no caso. Esperava que o juiz não punisse seu cliente pela falta de atenção da advogada. Ela realmente acreditava em sua inocência.

Já no corredor, depois do julgamento, ficou indecisa entre voltar para o escritório e ir

mais cedo para casa, coisa que raramente acontecia.

Parou para sentar-se em um banco porque sentia que havia um pedrisco no pé direito. Ao tentar desafivelar o calçado, viu um par de sapatos pretos a sua frente. Olhou para cima e deu de cara com Ben, o sujeito que ela e as amigas haviam encontrado no Tuxedo no dia anterior.

— Layla, que surpresa! — ele exclamou, sorrindo.

— Olá — ela cumprimentou, sacudindo o sapato. — Está me vigiando?

— Sim. Eu a sigo desde o Tuxedo. Não posso acreditar que tenha ultrapassado aquela velhinha no trânsito esta manhã.

Layla também riu, já com o sapato no pé. Então, levantou-se para encarar o belo colega.

— Ela estava com a seta ligada havia muito tempo e não mudava de faixa.

Layla gostaria de saber se seus cabelos tinham um aspecto melhor. Se a mancha em sua blusa era visível e por que se preocupava tanto com o que Ben pudesse pensar.

— Tenho que entrar na corte agora, mas desejo lhe perguntar uma coisa — ele falou.

— Tudo bem, diga. — Ela o fitava nos olhos.

— Aceita jantar comigo uma noite dessas?

Ela ficou sem saber o que dizer. Fora convidada para sair duas vezes naquele mesmo dia.

— Não... sei... — balbuciou após alguns segundos. — Algumas coisas estão acontecendo e...

— Ei... não tem problema. Aceito a recusa.

O rosto de Ben era doce e suave, e ele não tirava os olhos dela desde o início da conversa. Em sua mente, Layla ouvia as palavras que Susan dissera no dia anterior: Você poderá estar solteira em uma semana.

— Sabe de uma coisa? — Ela endireitou o corpo. — Dê-me seu telefone.

— Como?

— Tem um cartão de visita, não tem? Dê-me um. Telefonarei para você na próxima semana. O que acha?

— Ótimo! — Ele sorria enquanto pegava um cartão na pasta.

— Quem sabe ainda não nos encontraremos por aí? — ela questionou, pegando o cartão que lhe era estendido e olhando-o antes de colocá-lo na bolsa.

— Claro — ele respondeu. — Sou bom em perseguir pessoas.

Henry não imaginava o que o pai de Layla fazia no Shopping Riverside Square, lugar que provia os seres humanos de coisas materiais, sem importância para os Starling.

James parecia um homem das cavernas recentemente solto em uma Nova Jersey do século vinte e um. Usava camisa de linho suja com uma gravata estampada. O short tinha tantos furos que parecia ter levado tiros de metralhadora. E os sapatos eram tão rotos, que Henry olhou duas vezes para se certificar de que ele não estava descalço.

Não queria especular a respeito do estado mental do sogro em potencial. Nem tinha certeza de desejar ser visto. Mas decidiu que seria politicamente correto ver se o velho hippie necessitava de alguma ajuda.

— James — ele chamou.

Nenhuma reação. James continuava olhando a vitrina do J. Crew.

— James — Henry chamou novamente.

Dessa vez, o pai de Layla virou a cabeça, mas na direção errada. Henry levantou-se e caminhou até ele, que o encarou durante cerca de cinco segundos antes de registrar qualquer tipo de reconhecimento.

— Hank! — James gritou por fim.

— Hank? — Henry perguntou, intrigado. — Você nunca me chamou de Hank. Ninguém me chama de Hank.

— Sim, eu sei — James respondeu. — Apenas quis experimentar. Não gostou?

— Por mim, tudo bem — Henry respondeu.

— O que está fazendo aqui? — Henry prosseguiu.

— Ah, é uma longa história. — James parecia sem vontade de contá-la. — Mas é bom vê-lo.

Seus olhos brilhavam. Ele realmente gostava do namorado da filha.

— Está... fazendo compras ou veio por outro motivo? — Henry insistiu, ainda curioso.

— Não tenho certeza. E você? Vai fazer alguma coisa? Henry, que nada mais tinha a fazer, sugeriu que fossem ao bar do Houston. E foi o que fizeram.

— Sempre gostei de beisebol — James dizia meia hora mais tarde, sentado no bar, enquanto assistia ao jogo dos Yankees contra os Twins. — Gosto do aspecto contemplativo desse jogo. No futebol, isso não acontece. É velocidade e violência em demasia. — Filosofava e tomava cerveja.

Henry achou que já era tempo de mudar de assunto.

— James, posso lhe fazer uma pergunta?

— Certamente — ele respondeu, sem tirar os olhos da televisão.

— Como soube que desejava se casar com Cindy? Quero dizer, houve um momento

em que isso aconteceu?

James permaneceu quieto e tomou outro gole de cerveja.

— James? — Henry indagou após um minuto de silêncio.

— Preciso de mais algum tempo para responder a essa questão. — Ele piscou para Henry.

Pelo jeito, o pai de Layla ponderava sobre a pergunta. Henry tinha conseguido penetrar na mente confusa de James Starling. Então, esperou, presumindo que teria uma boa resposta.

Quando ela veio, James contou pelo menos três histórias que levavam a lugar nenhum e das quais Cindy nem fazia parte. Mas Henry estava determinado a permitir que o monólogo fluísse para onde James desejasse. Sabia que ele chegaria a algum lugar e não seria bom forçar seu ritmo.

Finalmente, as histórias incluíram Cindy. No deslumbramento do baile de formatura, ela havia brigado com o namorado e terminara sentada em um banco na frente da escola. James, atrasado para o baile e sem companhia, encontrou-a e ofereceu-se para acompanhá-la. Entretanto, caiu e bateu a cabeça no braço de concreto do banco. Despertou em uma cama de hospital, olhando para os pais, um médico e a garota que ele mal conhecia.

Cindy o tinha levado ao hospital em seu carro. Abandonara o baile e a oportunidade de fazer as pazes com o namorado para ajudar James, e lá estava, sentada perto da cama, com o vestido amarelo de formatura manchado de sangue.

— Nossa! — Henry exclamou. — E foi naquele momento que você fez a tal descoberta?

— Na verdade, não — James respondeu, sinalizando para o garçom que os copos estavam vazios. — Depois daquela noite, não falei com ela por alguns anos.

— Sério?

— Sim. Era o final do ano escolar e perdi a última semana de aula me recobrando. No ano seguinte, Cindy foi estudar em uma escola particular, e nunca mais a vi. Fomos a faculdades diferentes e apenas cinco anos depois daquele baile, já no final do curso, nos encontramos novamente, na festa de um amigo, durante o feriado do Dia de Ação de Graças.

James continuou contando que tinham começado a namorar somente quando se instalaram na cidade de Nova York, depois da faculdade.

Certa noite, do lado de fora de um restaurante em Upper West Side, ele tentava parar um táxi para levar Cindy para casa. Dera um passo na direção da rua e pisara em uma poça funda, caindo e quase sendo atingido no braço esquerdo por um carro que passava.

Assim que despertara, estava em uma cama de hospital, olhando para o médico e para

Cindy, que mais uma vez o havia socorrido.

— E foi nessa noite, em uma cama de hospital, sob o efeito de analgésicos, que percebi que tinha de conservar Cindy em minha vida — James concluiu. — Acho que muitos rapazes pensam em alguém para amar e cuidar, na responsabilidade de ter uma família e se dedicar à esposa e aos filhos.

— Certamente — Henry concordou, hipnotizado. — É natural.

— Mas não era daquilo que eu precisava, e sim de alguém que cuidasse de mim. E ali estava aquela mulher bonita e adorável com a qual eu tinha tanto em comum e com a qual eu queria ficar. Além do mais, ela sabia quão desajeitado eu era e parecia não se importar. Na verdade gostava de cuidar de mim. Eu teria sido um idiota se a deixasse escapar.

James tomou um bom gole de cerveja e olhou para a televisão. Henry levou um minuto antes de comentar a respeito.

— Essa é uma das melhores histórias que ouvi a respeito do encontro de duas pessoas.

— Cindy e eu somos felizes a nosso modo. Henry sorriu.

— A propósito, você está de carro? — questionou James.

— Sim, estou.

— Ótimo. Preciso de gasolina. Acha que pode me levar até um posto?

— Certamente.

Henry não pretendia perder o homem de vista.

Layla hesitou um segundo antes de atender o celular. Era Henry quem ligava, o que não era incomum, pois eles mantinham contato regular na maioria dos dias. Eram três horas da tarde e ainda não haviam se falado. Mais exatamente, não tinham se falado desde a briga no carro durante a volta da casa de seus pais. Devido a tudo o que acontecera naquele dia, Layla não passara muito tempo pensando em Henry e na falta de diálogo entre os dois.

Enquanto refletia, os outros fregueses da loja Hallmark olhavam para ela com impaciência, querendo saber se atenderia o telefone.

— Desculpem-me — ela disse antes de atender. — Alô?

— Olá. O que está fazendo? — Henry questionou.

— Estou escolhendo um cartão para Jack e Gina.

— Ah, certo. Não vamos lhes dar um cheque?

— Sim, foi o que combinamos — Layla respondeu, passando o dedo pelos cartões de casamento.

— Estou pensando em fazer o jantar esta noite, o que acha?

— Muito bom! — Layla exclamou. — O que pretende preparar?

— Pensei em comprar um peixe e prepará-lo com limão e brócolis.

— Parece delicioso. Você já está em casa?

— Não, fiquei fora o dia todo. Mas estarei em casa na hora do jantar.

— Está bem — Layla concordou. — Provavelmente chegarei antes de você. O julgamento acabou e irei para casa assim que me desvencilhar de algumas tarefas.

Layla gostaria de saber por que Henry parecia tão animado. Teria bebido?

— Então. Até lá — ele concordou.

— Até... — ela murmurou, incerta de como a conversa iria terminar.

— Amo você — Henry disse, surpreendendo-a.

— Também te amo — Layla afirmou antes de desligar. Assim que colocou o celular dentro da bolsa, ela examinou uma caixa de vidro que continha um casal de noivos de porcelana.

Pare com isso, recriminou-se antes de continuar a escolher o cartão.

A Barnes & Noble era uma livraria onde se podia encontrar os mais variados tipos de livros. E, sendo amante da leitura e autor, Henry sabia que devia bajular os proprietários.

Se a livraria colocasse seu livro na vitrine da frente ou nas primeiras mesas à entrada, onde seriam vistos por todos que entrassem, o sucesso era quase certo. Após ter conversado com Layla sobre o jantar, decidiu ir até a livraria e tentar conhecer o gerente. Para o caso de conseguir terminar o livro.

Foi direto para a seção de ficção para checar quantos de seus livros havia nas prateleiras. Então ouviu seu nome.

— Henry — disse uma voz feminina.

Virando-se, ele encontrou Catherine Gresham, a adorável esposa do amigo Pete Gresham. Ela segurava dois livros e o fitava sorridente.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou.

As pessoas sempre faziam essa pergunta. A beleza da profissão de escritor era poder estar em qualquer lugar na hora que quisesse. Fazia seu horário e podia passar semanas sem escrever uma só palavra, contanto que respeitasse o prazo que lhe fora dado para a entrega do livro. Assim, a resposta à pergunta de Catherine foi a mesma que costumava dar a todos que o questionavam.

— Apenas andando por aí. E você? Aparentemente Catherine não havia notado que estavam parados na frente de uma estante que continha cópias dos cinco romances anteriores

dele. Na verdade, era ela quem parecia embaraçada ao erguer o braço e mostrar os livros que segurava.

— Escolhendo alguns títulos... — respondeu, pondo novamente os livros sob o braço, como se não quisesse que ninguém os visse. — É muito bom revê-lo! Fazia muito tempo que não nos encontrávamos.

— É verdade. Almocei com Pete outro dia, mas...

— Sim, ele me contou — Catherine respondeu, olhando para as sandálias verdes que usava.

Ficou claro para Henry que alguma coisa a aborrecia. Porém, apesar de estar sofrendo do pior bloqueio literário de sua vida e de ter recebido da namorada um ultimato, concluiu que deveria ter tato para lidar com Catherine. Afinal de contas, embora fosse amigo de Pete, ele não a conhecia muito bem. Na verdade, não era assunto dele se alguma coisa a perturbava.

Desse modo, ficou surpreso quando ela propôs:

— Quer tomar um drinque comigo?

Meio preocupado com o que poderia advir daquele encontro, ele acabou aceitando.

Era a terceira vez naquele dia que Henry ia ao Houston. Ele e Catherine sentaram-se a uma mesa. O lugar estava vazio, e Henry apreciou os olhares de reconhecimento da recepcionista e dos garçons.

Ela pediu um drinque de um matiz vermelho. Ele continuou na cerveja, já que não gostava de misturar bebidas. Determinado a beber apenas uma lata, já que teria de dirigir para casa, pediu um copo de água gelada no momento em que Catherine começou a conversar a respeito da época da faculdade.

— Lembra-se da primeira vez que convidou Layla para sair? — ela indagou.

— Não dá para esquecer uma coisa dessas.

— Recordo-me de você indo ao quarto de Pete na companhia de outros rapazes, a fim de levá-lo para fora no meio da noite. Algumas de nós os seguimos para descobrir o que iam fazer. Então, você se dirigiu à janela de Layla e cantou uma canção de Van Morrison...

— Warm Love — Henry interveio.

— Essa mesma! Ainda sabe interpretá-la?

— Acho que não. Faz muito tempo.

— Que pena — Catherine murmurou.

— Mas... funcionou quando precisei.

— É verdade.

E continuaram relembrando algumas histórias divertidas daquela época.

Pediram outra rodada de bebida, enquanto Catherine falava da noite em que ela e a

companheira de quarto haviam encontrado ele e Layla dormindo nos braços um do outro no sofá da sala de visitas do dormitório feminino.

— Não sabíamos o que fazer. Estavam tão lindos, abraçados, mas não queríamos que você ficasse em apuros por estar ali depois da hora permitida.

— Sim, então me acordaram.

— Bem, você era pesado demais para ser carregado. Lembra-se daquela vez, no último ano da faculdade, quando você e Layla brigaram, e você foi ao quarto de Pete para desabafar?

— Sim. Ele estava dormindo, e você me preparou chocolate quente.

— Isso mesmo.

— E ficou me ouvindo.

— Sim — ela murmurou. — Você só falava dos cabelos de Layla, do sorriso de Layla...

— É verdade. — Ele começava a ficar embaraçado.

— E das pernas de Layla...

— Chega!

Ainda sorrindo e olhando fixamente para sua cerveja, Henry pensou nos cabelos, no sorriso e nas pernas de Layla, e de como sempre gostara de tudo aquilo desde a primeira vez em que a tinha visto.

— Sabe de uma coisa? — Catherine perguntou, olhando para a mesa. — Certa vez, ela me disse que você lhe enviava cartões-postais de todas as cidades por onde passava na época em que costumava viajar.

— É verdade. — Henry suspirou, nostálgico. Catherine levou alguns segundos antes de indagar:

— Está tudo bem?

— Sim. Apenas acabei de me lembrar que tenho de ir para casa fazer o jantar.

— Também preciso voltar para casa. Pete chegará logo.

Ambos se levantaram, deixando uma nota de vinte dólares sobre a mesa, e trocaram abraços de despedida.

— Nos veremos nesse fim de semana, certo? — Catherine questionou.

— Oh, certo. O casamento. E se afastaram.

Ele foi direto ao carro. Já permanecera tempo suficiente naquele shopping. Era hora de voltar para casa e refletir.

Henry chegou com dois sacos de mantimentos em uma das mãos e flores na outra. Layla pulou do sofá e correu a seu encontro. Ele sorriu, e ela o beijou, recebendo as flores. Ele sempre trazia rosas.

Vestindo um camiseta branco e short preto, foi até a cozinha apanhar um vaso.

Havia sentido o hálito de cerveja de Henry e ficou desapontada, embora não pretendesse comentar. Ele nunca apelara para a bebida, mesmo quando tinha bloqueios para escrever. E não seria agora, por causa do ultimato, que começaria a beber. Inquieta, olhou para as flores novamente. Questionava-se sobre a possibilidade de ser pedida em casamento. Chegou a imaginar Henry de joelhos na cozinha, possivelmente dentro de alguns minutos, propondo-lhe casamento. Mas logo afastou a idéia.

Por sua vez, Henry agia como se nada diferente houvesse acontecido nos últimos dias. Tirou o peixe da sacola, colocou as postas no balcão e começou a trabalhar. Layla sentou-se à mesa, pernas cruzadas, tentando entabular uma conversa:

— Como foi seu dia?

Ele esperava aquela pergunta, mas mesmo assim ficou indeciso de qual a melhor resposta a ser dada.

— Fui ao shopping e andei por lá durante algum tempo — ele respondeu por fim.

— Qual shopping?

— Riversíde.

— O que fez lá?

— Pesquisa. Há uma pequena cena de shopping em meu livro.

Aquilo não era necessariamente uma mentira. Poderia realmente haver uma cena de shopping em seu livro.

Ele estava parado na página nove e nada impedia que a história terminasse em um shopping.

— Seu dia foi produtivo? — ela voltou a questionar.

— Não foi de todo ruim. Encontrei seu pai.

— Verdade? O que ele estava fazendo lá?

— Adivinhe.

— Sem gasolina?

— Bingo!

— Oh, Henry, sinto muito.

— Não tem importância. Na verdade, nos divertimos. Fomos ao bar do Houston e assistimos ao jogo dos Yankees durante algum tempo.

— Então é esse o motivo do hálito de cerveja.

— Sim. Tomamos algumas latas. Desculpe.

— Enquanto for cuidadoso.

— Sou cuidadoso — ele afirmou, refletindo se deveria contar o episódio com Catherine.

— Meu carro quebrou — Layla informou, aparentando satisfação em mudar de assunto. — Deu pane a caminho do trabalho.

— Você deveria ter me chamado. Eu poderia ter ido buscá-la.

— De todo modo, eu teria que ir à concessionária. A seguradora cuidou de tudo e consegui um carro emprestado.

A conversa informal continuou durante o preparo e a degustação do jantar. Henry surpreendeu Layla novamente após a refeição, abrindo o freezer e tirando uma vasilha com o sorvete preferido dela. Sentaram-se no sofá, alternando as vezes em que davam colheradas na sobremesa. Para finalizar, eles se beijaram como parte do ritual, cada um se deliciando com o sabor adocicado que havia ficado nos lábios do outro.

Mas as cadeias foram mais longe. Beijaram-se uma... duas vezes. Então houve um beijo apaixonado, que durou um tempo razoável. E outro mais, que pareceu durar um longo tempo. Layla deitou-se no sofá, Henry por cima, e começou a acariciá-la.

— Vamos lá para cima — ela sussurrou, sem deixar de beijá-lo.

— Sim.

Ele se levantou, e ela o seguiu escada acima.

Henry retirou as próprias roupas, despiu Layla e levou-a para a cama. Deitou-a suavemente. Encorajado pelo desejo nos olhos dela, começou a explorar-lhe o corpo com as mãos e os lábios. Seu toque a fazia suspirar, gemer e, por vezes, até mesmo rir. O sabor e o cheiro de Layla o incitavam, fazendo-o ficar ansioso por devorá-la. Lentamente desceu pelo ventre liso e macio, até chegar ao triângulo de pelos sedosos onde encontrou a umidade quente a esperá-lo. Experimentou-a, e Layla gemeu.

Moveu a língua para dentro dela, inalando o seu cheiro, adorando o seu sabor. Ela o segurava pelos cabelos, fazendo-o ir mais fundo. Não queria que ela chegasse ao ápice ainda, por isso desvencilhou-se com o rosto úmido, adorando-lhe as feições perdidas no desejo.

Mudou de posição e, com os dedos, começou a acariciá-la intimamente no ponto de maior prazer. Seus lábios subiram até chegar à curva dos seios. Envolveu um mamilo na boca, mordiscando-o com carinho enquanto os dedos continuavam a massageá-la delicadamente. Layla gemia com os movimentos ritmados. Ele subiu ainda mais, capturando-lhe a boca e abafando os gemidos. Ao mesmo tempo em que a língua brincava com a dela, os dedos continuavam ágeis, deslizando para dentro e para fora, e ela começou a tremer. Os quadris se levantaram, abandonados ao êxtase que ele lhe proporcionava. Ela ofegou ao atingir o êxtase, os lábios abertos, os olhos semicerrados.

Henry também estava pronto, por isso posicionou-se. Ouviu-a prender o fôlego quando a penetrou. Parou um instante para apreciar o prazer no rosto dela, em seguida

começou a se mexer. Primeiro um ritmo vagaroso, depois mais rápido, mais intenso, uma corrida impetuosa que buscava um desenlace final. As investidas tornaram-se mais desesperadas conforme se aprofundava. Layla ofegava e se segurava a ele com as pernas, deixando-o possuí-la completamente.

Um violento tremor a percorreu e ela se agarrou aos seus ombros, as unhas cravadas na pele até que o terremoto abrandou, tornando-se um simples tremor. Respirou fundo à procura de ar.

Henry mergulhou o rosto no pescoço macio, deixando o mundo de lado ao inalar o seu perfume. Ainda dentro dela, diminuiu o ritmo para que ela se recuperasse e, então, pudesse reiniciar. Quando a respiração suavizou, soube que ela estava pronta.

Aumentou o ritmo e ouviu-a gemer novamente. Louco de desejo, não conseguia parar de arremeter, mergulhando cada vez mais fundo. Os lábios beijavam-na no rosto, na boca, em cada parte que conseguia alcançar.

O sangue subiu-lhe à cabeça e os batimentos do coração anularam qualquer outro som. Com os olhos semicerrados observou-lhe a expressão do rosto e soube que ela chegava ao ápice novamente. O êxtase de Layla provocou o seu. O corpo tremia enquanto seu sêmen transbordava. Arquejante abraçou-a firmemente, os corpos cansados e suados.

Por um longo tempo, permaneceram em silêncio, apenas contemplando o que haviam acabado de partilhar.

Naquela noite, ainda fizeram amor por mais duas vezes e, entre uma relação e outra, ele disse algo que a fez rir muito:

— Lembra-se de quando eu costumava fazê-la "matar" aula para que pudéssemos ir a seu dormitório enquanto sua companheira estava ausente?

— Nossa! O que o fez se recordar disso?

— Ah, você ficava tão sexy com aquele short — ele falou.

Fizeram amor novamente, e Layla sentiu-se no paraíso. Pela primeira vez desde a manhã de sábado, teve a sensação de que tudo daria certo.

Capítulo III

Layla mal podia esperar para chegar ao trabalho. Não por estar ansiosa para sair da cama, pelo contrário. Era ótimo acordar ao lado de Henry. Assim que despertou, lembrou-se de toda a doçura e sensualidade da noite anterior. Sorrindo, observou-o dormir durante alguns momentos.

Naquela manhã, ela teria uma reunião com todos os sócios do escritório e precisava

preparar alguns documentos, além de causar boa impressão aos patrões. Mas não eram esses os motivos para desejar chegar logo à empresa naquele dia ensolarado. Na verdade, queria falar com Gloria.

Já no escritório, como no dia anterior, passou rapidamente pelas pessoas que olharam para cumprimentá-la e fechou a porta de sua sala. Dessa vez, pensou em fechar as cortinas, mas desistiu achando que levantaria muita suspeita.

Depois de digitar o número de Gloria, arrependeu-se. Deveria ter ligado para Susan.

A conversa entre as duas começou normalmente.

Gloria parecia entusiasmada quando ela contou o que tinha se sucedido na noite anterior: o telefonema inesperado da tarde, a conversa leve e casual enquanto Henry preparava o jantar, o sorvete no sofá e o sexo que lembrara os dias de faculdade.

— Juro, Gloria, pensei que ele fosse me pedir em casamento ontem à noite.

— Verdade? E por que ele não o fez?

Nesse momento, Layla percebeu que a amiga soltara uma verdadeira bomba. Segurando o telefone sem nada dizer, chegou à conclusão de que toda a história por ela contada nada tinha significado para a amiga. Nesse ponto, teve certeza de que estava prestes a escutar outro discurso.

— Ouça — Gloria prosseguiu. — Não quero ofuscar sua alegria, Lay.

— Mas...

— Veja bem, entenda meu papel. Sou a amiga que está aqui para dizer a verdade. Se você quer continuar a falar da noite maravilhosa e romântica, vá em frente e telefone para Susan.

Ela está lendo minha mente, Layla pensou enquanto Gloria continuava a argumentar:

— Gostaria que eu lhe desse minha versão da história que acabei de ouvir?

— Claro — Layla resmungou, olhando para a janela. Não havia ninguém prestando atenção a ela. Desesperadamente, desejou que alguém entrasse e interrompesse o telefonema.

— Acabei de escutar a história de um homem que não tem emprego, que foi para casa sob o efeito de cerveja e que vive com a namorada que nunca o pressionou a se casar.

— Hum-hum — Layla apenas murmurou.

— Esse sujeito preparou o jantar para ela. E depois tomaram sorvete exatamente como fazem há seis anos. Então, ele a levou para a cama e fizeram sexo, com o mesmo excelente desempenho de todos esses anos em que ele nunca foi pressionado a se casar.

— Ok — Layla disse. — Já entendi.

Mas Gloria acrescentou, como se não tivesse escutado:

— E sobre o que ele quer falar durante o sexo? Sobre a faculdade. Como as coisas eram boas naquela época, quando ele não era pressionado a fazer nada.

Layla permaneceu em silêncio, imóvel, prestando toda a atenção ao que a amiga dizia.

— Lay, você me contou a história de um homem que deseja manter as coisas do jeito que estão. Contou-me a história de Henry antes de receber o ultimato, cujo objetivo era desequilibrá-lo. E, pior de tudo, você parece esperar que eu partilhe de seu entusiasmo. Estou certa?

Layla permaneceu em silêncio. Não estava mais irritada com Gloria, porém sentia raiva.

— Lay, sou sua amiga. Não quero magoá-la, mas desejo evitar que se decepcione ao longo do caminho que escolheu percorrer.

— Eu sei — Layla sussurrou.

— Estou contente por vocês terem tido uma noite maravilhosa. Estou feliz por ainda ser doces um com o outro. Mas Henry já pode estar respondendo a sua pergunta antes do prazo final.

— Respondendo a minha pergunta?

— Sim. Se vocês dois devem realmente permanecer juntos.

Silêncio novamente.

— Não é a pergunta que você está tentando responder? — Gloria perguntou.

Layla olhou para a janela do escritório, que dava para os trilhos da via férrea. Um enorme trem se locomovia lentamente.

Tentou não pensar na situação sob aquele ponto de vista que parecia tão evidente para Gloria, mas se lembrou outra vez da frase de Susan: Você poderá estar solteira na próxima semana.

Colocara Henry em uma situação difícil, forçando-o a confrontar-se com a idéia de casamento, mas tinha presumido que ele reagiria com rapidez, comprando um anel e lhe propondo casamento.

Ela não queria aceitar a opinião de Gloria: que, depois de seis anos de relacionamento, nenhum deles estava seguro para enfrentar uma relação a longo prazo e que o ultimato revelara a verdade.

— Lay? Ainda está aí?

— Sim. Desculpe. Estava pensando...

— Sinto muito. Sei que pareço cruel.

— Você está certa, talvez eu necessite de franqueza para voltar à realidade.

— Tudo ainda poderá dar certo. Não quero ser tão negativa. Provavelmente dará.

— Honestamente?

— Está livre para almoçar hoje? Poderíamos conversar mais e eu tentaria apaziguar sua raiva.

— Não estou com raiva de você — Layla disse. Talvez de Henry? Talvez dela mesma? Talvez de tudo.

— Que bom! — Gloria pareceu aliviada. — Então vamos almoçar juntas. Que tal ao meio-dia e meia?

— Tudo bem.

— Ótimo. Telefonarei para Susan. Talvez ela consiga animá-la.

Layla olhou para a escrivainha e para as duas pastas de papéis que devia preparar para a reunião que começaria em seis minutos. Não tinha tempo a perder.

Layla pensou em telefonar para Henry. Porém, desistiu por várias razões. Primeiro não pretendia brigar com ele, o que acabaria acontecendo dada a agitação que a dominava. Segundo, não queria acordá-lo caso ele ainda estivesse dormindo. Terceiro já estava na hora do compromisso com os sócios.

Na sala de reunião, sentada à enorme mesa, ela escutava os colegas discorrendo a respeito dos casos que tinham em mãos. Logo seria sua vez de se apresentar, e não conseguira se concentrar nem se ater aos problemas da empresa.

Na realidade, ela se ocupava de um único e pequeno pedaço de papel, que havia retirado da pasta, junto com os documentos que necessitaria para aquela reunião. No papel, estava escrito: "Ben - 2015-5517".

Inicialmente, pensou em jogá-lo no lixo depois que Henry a pedisse em casamento e as coisas voltassem ao normal. Entretanto, tendo as palavras de Gloria vivas na mente, havia alguns aspectos a ser considerados.

Primeiro, a possibilidade de Henry não a pedir em casamento no final da semana. Nesse caso, será que ela teria coragem de terminar um relacionamento de seis anos?

Segundo, Ben, que parecia muito interessado nela, era uma pessoa agradável e não tinha a menor idéia da existência de Henry. Sim, ele merecia ao menos o benefício de um telefonema. E, caso estivesse solteira na semana seguinte, ele seria uma opção muito atraente. Ela sabia que não tinha muito tempo para ficar triste e deprimida. Namorar outro depois de anos ao lado de Henry seria difícil, mas naquele papel poderia estar a solução de seu problema.

Tentou afastar aqueles pensamentos, em parte por causa da colega Paula, que, sentada a sua direita, começara a expor seus casos, o que significava que ela seria a próxima. Em parte por saber de antemão que não seria capaz de passar o resto da semana naquele

estado de ansiedade. Queria ficar serena enquanto esperava o prazo que dera a Henry se esgotar.

No íntimo, não acreditava que ele chutasse seis anos de namoro apenas porque ela desejava formalizar a situação. Não fazia sentido. Pensou no que significaria descobrir que passara seis anos com um homem e descobrir que não o conhecia o suficiente para prever o que ia acontecer. Ela e Henry deviam ficar juntos. Ele apenas necessitava de um pequeno empurrão.

Faltavam dez minutos para o meio-dia. Layla tinha exatamente vinte e cinco minutos para ir ao encontro de Gloria e Susan. Olhou para o telefone e imaginou para quem ligar.

Talvez para Henry. Naquele momento, sentia raiva dele, influenciada pelos argumentos da amiga. Mas Gloria podia estar errada, e, quem sabe, ele não estivesse em uma joalheria ou comprando champanhe ou fazendo alguma coisa que lhe traria a vida agradável de volta? Depois de seis anos, não podia dar a ele o benefício da dúvida?

Sim, telefonaria para Henry. Pegou o telefone e digitou o número. Ouviu a mensagem da secretária eletrônica. Desligou com raiva, sem deixar recado.

Onde ele estaria, pensou. Teria saído para beber de novo?

Com mais raiva ainda, pegou o papelzinho e, impulsivamente, digitou o número de Ben. Escutou o telefone chamar uma, duas vezes. Então, na terceira...

— Alô? — Ben atendeu.

Layla gelou. Não tinha idéia do que dizer.

— Se quer saber, eu a pediria em casamento mais cedo ou mais tarde — Henry dizia a John, bebendo a segunda cerveja enquanto esperava o quarto tee no campo de golfe.

— Porém, como Layla me deu um prazo, sinto-me inseguro.

— Ela o forçou a refletir, não é? — John perguntou, com um sorriso. — Deixou-o em dúvida. Ela mostrou que é controladora. E você não sabe se é isso que o quer.

— Mais ou menos... Creio eu — Henry balbuciou, olhando para o campo verde, onde um grupo de quatro pessoas jogava logo adiante.

— Faz sentido para mim — John afirmou com um toque de amargura. — Ninguém gosta de ter uma mulher autoritária o tempo todo. Como disse, vai acabar pedindo-a em casamento. Mas não quer ser forçado.

— Correto — Henry concordou.

— E, se pensa que não pode ser pior, engana-se — John continuou. — Espere até os filhos aparecerem. Aí ela vai mandar ainda mais. Fará você pensar que não coopera com nada

na casa. E, quando você se oferecer para cuidar das crianças, ela o fará sentir-se um idiota, que não sabe o que faz.

— Bem... — Henry titubeou. — Layla não é assim.

— Aquele anel muda as coisas, meu amigo. É melhor acreditar. Afinal de contas, sou especialista nisso.

Com um sorriso enorme, John pôs a cerveja de lado e deu uma tacada forte na bola, que aterrissou no meio do verde.

— O que deve fazer, meu amigo, é tomar o controle da situação. Ela pode estar blefando.

— Blefando? — Henry indagou, surpreso.

— Sim. Acha que ela realmente irá embora se não a pedir em casamento no sábado? Há quanto tempo estão namorando?

— Seis anos.

— Seis anos! E acredita que ela terminará tudo apenas porque você não obedeceu ao prazo? Pode ser que ela esteja querendo se mandar.

Henry não havia pensado naquilo. E se Layla pretendesse acabar com o relacionamento? Ele se sentiu... O quê? Irritado? Nervoso? Assustado? Não sabia.

— Você pode estar certo — disse por fim. — Quando ela voltar para casa esta noite, conversaremos.

— Assim é melhor.

— Preciso tomar o controle da situação.

— Exato, mostre a ela quem dá as cartas desse jogo — John o incentivava, perdendo outra tacada.

— Então, vocês conversaram um pouco? O que ele disse? — Susan parecia um passarinho agitando as asas.

Layla tentava se decidir entre uma salada e um cheese-burger.

— Marcaram um encontro? — questionou Gloria em um tom mais sarcástico que o de Susan.

Layla, por fim, optou pela salada, fechou o cardápio e cruzou as mãos sobre a mesa.

— Sim — afirmou. — Marcamos.

— O quê?! — Susan gritou, fazendo com que as pessoas das outras mesas se virassem para olhá-las.

Gloria e Layla eram as únicas no restaurante que não reagiram à exclamação da amiga.

— Fala a sério? — Gloria indagou.

— Sim — Layla repetiu.

— Uau! — Gloria exclamou.

— Ele vai me levar para jantar na quarta-feira da semana que vem — Layla informou.

Gloria e Susan trocaram olhares.

— Ohhhhhhhh — Susan gemeu. — Entendi.

— O que foi? — Layla interrogou, dirigindo-se a Gloria.

— Acha que sou covarde?

— Oh... não — Gloria respondeu. — Na verdade, estou impressionada.

— Está?

— Muito! Enfim, você começou a lidar com a realidade. Layla estava determinada a lutar. Se estivesse solteira no prazo de uma semana, tinha um encontro marcado.

Caso contrário, poderia ligar para Ben e cancelá-lo, dando alguma desculpa. Ficar noiva, por exemplo, seria uma justificativa decente.

A princípio, a conversa com Ben havia sido difícil. Embora Layla tivesse telefonado, ficara claro desde o começo que ele se sentia muito à vontade. Enquanto ela, por sua vez, esperava que ele não houvesse notado seu constrangimento.

— Tenho que confessar... Eu não imaginava que você telefonaria tão cedo. — Ele tinha uma bela voz, forte e máscula.

— Por que não? — ela perguntara.

— Bem, creio ter ouvido que me ligaria dentro de alguns dias.

— Oh, é verdade.

— Então, o que aconteceu?

— Nada — ela havia respondido, torcendo uma mecha de cabelos recostada à cadeira da escrivaninha.

Na verdade, Layla não soubera o que dizer.

— Telefonou-me apenas para... dizer alô?

— Bem, não sei. Como não o vi hoje, quis me certificar de que estava tudo bem.

Ele havia rido. Tinha também uma bela risada.

— Tirei o dia de folga. Nada de perseguição hoje.

— Estive pensando no convite que me fez.

— Oh, sim?

— E gostaria de saber se estará livre na próxima terça-feira.

Layla conjecturara que no domingo voltaria do Maine, na segunda-feira desarrumaria as malas, choraria e decidiria quem deveria se mudar, ela ou Henry, além de dividir os

pertences.

— Terça-feira... Deixe-me ver.

Ela pôde ouvi-lo mexer em alguma coisa, como se estivesse checando a agenda.

— Terça não é um bom dia para mim — Ben anunciara, fazendo o estômago de Layla se contrair. — Que tal na quarta?

— Tudo bem — ela havia aceitado, sentindo-se mal por ter respondido rápido demais.

— Quarta-feira é bom para mim também.

— Então, está combinado.

— Ótimo.

— Telefonarei a você na segunda-feira, para acertarmos os detalhes, Layla.

— Combinado — ela concordara antes de se despedirem.

Layla contou a história para as amigas, apresentando-se como uma mulher prática e calculista. Tinha um homem bonito, alto e moreno na mão caso o navio que velejava havia seis anos naufragasse no fim de semana.

— Lay — Gloria a interrompeu. — Não acho que esteja lidando com esses fatos tão bem como demonstra.

— Ah, muito obrigada! — Layla exclamou.

— Entenda... Você foi forte e corajosa. A maioria das mulheres que namoram o mesmo homem durante seis anos teria dificuldade para fazer o que pretende.

Layla estava experimentando a emoção de um encontro com um novo homem. E se via preocupada com o que diria a ele, em como deveria parecer. Já estudava o que vestiria na quarta-feira se realmente fosse se encontrar com Ben. Havia mergulhado na fantasia e levava as amigas com ela.

— Não estou compreendendo... — Susan interveio.

— Você ainda quer que Henry lhe proponha casamento?

— É claro que sim! — Layla exclamou, surpreendendo a si mesma com a ênfase da resposta. — Esse é o ponto crucial: eu pretendia chocá-lo para que tomasse uma atitude. Certo?

— Sim — Susan aquiesceu. — Mas e Ben? Apenas vai usá-lo?

— Não sei — Layla respondeu com um sorriso nos lábios e um brilho nos olhos. — Ele é adorável.

Gloria praticamente rugiu ao pôr o guardanapo sobre a mesa.

— É isso aí! O que vai fazer o resto da tarde, Lay?

— Apenas trabalhar.

— Bem, então não vai mais. O que acham de irmos às compras?

Layla sorria largamente.

— Parece ótimo, Gloria.

— Oh, sim — Susan também anuiu.

E todas riram ao mesmo tempo. Fazer compras era um modo divertido de passar a tarde.

As três foram ao Ridgewood e compraram sapatos. Também compraram vestidos. Gloria e Susan insistiram em que Layla deveria usar uma roupa nova caso o encontro com Ben realmente ocorresse.

— Algo provocante — Susan propôs. — Deve mostrar todos os seus atributos, Lay.

— Pare com isso! — Layla protestou, olhando um vestido preto curto, que exibiria suas pernas perfeitas.

Decidiu experimentá-lo, além de alguns jeans.

— Bem, e agora, o que vamos fazer? — ela questionou ao saírem da loja.

Gloria apontou para um salão de beleza do outro lado da rua.

— Que tal um novo corte de cabelo, Lay?

— Oh, não sei...

— Vamos, Lay, quando foi a última vez que mudou o estilo dos cabelos?

Layla teve que pensar. Fazia anos. Nem se lembrava da última vez. Gostava deles do jeito que eram.

— Faz algum tempo — ela respondeu.

— Acho a idéia boa — Susan opinou. — Quem sabe eu resolva dar um jeito em meus cabelos também? — disse apenas para incentivar a amiga.

Enquanto esperavam para ser atendidas no salão de beleza, as três amigas folhearam revistas, à procura de cortes de cabelos.

Susan parecia ainda mais animada do que Gloria. Selecionou alguns modelos curtos; uma mudança tão dramática que todos notariam. Layla pensou em mudar a cor, mas Susan foi contra.

— De jeito nenhum. Adoro a cor de seus cabelos. Eu gostaria que os meus fossem da mesma cor. E o assunto foi encerrado.

Enfim, Layla foi sentar-se na cadeira à frente do espelho.

— Então — começou a cabeleireira. — Como quer o corte?

— Bem... — ela murmurou. — Em primeiro lugar, mais curto.

Subitamente, a cabeleireira pareceu bastante entusiasmada e lhe sugeriu:

— Que tal alguma coisa dramática?

— Por que não? — Layla concordou.

— Gostei. Realmente — Henry afirmou.

Layla sorriu, esticando as pernas. Havia retornado da corrida e estava fazendo alongamento na sala de visitas, enquanto ele, timidamente parado à porta da cozinha, tentava, mais uma vez, explicar o que tinha ocorrido na noite anterior.

— Está linda — elogiou-a.

— Henry, não precisa dizer nada disso.

— Mas é verdade. Sempre adorei seus cabelos e não pensei que fosse modificá-los, mas, agora que o fez, estou impressionado.

Na verdade, ele gostara. Muito. Desde o momento em que ela havia entrado em casa na noite anterior, ele achou que Layla ficara parecida com uma estrela de cinema. Na verdade, tinha ficado até melhor. Era sua mulher, transformada em estrela de cinema.

O erro de Henry, no entanto, fora hesitar antes de elogiá-la. Não esperava que Layla viesse para casa com um corte de cabelo novo. E tinha planejado entabular uma conversa séria a respeito do relacionamento dos dois. Porém, surpreendera-se com o novo visual da namorada e, por um momento, havia ficado sem saber o que dizer.

— Você não gostou — ela sussurrou.

— Não, não... — ele respondeu, tentando negar a afirmação dela.

— Não?

— Quero dizer, sim. Eu adorei. Está maravilhosa. Eu realmente gostei.

Henry levantou-se do sofá e aproximou-se para examinar melhor os cabelos de Layla. Olhava como se ela fosse um meteoro recém-caído do céu. Estava genuinamente pasmo, mas o dano havia sido causado logo no primeiro segundo, quando ele arregalara os olhos sem nada dizer.

Agora ali estavam, na manhã seguinte, ele ainda tentando reparar o erro.

— Sinto muito se a magoei. Não foi minha intenção. Fiquei surpreso, isso é tudo.

— Você não me magoou — Layla disse, curvando-se para tocar os dedos do pé.

Sim, ela entendia que ele havia ficado chocado com a mudança brusca. Mas esperara outro tipo de reação.

Naquele instante, porém, estava mais preocupada em saber como os cabelos reagiriam depois do banho. Ficariam tão lindos como a cabeleireira deixara?

Quando terminou o alongamento, ela surpreendeu

Henry olhando para as suas pernas e sorriu.

— Ei, o que acha de mudarmos de assunto? — perguntou.

Ansioso, ele apenas murmurou:

— Se é o que deseja...

— Bem, já é quarta-feira. Eu gostaria de saber se você tem refletido sobre tudo o que falamos no sábado.

Henry ficou chocado por Layla ter tocado no assunto tão diretamente. Planejava conversar com ela sobre o futuro de ambos na noite anterior, mas o corte de cabelo o havia deixado desorientado.

— É claro que tenho pensado a respeito — ele respondeu, olhando para o carpete.

— Há alguma coisa que queira falar?

— Várias.

Henry estava nervoso. Odiava quando o pressionavam. Ainda tinha três dias para tomar uma decisão. Mas havia alguns pontos que poderiam ser discutidos. Por que não naquele momento?

— Bem... — ele começou, olhando para a tevê desligada. — Não me interprete mal...

— Tudo bem — ela disse com cautela.

— Por que deseja se casar, Layla?

— Como disse?

— Quero saber o que pensa do casamento. Por que é importante para você. Em seis anos, nunca conversamos sobre isso.

Ela refletiu. Fazia sentido. Ele não demonstrava ser contra o casamento. Estava apenas querendo saber a opinião dela. Era o modo como Henry se portava em relação a tudo. Fazia pesquisas para escrever seus livros, para comprar um carro, para escolher um novo sorvete e, logicamente, agia do mesmo modo a respeito do ultimato.

Gostaria de saber se ele passara os dias anteriores conversando com outras pessoas a respeito de casamento.

— Tudo bem... — ela falou. — Desde que vivemos juntos, não fazemos nada diferente de quando cursávamos a faculdade. Faz algum sentido para você?

— Pensa assim?

— Os últimos seis anos foram ótimos, não me interprete mal. Mas é como uma continuação do relacionamento que tínhamos no início.

— Sei...

— Há algumas coisas que quero fazer — ela prosseguiu. — Eu sempre quis ter filhos, construir minha vida ao lado de alguém. E não é o que está acontecendo conosco.

Henry manteve-se calado. Layla estava certa. Mas teria sido melhor se ela tivesse tocado no assunto um ano antes e lhe dado um prazo maior para decidir. Entendia o ponto de

vista dela, o que conduzia à segunda parte da discussão.

— Tenho que tomar banho e me vestir para o trabalho — ela informou, impaciente com o silêncio que se instalou.

— Subirei com você. Podemos conversar enquanto se apronta.

Layla estava ansiosa para ouvi-lo. Era o que pretendia no sábado, quando lhe dera o ultimato. Que eles passassem a semana conversando a respeito do futuro, e finalmente estava acontecendo.

Assim que ela saiu do chuveiro, viu-o sentado na beirada da cama, observando-a.

— Podemos conversar a respeito de filhos? — ele perguntou.

— Certamente. — Ela tentava se manter fria. — O que deseja saber?

— O que pensa a esse respeito. Por exemplo, quantos pretende ter.

— Bem, na verdade, sempre pensei em dois.

— Isso não a assusta?

— Oh, é o que mais me assombra. Em várias ocasiões, já me surpreendi perguntando a mim mesma: E se fizermos alguma coisa errada? E se os educarmos mal? E se tentarmos fazer tudo certo, mas eles se tornarem crianças problemáticas? Ou adultos perversos? Teremos condições de lhes proporcionar boas escolas? Há muitos aspectos assustadores.

— É o que penso.

— Apesar de tantas dúvidas, Henry, desejo formar uma família. Quero segurar um bebê em meus braços. Quero colocar curativos nos joelhos de meus filhos quando chorarem, vê-los jogar futebol e beisebol. Pretendo conversar com eles na hora do jantar a respeito de como passaram o dia. Vou vibrar quando eles forem para a faculdade. Céus! Estou fazendo um discurso.

Henry sorria. Gostava de vê-la empolgada e de partilhar com ela os planos futuros.

— Por que está sorrindo desse jeito? — ela perguntou.

— Gosto muito de seus discursos.

Enquanto Layla se vestia e ajeitava os cabelos, continuaram a conversa. Falaram de onde viveriam, uma vez que ali não haveria lugar suficiente para abrigar uma família. Pensaram em possíveis nomes para os filhos, o que a deixou muito encorajada.

Lembrou-se de não telefonar a Gloria para contar as novidades. Talvez fosse melhor ligar para Susan.

— E o que pretende fazer hoje? — ela perguntou.

— Voltar à biblioteca.

— Biblioteca?

— Oh, não contei a você. Decidi passar algumas horas do dia na biblioteca. Para evitar distração. Fiz um bom trabalho com o livro ontem lá.

— Que bom. — Ela tentou esconder o remorso que sentia por ter julgado mal o modo como ele passava os dias.

— Sim, comecei a acreditar que será possível terminar o livro no prazo.

— Você sempre o consegue.

— Sim, até aqui deu tudo certo. Depois da biblioteca, fui jogar golfe.

— Oh, sim? — ela questionou.

— Sim. Encontrei, por acaso, um dos sujeitos com quem joguei no sábado. Ele me convidou para jogarmos hoje também em uma folga que terá por volta da hora do almoço. Aceitei. Trabalharei durante três horas e depois me encontrarei com ele.

— Bem, preciso ir ou chegarei atrasada.

— Não vai tomar o café da manhã?

— Não tenho tempo. Mas prometo que comerei alguma outra coisa no escritório.

— Ótimo.

Quando se curvou para beijá-la, Henry colocou uma barra de cereais no bolso de Layla.

— Amo você, querida. Tenha um bom dia.

— Amo você também — ela falou. Ah, sim. Como o amava!

Capítulo IV

Layla saiu de casa bem-humorada. Durante o trajeto, no trânsito pesado, ela decidiu que ligaria para Susan, não para Gloria, e contar o que havia se passado naquela manhã. Sentia-se encorajada. Pela primeira vez, desde o sábado anterior, acreditava que seu plano poderia realmente estar funcionando.

Imaginou de que maneira Henry a pediria em casamento. Ficaria apoiado sobre um dos joelhos? Seria em particular, quando estivessem apenas os dois no quarto de hotel, no Maine? Ele a convidaria para dar um passeio na praia e faria o pedido?

Se Gloria estivesse com ela, sem dúvida nenhuma lhe diria que estava colocando o carro adiante dos bois. E teria razão. Mas as coisas pareciam estar indo bem, e não havia motivo para que ficasse preocupada. Com toda certeza sua história teria um final feliz.

Enfim a saída para o escritório se aproximava, e ela se livraria daquele trânsito insuportável.

Minutos depois, alegre e otimista, ela entrou no escritório. Cumprimentou a recepcionista com um sorriso, acenou para Paula e, quando chegou a sua sala, fechou a porta,

correu até o telefone e digitou o número de Susan, que atendeu ao terceiro toque. Ofegante, relatou a doce manha que ela e Henry haviam compartilhado.

Susan escutou, sem fazer comentários e, quando Layla terminou, a amiga perguntou:

— Foi só isso?

Layla ficou preocupada.

— Sim. Por quê?

— Céus, Lay — a amiga murmurou. — Não sei, parece-me que ele pode estar assustado.

— Oh — Layla praticamente gritou, levantando-se da cadeira.

— Gloria!

— Lay? — a outra chamou.

— Achei que tivesse ligado para Susan! — Layla exclamou. — Devo ter me enganado!

Desligou o telefone e deixou-se cair na cadeira. Até aquele momento, o dia tinha estado bom. O telefone tocou, e ela apertou o botão da intercomunicação.

— Layla? — Era uma das secretárias.

— Sim — ela resmungou, tentando dominar o aborrecimento.

— Jessica deseja vê-la. Agora.

Como de hábito, Jessica, sua chefe, estava impecavelmente vestida. Usava um conjunto cinza e surpreendentes brincos de diamantes que poderiam ser vistos do espaço. Passou ao menos dois minutos fitando o rosto, os cabelos e os novos escarpins pretos de Layla.

Tentando superar o constrangimento, Layla concentrou o olhar na parede atrás da escrivaninha da chefe.

Fotografias da família, com o marido e os filhos, ofereciam a prova de que Jessica sabia sorrir. As fotos estavam intercaladas com seus diplomas: Princeton, Yale.

Céus! Havia alguma coisa a respeito daquela mulher que não era intimidante?

— Vejo que mudou o corte de cabelo — Jessica disse de repente.

Layla nunca sabia que resposta dar à chefe.

— Sim — murmurou, laconicamente.

Recostada em uma enorme cadeira de couro preto, Jessica a observou por mais alguns segundos, antes de indagar:

— O que está acontecendo com você, Layla? Dessa vez, Layla ficou realmente aturdida.

— Eu... — balbuciou.

— Você desapareceu nas duas últimas tardes sem explicação...

— Segunda-feira tive... — Layla tentou esclarecer, mas foi interrompida.

— Chegou atrasada todos os dias nesta semana...

— Meu carro...

— Tem ficado muito tempo ao telefone. Hoje apareceu com roupas e sapatos novos, além de ter mudado o corte de cabelo.

Layla não imaginava que Jessica prestasse tanta atenção a ela. Estava até lisonjeada.

— Vou dizer o que percebo — a chefe continuou. — Vejo alguém cuja vida pessoal está causando impacto em seu trabalho.

Layla ficou boquiaberta.

— Oh, Jessica, eu nunca deixaria...

— Vamos pôr as cartas na mesa. Sei que não gosta de mim.

— Não é...

— Sei que sou dura e que nunca a elogiei. Mas, na verdade, considero-a a funcionária mais talentosa desta empresa.

— Obrigada — Layla agradeceu, querendo saber aonde aquilo chegaria.

— Tenho muita expectativa em relação a você. Porta-se com excelência no tribunal e seu trabalho sempre foi impecável.

Layla sorriu, e Jessica acrescentou:

— Quando o rendimento de uma pessoa que nunca comete erros começa a cair, é fácil perceber que alguma coisa está ocorrendo.

Nesse ponto, Jessica empurrou uma pasta na direção de Layla, que a pegou, abrindo-a em seguida. Havia marcas de caneta vermelha em toda a primeira página. E na segunda também. Layla sentiu como se estivesse de volta à escola.

— Portanto — Jessica levantou-se da cadeira e atravessou a sala para fechar a porta do escritório — perguntarei de novo. Há alguma coisa que deseje me contar? — Então, sentou-se na beirada da escrivaninha, encarou-a e sorriu.

Foi quando Layla começou a falar...

Layla não sabia o que havia acontecido com ela. Talvez fosse resultado dos cumprimentos de Jessica. Talvez o sorriso. Algo a levava a relatar toda a sua história com Henry. Contou como os dois haviam se conhecido na faculdade, quando decidiram morar juntos e que, quatro dias atrás, ela lhe dera o prazo de uma semana para se casarem ou se separarem para sempre.

Mencionou Ben, sem citar-lhe o nome, e falou sobre a estranha sensação de ter um encontro marcado para a semana seguinte se o relacionamento com Henry não tivesse um final feliz.

Para sua surpresa, Jessica não interrompeu o monólogo uma única vez. Parecia

intrigada, entretida e solidária. Quando terminou, percebeu como se expusera à mulher para quem tinha usado suas mais efetivas máscaras. Sem jeito, olhou para o chão e ruborizou.

— Sinto muito — murmurou a seguir. — Não sei de onde veio isso tudo.

Jessica se manteve em silêncio durante alguns segundos, antes de dizer:

— Então, ele tem mais três dias para decidir. No caso de uma resposta negativa, você vai abandoná-lo?

— Sim. — Layla sentia-se sufocar.

— Nossa! — Jessica exclamou. — É um ato de extrema coragem. Mais do que tudo o que fiz na vida.

Nesse momento, Layla fitou a chefe nos olhos, esforçando-se para não romper em prantos.

— Estou impressionada — Jessica confessou. — Vou lhe contar uma história.

— Está bem — Layla concordou.

— É sobre mim e meu marido, Arthur. Quando namorávamos, nunca falávamos sobre casamento. Saímos durante cerca de dois anos e meio e em poucas ocasiões falamos em ter filhos, mas nunca, especificamente, em nos casarmos. Sempre achei que, em algum momento de nosso relacionamento, ele introduziria a questão e nos casaríamos, dando início a nossa família. Depois de um ano de namoro, é normal que as mulheres pensem dessa maneira, mesmo que não toquem no assunto. Certo?

Layla assentiu, balançando a cabeça.

— Certa noite, fomos a um bar com alguns amigos. Um rapaz que ele conhecia do trabalho e a namorada. O nome dele era Dan Friedman. No meio da noite, a namorada de Dan foi ao banheiro. Arthur havia ido buscar uma segunda rodada de drinks no balcão, e Dan e eu ficamos conversando. Perguntei a respeito da namorada dele e se o relacionamento era sério. Lembro-me de que ele riu ao dizer que nunca namorava ninguém a sério, estava determinado a levar vida de solteiro para sempre. Então, ele olhou para o balcão, onde Arthur se encontrava e disse: "Ele tampouco se casará".

— Nossa! — Foi o comentário de Layla.

— Onde já se viu dizer uma coisa dessas à namorada de alguém?

— O sujeito devia estar bêbado — Layla opinou.

— Enfim — Jessica continuou — com o retorno de Arthur, o clima ficou estranho. Ele e eu tivemos uma grande briga naquela noite. Eu nunca havia dito nada a respeito de casamento, porque sempre tive medo de que, se tocasse no assunto, ele se afastaria de mim. O clima entre nós ficou pesado durante um mês. Tivemos muitas brigas e discussões. Comecei a ficar desconfiada, com ciúme, imaginando como ele passava o tempo quando não estávamos

juntos. Foi terrível, consequência de eu ter dado muito valor às palavras de Dan Friedman.

— Mas tudo acabou bem — Layla disse, sorrindo e gesticulando em direção às fotografias na parede.

— Sabe o que aconteceu? — Jessica perguntou. — Um mês depois daquela noite no bar, Arthur me pediu em casamento. Cheguei em casa do trabalho, e ele estava lá, o apartamento à luz de velas, rosas na mesa, champanhe no gelo. Como em um sonho. Ele havia planejando me propor casamento fazia meses. Já tinha comprado até o anel antes daquela noite no bar. Dan Friedman não tinha a menor noção do que estava falando.

— Puxa! — Layla exclamou.

— Aposto que deseja saber por que lhe contei essa história.

Céus!, Layla pensou. Será que Jessica lia mentes?

— Na verdade, não sei o motivo exato — Jessica prosseguiu. — Talvez seja porque você não possa controlar seu namorado, especialmente enquanto está aqui. Sinto muito se está atravessando uma fase difícil na vida pessoal e sou solidária. Mas preciso que se concentre em suas obrigações quando estiver no escritório. Fui clara?

— Sim — Layla respondeu, embaraçada.

— Ótimo!

Layla fez menção de sair da sala, mas Jessica a impediu com um gesto.

— Você realmente o ama? — ela perguntou.

— Sim.

— Então, boa sorte.

— Não posso acreditar que a "Mulher Dragão" tenha coração — Gloria dizia, observando o bar apinhado de gente, sentada em um dos três banquinhos altos ao redor de uma mesa cheia de garrafas. — Que história!

Layla ria ao contar sobre seu dia às amigas. Sentia-se feliz por Susan estar presente, depois de vários pedidos de desculpa, devido à maneira como a tratara pelo telefone naquela manhã. Mas era possível notar que a amiga ainda estava um pouco aborrecida.

— E quanto a ele? — Susan perguntou a mão direita apertando o gargalo de uma das garrafas, o nariz apontando na direção de um rapaz de cabelos escuros e camiseta de listras azuis.

— Ah, não dá! — Gloria exclamou. Layla o observou.

— É uma criança, pelo amor de Deus!

— Ei! — Susan interveio. — Não o elimine. Às vezes tudo o que precisa é de uma boa

professora.

Como já estavam na quarta rodada de cerveja, as três riram tanto que corriam sérios riscos de cair dos banquinhos.

— Ooh... — Gloria resmungou, em uma tentativa inútil de ficar séria. — Que tal aqueles ali?

— Apontou para três homens loiros, sem a menor descrição.

Layla teve que admitir que pareciam saídos de um catálogo da J. Crew. Eram perfeitos para o propósito delas.

— Excelente — ela opinou. — É a vez de quem?

— De Gloria — Susan respondeu.

— Está bem — Gloria anuiu. — Apenas observem.

Susan e Layla permaneceram sentadas, enquanto Gloria tentava estabelecer contato visual com um dos rapazes. O jogo consistia em fazer com que um deles ou o grupo comprasse bebidas para elas. Até aquele momento, funcionara quatro vezes, apesar de nenhum dos rapazes ter permanecido na companhia das amigas por mais de meia hora. Era uma verdadeira arte conseguir que eles lhes pagassem bebidas, sem que elas fizessem nenhuma promessa.

Layla estava eufórica. Aquele dia havia terminado magnificamente. Jessica Standridge era a estrela do dia. Dali em diante, ela sempre se sentiria melhor e mais confiante no escritório. E isso já era alguma coisa, não era?

Tratava-se de algo que a ajudara ao chegar em casa e encontrar Henry escarrapachado no sofá, com um forte hálito de cerveja e cheiro de campo de golfe. Mas não tinha ficado irritada nem surpresa. Ele estava lidando com o bloqueio literário que sempre o atirava em um redemoinho de sentimentos, dessa vez agravado pelo ultimato. Era de esperar um comportamento irregular.

No entanto, ficara aborrecida, pois esperava poder continuar a conversa da manhã. Também estava decepcionada por não haver rosas, candelabros, champanhe, nem anel de noivado. Mas, em vez de acordá-lo e começar uma briga, tinha ligado para Susan e perguntado o que ela achava de uma noitada na cidade.

Susan aceitara a sugestão, assim como Gloria, e ali estavam, tentando fazer com que belos rapazes lhes pagassem bebidas.

— Céus, Gloria! — murmurou, observando a amiga contrair as sobrancelhas de forma estranha. — Isso é sexy?

— Dane-se — a amiga respondeu, concentrada.

Do outro lado do salão, os três J. Crew pareciam confusos.

Alguns minutos mais tarde, com os rapazes representando o primeiro fracasso da

noite, Gloria tentava mudar de assunto:

— Henry embebedou-se novamente? — ela perguntou a Layla.

— Sim. Se ele me pedir em casamento, aceitarei e, pelo visto, acabarei me casando com um alcoólatra.

Foram interrompidas por uma voz masculina com um leve sotaque latino:

— Desculpem-me.

As três ergueram a cabeça ao mesmo tempo e podiam jurar que estavam olhando para Antônio Banderas. Ficaram sem fala.

Ele não tirava os olhos de Layla.

— Eu as observava do balcão no bar — ele iniciou a conversa. — Parecem estar se divertindo muito.

— Oh, estamos apenas aproveitando uma noite entre mulheres — Layla explicou, enfrentando o olhar do homem com toda a ousadia que quatro cervejas podiam proporcionar.

— Meus amigos e eu gostaríamos de saber se podemos pagar-lhes uma rodada de cerveja.

— Seus amigos são tão lindos quanto você? — Susan perguntou com calculada meiguice.

O rapaz sorriu. Ele tinha covinhas que combinavam com os cabelos pretos ondulados, a pele morena e a barba de dois dias, que lhe conferia muita sensualidade.

— Não como eu — afirmou, sempre sorrindo. — Mas são bonitos.

— Uau! — Gloria exclamou.

Layla acreditava ainda ser capaz de entabular uma conversa razoável e aceitou a oferta em nome das três:

— Claro. Traga-os até aqui.

Ainda sorrindo, ele rumou ao bar. Susan reparou em seu belo traseiro.

— Bem, acho que vou bater um novo recorde — Layla falou.

— É mesmo — Gloria concordou.

— Essas suas pernas são uma "coisa", Lay — Susan interveio.

— Eu disse que seria uma boa idéia que você se sentasse de modo a evidenciá-las.

Layla sorriu e tocou nos próprios cabelos.

— Não seria meu novo visual? — provocou as amigas.

Foi necessário certo tempo para despachar "Antônio Banderas", cujo nome verdadeiro era George, e seus amigos, que eram, de fato, lindos. Mas conseguiram, pois fazia parte do jogo.

— Lá se vão três dos melhores traseiros de Nova Jersey — Susan disse, os rapazes se

afastando, devido ao evidente desinteresse das três.

— Amém! — Gloria encerrou o episódio.

Passava da meia-noite. Todas tinham que trabalhar na manhã seguinte, e Layla estava determinada a não chegar atrasada após o entendimento com Jessica. Após uma rodada de água e café, foram embora.

Henry acordou assim que Layla entrou em casa. Abriu um só olho para ver os números vermelhos do relógio digital. Meia-noite e quarenta e cinco. Ele sorriu. Pelo jeito, finalmente a fizera beber.

Voltou a ficar sério e fechou o olho. Não queria que ela soubesse que estava acordado.

— Certo — Layla resmungou. — Sofá outra vez.

Henry não sabia se ela estava irritada, mas tinha percebido que estava bêbada. Não gostava da idéia de que dirigisse embriagada, mas quem era ele para repreendê-la?

— Oh... — ela disse, escarnecendo. — Que lindo bilhete ele me deixou. Como você é doce, querido!

Ele sorriu novamente. Não tinha deixado bilhete algum. Layla ficava adorável quando contrariada. A cabeça de Henry doía, ele precisava dormir, mas estava determinado a continuar a observá-la, sem que ela soubesse.

Layla pôs a bolsa sobre a mesa, e as chaves do carro caíram no chão. Ela apagou a luz da sala e acendeu outra acidentalmente. Então subiu a escada, perturbada.

Henry nunca a vira daquele jeito. Ouviu-a caminhar durante alguns minutos, escovar os dentes, ir para a cama e apagar a luz.

Sabia que ela dormiria rapidamente no estado em que se encontrava. Levantou-se do sofá, apagou a luz que ela inadvertidamente deixara acesa e subiu a escada no escuro.

Ao entrar no quarto, viu Layla usando uma regata branca e short de ginástica, uma das pernas estava para fora do lençol. Com cuidado, cobriu-a e ficou observando-a ressonar suavemente. Olhou para seus cabelos, os ombros e o pequeno nariz. Fitou-lhe os lábios que tremiam um pouco quando o ar lhe escapava pela boca. E sorriu. Adorava cada detalhe daquela mulher.

Naquele dia, por razões não especificadas, uma placa na porta da frente comunicava que a biblioteca estava fechada. Desse modo, Henry decidiu trabalhar na Starbucks da rua 17.

Ele sempre via pessoas sentadas ali, com seu laptop, e concluiu que ninguém se

importaria se ele passasse a manhã digitando alguns capítulos de seu livro, enquanto o mundo girava continuamente em busca do café perfeito.

— Frappuccino. — Café com leite batido com baunilha.

Os pedidos movimentavam o ambiente, acompanhados pelo zunido dos liquidificadores picando o gelo e batendo as bebidas, que na primavera e no verão eram consumidas geladas.

A primeira parada de Henry naquele dia tinha sido uma pequena joalheria gerenciada por um amigo de seu amargurado irmão, onde ele passara para escolher o anel de noivado que planejava oferecer a Layla. O vendedor havia pedido que voltasse às cinco horas da tarde para apanhar o anel escolhido, que precisava de alguns ajustes.

Uma sensação desagradável o invadiu ao chegar à conclusão de que o dia não seria de acordo com o planejado. Mas tentou se acalmar. Para preencher o tempo, decidiu passar algumas horas escrevendo na Starbucks.

No entanto, aquele lugar era agitado demais. Como havia acesso grátis a Internet, aproveitou para checar seus e-mails e navegar na Web. Até conseguiu trabalhar no livro durante algum tempo, mas, com os insistentes pedidos a sua volta, não havia concentração que resistisse.

Olhou ao redor da espaçosa e arejada cafeteria. Não queria se sentar em um lugar escuro e pequeno como um armário. Além do mais, estava apreciando observar as pessoas entre uma frase e outra. Mas tampouco queria ocupar a mesa de alguém que desejava se acomodar para tomar café.

— Henry? — Uma voz familiar interrompeu seus devaneios.

— Gloria?! Como vai? — ele perguntou assim que a avistou.

Ela usava óculos de sol embora estivesse dentro da loja.

— Bem. E você?

— Oh, muito bem. Estou tentando escrever um pouco. Tive um bloqueio literário e decidi mudar o cenário.

— Parece uma boa idéia.

— Saiu com Layla ontem à noite? — ele indagou.

— Por quê? — ela perguntou, sorrindo. — O que ela lhe contou?

— Nada. Eu ainda estava dormindo quando ela saiu esta manhã. Mas ontem foi a noite das garotas ou alguma coisa do tipo?

— Sim — Gloria afirmou. — Saímos para tomar alguns drinques. Nada especial.

Mesmo com os óculos de sol como escudo, ela tentava com afinho não fitá-lo enquanto falava. Henry não era uma pessoa desconfiada, contudo começou a pensar que algo

preocupante havia acontecido.

Por alguns instantes, nenhum dos dois disse nada.

Gloria, por fim, falou:

— Vou fazer meu pedido. — E afastou-se. Enquanto esperava o café, ela olhou para ele, que ainda não havia voltado a escrever.

— Está fazendo uma pausa? — ela perguntou já com a xícara de café na mão.

— Mais ou menos. Espero a próxima inspiração.

— Importa-se se eu me sentar com você por um minuto? Vou me encontrar com alguém aqui e estou um pouco nervosa.

Henry ergueu os olhos, surpreso. Não esperava tal reação de Gloria.

— É claro. Sente-se.

Ela se sentou, e ele pensou na possibilidade de ela lhe revelar alguma coisa. Mas nada aconteceu.

— Vão viajar na parte da manhã? — ela questionou.

— Sim. Faremos as malas hoje à noite. Esperamos pegar a estrada lá pelas sete ou oito e chegar ao Maine na hora do almoço.

— Acho que Susan e eu iremos logo atrás de vocês.

— Vão com alguém ou pretendem dirigir de ressaca? — Henry perguntou.

Gloria olhou para o chão, e ele percebeu que dissera algo que não deveria.

— Sinto muito — ele murmurou.

— Tudo bem. A ressaca passará até amanhã.

Outro minuto de silêncio entre os dois. Henry fingiu ler algumas anotações ao lado do computador. Seus eternos esboços.

— Gloria, posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro. — Ela tomava seu café, olhando pela janela.

— O que Layla contou a você? Refiro-me ao que está... acontecendo conosco.

Gloria o encarou, parecendo séria demais.

— Ela nos conta tudo, Henry.

— Tudo?

— Sim. Tudo.

— Puxa!

— Sinto muito.

— E o que você... pensa a respeito?

Depois de outro gole, ela olhou para a porta por onde entrava um homem de estatura mediana, cabelos castanho-claros, vestindo um terno escuro. Gloria ergueu a mão para fazer

sinal a ele, que a viu depois de um segundo, parecendo confuso ao notar que estava acompanhada. Ela se levantou da cadeira e olhou para Henry.

— Acho que você é um cara muito legal, Henry. Realmente.

E a conversa terminou com ela se afastando para encontrar-se com o sujeito que acabara de entrar.

— Definitivamente às cinco. Não há com que se preocupar senhor.

Fora o que o atendente da joalheria tinha dito a Henry quando este, por volta das duas horas da tarde, ligou para verificar se o anel já estava pronto. Não obstante, ele começou a se inquietar. Tinha outras incumbências: queria comprar flores e talvez uma garrafa de vinho. Pretendia ir para casa e procurar o CD com a música que tocava assim que Layla chegasse. Mas tudo dependia do anel. Se não tivesse anel, não haveria necessidade de flores, nem de música, nem de vinho. Todo o plano teria que ser adiado, e o prazo final adquiriria um grande significado.

Naquele momento, sentiu raiva de Layla por causa do ultimato, que conferia ao assunto uma pressão muito grande. Sem um prazo estipulado, caso o anel não ficasse pronto, ele poderia esperar até a próxima semana. Poderia até resolver a questão no sábado, mas sem o anel não teria graça, perderia a seriedade do momento. Duvidava de que ela se importasse em demasia, mas... tinha que haver um anel junto com o pedido. Era sua opinião.

Na verdade, deveria ter feito a proposta de casamento a Layla uns dois anos atrás. Assim ela não teria chegado ao ponto de lhe dar um ultimato.

Tomando a palavra do vendedor da joalheria como verdadeira, decidiu realizar as outras incumbências. Foi até a floricultura comprar uma dúzia de rosas vermelhas de talos compridos. Eram lindas. Colocou a caixa branca no banco traseiro do carro e dirigiu cuidadosamente o restante do dia. A próxima parada foi em uma loja de bebidas para comprar ao menos uma garrafa do vinho de uma das vinícolas que eles tinham visitado na viagem a Napa Valley havia um ano. O vinho era tão especial quanto seria aquela noite.

Quando parou o carro no estacionamento da loja, sentiu um nó no estômago. Nunca sentira algo semelhante antes.

Entrou na loja e encontrou a garrafa de vinho e, vagarosamente, foi até o caixa. Enquanto esperava o troco, ouviu uma voz de mulher:

— Henry?

Virando-se, viu Susan. Que estranho! Era como se Layla tivesse incumbido as amigas de segui-lo. Ficou contente por não ter encontrado nenhuma das duas na floricultura, mas, de repente, gostaria de saber se alguém o seguia.

— Susan — disse, parecendo irritado.

Seria possível que ela desconfiasse de alguma coisa por tê-lo encontrado na loja de bebidas? Poderia telefonar a Layla e estragar a surpresa.

— É para o fim de semana? — Susan perguntou, apontando para a garrafa.

Ocorreu então a Henry que, se tivesse encontrado as amigas de Layla na floricultura ou na joalheira, teria levantado suspeitas, mas ali, na loja de bebidas, ele poderia estar comprando vinho por diversas razões.

Sentiu a dor no estômago diminuir e tentou ficar ereto. Sorriu para ela, certo de que estava imaginando coisas.

— Você está bem? — ela questionou.

— Sim, estou. Apenas machuquei o... pé quando desci do carro. Nada de mais.

Ela pareceu aceitar a desculpa. O ajudante do caixa entregou a garrafa de vinho empacotada a Henry.

— A noite passada foi boa? — ele indagou, na tentativa de que Susan deixasse escapar alguma coisa sobre o misterioso programa noturno.

— Ah... sim — ela respondeu. — Talvez tenhamos tomado cerveja demais, mas nos divertimos muito. Só entre mulheres, sabe...

Ao contrário de Gloria, Susan olhava diretamente para ele enquanto discorria sobre a noite anterior.

— Vocês vão viajar amanhã de manhã? — ela perguntou, sorrindo.

— Sim. Esperamos sair por volta das oito horas.

— Acho que Gloria e eu iremos logo atrás de vocês — Susan falou, como se repetisse as palavras da amiga.

— Bem, façam uma boa viagem. — Ele queria terminar a conversa o mais rápido possível.

— Obrigada. Nos veremos lá.

Quando ela se foi, Henry pensou que deveria ter feito a ela a mesma pergunta final que fizera a Gloria. Susan poderia fazer menos segredo. Ela saberia tanto quanto Gloria? Provavelmente sim.

Mas para que tantas elucubrações? A decisão já estava tomada, as flores e o vinho no carro, e ele a caminho da joalheira, dessa vez determinado a esperar até que o anel ficasse pronto. Tudo daria certo.

Era a grande noite. Uma ocasião que Layla se lembraria para sempre. Ele já a via mostrando o anel durante todo o fim de semana, e o pensamento o fez sorrir. Sabia estar fazendo a coisa certa.

Por que, então, seu estômago voltava a se contrair?

O anel finalmente estava pronto. O vendedor exibiu o magnífico diamante em uma pequena caixa vermelha. A pedra parecia muito maior engastada no anel, como o vendedor da loja havia assegurado. Henry acreditava que Layla sentiria orgulho da jóia tanto quanto ele.

— Ela vai adorar — o vendedor disse, como se lesse sua mente. — É um belíssimo anel.

Henry pegou o talão de cheques e uma caneta antes de interrogar:

— Qual é o preço final?

O vendedor pronunciou o valor, e ele ergueu as sobrancelhas enquanto se curvava para preencher o cheque. Tinha dinheiro suficiente, pois havia transferido o adiantamento do livro da conta poupança para a conta corrente no dia anterior. Fora um bom negócio, uma vez que o rapaz era amigo de Jake. Mesmo assim era um preço alto demais para um objeto que nem motor tinha. Lembrou-se do primeiro aviso de Jake sobre o custo da jóia.

Destacou a folha do talão e a entregou ao vendedor, que sorriu ao dar-lhe o pequeno saquinho. Henry não resistiu. Tirou a caixa do saquinho e abriu-a para ter certeza de que o anel estava lá. Ele faria aquilo outras vezes durante o trajeto para casa. Tudo o que pensava era em colocar a joia no dedo de Layla o mais rápido possível. Esperava que ela não se atrasasse para chegar em casa.

— Olá, sou eu. — Layla deixava recado na secretária eletrônica. — Sinto muito, mas vou me atrasar para o jantar.

Droga!

— Jessica precisa de mim, e eu devia ter chegado mais cedo ao escritório pela manhã — ela continuou. — Saí com as garotas ontem à noite e acabei acordando mais tarde. Desculpe-me não ter lhe contado, mas você estava dormindo. Estarei em casa por volta das oito ou nove horas se conseguir dar conta de fazer o que Jessica pediu. Ela é realmente durona. Sinto muito. Mal posso esperar até amanhã. Vai ser muito bom.

Beep.

Havia uma segunda mensagem. Era de alguém que Henry não conhecia.

— Layla, é Ben. Ben ? Quem é Ben ?

— Desculpe-me ligar para sua casa, mas perdi o número do telefone da empresa onde trabalha e procurei seu nome na lista telefônica. Espero que não se importe. Não sei se mora com alguma amiga... Enfim, está tudo certo para a próxima quarta-feira, fiz uma reserva no Nobu às vinte e uma horas. Espero que goste. Em todo caso, ligue-me quando quiser para dizer o que acha. Até mais. Beep.

Não havia outras mensagens. Porém, aquela que Henry acabara de ouvir exigiria uma explicação séria. Voltou a gravação duas vezes, para tentar descobrir o motivo de um homem

que ele não conhecia ter telefonado para sua namorada, falando de um jantar no Nobu dali a seis dias. Pôs a gravação de novo, a fim de avaliar se a mensagem não havia sido deixada no número errado. Mas não. Aquele Ben dissera o nome de Layla.

Henry permaneceu quieto na cozinha durante muito tempo, olhando para os ímãs da geladeira. Não tinha idéia do que desviou sua atenção, mas de repente estava observando as rosas sobre a mesa. Armou um plano.

Pegou as flores e as levou ao porão. Colocou-as no armário de ferramentas, um dos lugares da casa que ele tinha certeza de que Layla não iria. Em todo caso, fechou a porta.

Subiu, viu o vinho e o levou até o armário de ferramentas também. Um dos dois ou ambos poderiam ser usados naquela noite, mas ele não tinha certeza. Era estranho. A sensação no estômago tinha mudado.

Não era mais como uma punhalada, que praticamente o debilitara o dia todo. Em vez disso, era uma espécie de ansiedade, como a que se sentia quando se sabia que más notícias estavam a caminho.

Olhou para o relógio. Cinco e meia. Teria muito tempo para esperar. Decidiu pedir uma pizza. Enquanto esperava, sentou-se ao computador com a intenção de escrever um pouco. No entanto, mais uma vez, distraiu-se.

Deitou-se no sofá para assistir ao canal de esportes e acabou cochilando até ser acordado por uma batida forte na porta. A pizza!

Pagou ao entregador, pegou um prato no armário e uma lata de refrigerante na geladeira. Devorou cinco pedaços, o dobro do que costumava comer, e se pôs a pensar por que a dor que sentia no estômago não afetara seu apetite. Então, o jogo dos Yankees começou, e ele se sentou para assistir à partida.

Os Yankees venciam quando Henry ouviu Layla abrir a porta e entrar. Ela trazia nos braços várias pastas e três agendas, que caíram ao chão no meio da sala, fazendo um grande barulho. Ele simplesmente a olhou e voltou a atenção ao jogo.

— Acredita que tudo isto é para o fim de semana? — ela disse. — E há outra caixa no carro. Será um milagre se eu conseguir assistir ao casamento.

Henry observou a pilha no chão e assobiou.

— Quando puder, poderia me ajudar com a caixa que está no carro?

— Certamente — ele respondeu, levantando-se do sofá. — Vou buscá-la.

Foi até o carro de Layla, que ainda era o emprestado pela concessionária desde segunda-feira. Tirou a caixa do porta-malas, colocou-a no chão e fechou o automóvel. Layla apareceu, usava um par de sapatos que ele jurava nunca ter visto.

— Sabe, o mais certo seria colocá-la em seu carro — ela sugeriu. — Não vou usá-la

esta noite.

Sem uma palavra, ele levou a caixa a seu veículo.

Layla abriu o porta-malas com a chave eletrônica, e ele a acomodou ali. Após fecharem o carro, entraram na casa.

— Sinto muito — ela desculpou-se. — Foi um dia maluco.

— Não tem problema. Acabei de comer pizza. Sobraram alguns pedaços para você.

— Uau! — ela exclamou, já erguendo a tampa da caixa de pizza. — Alguém estava com muita fome.

— Acho que sim. — Ele voltou a olhar para a televisão.

— Vamos fazer as malas?

— Ainda não. Vou acabar de ver essa partida.

— Tudo bem.

Ele continuou a assistir ao jogo. Os Yankees apelaram em um lance, mas o árbitro não concedeu a apelação. A partida estava amarrada.

Henry fitou Layla, que se sentara em uma das cadeiras à mesa da cozinha, massageando o pé direito cruzado sobre o joelho esquerdo sobre o joelho esquerdo

— Lay?

— Sim?

— Quem é Ben?

A pergunta que Henry faria à mesa de jantar mais tarde naquela noite poderia ser o ponto alto de um dia que não começara bem para Layla.

Não habituada a ficar de ressaca, ela havia tido muita dificuldade para sair da cama. O banho de chuveiro nada adiantou, e, apesar de ter escovado os dentes várias vezes, não conseguiu se livrar do gosto horrível que tinha na boca e do receio de chegar ao trabalho cheirando a cerveja e fumaça de cigarro.

Foi direto ao escritório. Naquela manhã, haveria uma reunião, e ela tinha pouco tempo para preparar-se. E o que era pior, Jessica estava na frente da mesa da recepcionista quando ela entrou. Depois de encará-la, a chefe olhou para o relógio e se dirigiu à apavorada recepcionista. Jessica nada disse a Layla. Nem um bom-dia.

Ao entrar em sua sala, Layla gelou. A pilha de papéis e arquivos em sua escrivaninha era tão alta que não se conseguia enxergar a janela atrás da cadeira. Achando que deveria haver algum engano, ela se moveu com cuidado, como se temesse que um movimento inapropriado derrubasse tudo.

A campainha do intercomunicador soou, e ela ouviu uma voz dizer:

— Layla?

— Sim.

— Jessica quer vê-la. Agora.

— Obrigada.

Ela pôs a maleta e a bolsa na cadeira e, confiante, cruzou o corredor principal em direção à sala de Jessica.

— Feche a porta — a chefe ordenou de costas para ela. Naquele exato momento, Layla percebeu que o assunto não seria agradável.

Jessica explicou que o advogado responsável por um importante caso tinha se demitido naquela manhã e ela acreditava que Layla era a pessoa mais indicada para assumi-lo.

— Você sabe que não virei amanhã, certo? — Layla perguntou.

— Sim — Jessica respondeu. — Temo que terá de trabalhar durante o fim de semana. Esse caso não pode esperar. Uma das secretárias a ajudará com os arquivos.

Layla não podia acreditar no que ouvia. Jessica sabia o que aquele fim de semana significava para ela e mesmo assim lhe atribuía aquele serviço de última hora.

— Algo mais? — perguntou, tentando disfarçar a contrariedade.

— Não, isso é tudo — Jessica pôs fim à conversa, sem encará-la.

Layla passou a manhã tentando diminuir a pilha de papéis em sua mesa. Trabalhou nos arquivos durante três horas e ao meio-dia e meia ergueu os olhos, surpreendendo-se com a presença da mãe na porta do escritório.

— Há quanto tempo está parada aí? — perguntou.

— Ótimo cumprimento — Cindy falou. — Que tal: "Olá, mamãe, que bom vê-la".

— Desculpe-me — Layla murmurou, sorrindo e dando a volta na escrivaninha para abraçar Cindy. — Foi uma manhã louca. Nem vi o tempo passar.

— Bem, pensei que poderíamos almoçar juntas.

— Mamãe, sinto muito. Não posso sair do escritório agora.

Cindy pareceu contrariada.

— Eu realmente queria falar com você.

— Sinto muito. Faremos isso na próxima semana.

— Não, Layla. Vamos almoçar hoje. Juntas. Nesta sala.

Layla não soube o que dizer. Não tinha escolha, a não ser esperar que a mãe se explicasse. Entretanto, ela não o fez, simplesmente se virou e saiu sem dizer nada. Layla deu de ombros e voltou ao trabalho.

Vinte minutos depois, Cindy estava de volta, carregando uma sacola com sanduíches e salada, além de duas garrafas de chá gelado.

— Almoçaremos aqui enquanto você trabalha — ela esclareceu.

Layla sorriu.

— Está bem. Se não se importar...

— Não. Continuarei falando. Nem precisa me escutar.

Comeram juntas, como a mãe queria, e Layla esqueceu o trabalho e prestou atenção à conversa.

Cindy discorria a respeito do projeto que James tinha para a casa. Estava determinado a construir um quarto nos fundos, ligando-o à sala de visitas e avançando no quintal. Cindy parecia muito feliz.

— Então, como estão as coisas entre você e Henry? — ela mudou de assunto.

Layla parou de mastigar e fitou a mãe. Como fizera com Jessica no dia anterior, contou tudo à mãe. Quando se referiu a Ben, Cindy riu.

— Você já tem um encontro marcado para a próxima semana? Não é uma reação rápida demais?

— É apenas um encontro que espero ter que cancelar — Layla explicou. — Mas há a possibilidade de eu estar solteira na semana que vem.

— Que modo terrível de encarar a situação.

— É uma tentativa.

Layla continuou falando a respeito dos acontecimentos da semana, da conversa gentil que tivera com Henry, do fato de tê-lo encontrado dormindo no sofá e da noitada com as amigas.

— Um corte de cabelo novo, uma noite com as amigas. — Cindy refletia. — Parece alguém tentando se recobrar de um fracasso sentimental.

— Eu sei — Layla murmurou. — Mas, na verdade, me diverti muito.

— Isso é bom, Layla. Mas seja cuidadosa. Está brincando de moça solteira... De repente, pode não querer mais ser uma mulher casada.

Layla mordeu o sanduíche, pensando no que a mãe acabara de dizer. Não queria magoar ninguém. Se a semana a fizesse desejar ser solteira e Henry não a pedisse em casamento, estaria muito mais preparada para o pior.

Se a semana a levasse a querer ser solteira e Henry lhe fizesse a proposta esperada, ela tinha certeza de que a felicidade se sobreporia a todo o resto. E, se a semana não a fizesse desejar ser solteira e Henry não quisesse se casar com ela... bem, ficaria devastada. Desse modo, pelo menos haveria um belo rapaz para levá-la para jantar. Não magoaria ninguém, certo?

— Não sei, mamãe. Ainda penso que foi a coisa certa a fazer.

— Isso é importante, querida. Deve fazer o que acha correto.

— Lembra-se de como costumava esperar papai pacientemente?

Cindy riu.

— Na verdade, não. Fiquei anos sem saber de James depois da primeira vez que nos vimos. E, no final, tive que fazer o pedido.

Layla não tinha conhecimento desse fato.

— O quê? — perguntou, limpando os lábios com um guardanapo de papel.

— É verdade — Cindy afirmou. — Seu pai tinha um grande plano: ia me levar para jantar fora e me proporia casamento. Eu deveria encontrar o anel em meio à sobremesa.

— Nunca ouvi nenhum comentário a respeito. Como foi isso?

— Bem, você conhece seu pai. Chegamos ao restaurante, e não havia reserva. Ele ficou nervoso, pois, além da reserva, o restaurante também estava com o anel.

O fato é que ele se confundiu e me levou a outro restaurante. Fez uma cena e foi posto para fora. Então, acabamos comendo cachorro quente de um carrinho de rua, enquanto ele ameaçava processar o restaurante. Eu nem imaginava o motivo de tanta revolta. Não tinha idéia de que ele havia pensado que o anel de noivado estivesse na cozinha e não permitiram que ele entrasse. Layla ria muito.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo.

— Bem, para encurtar a história, peguei as mãos de seu pai e o fiz olhar para mim. Apenas para acalmá-lo, eu o pedi em casamento. De repente, ele se tranqüilizou. Nunca esquecerei o que James respondeu.

— O que ele disse? — Layla indagou, inclinando-se para a frente.

— "Querida, eu seria louco se não aceitasse".

Layla sentiu os olhos cheios de lágrimas. Depois de alguns segundos de silêncio, Cindy levantou-se.

— Bem, agora você precisa voltar ao trabalho. Mas foi ótimo estarmos juntas.

Aturdida, Layla encarava a mãe.

— É uma linda história. Não acredito que não a tenha ouvido antes.

— Bem, talvez eu a estivesse reservando para o momento certo.

— Obrigada, mamãe. — Layla a abraçou.

— Foi um prazer, querida. — Cindy já caminhava para a porta. Então, parou.

— Posso lhe dizer algo sem ser maternal demais?

— Claro. — Layla sorria.

— Henry é bom para você. Ele a impede de ser séria demais o tempo todo.

Layla olhou para a escrivainha, esperou alguns segundos para se certificar de que não iria chorar e, finalmente, murmurou:

— Eu sei.

— Boa sorte, querida.

E Cindy deixou a sala, rumo ao elevador.

Layla passou o restante do dia em meio à papelada, com apenas duas interrupções.

A primeira foi às três horas da tarde, quando Gloria ligou.

— Olá, vi Henry na Starbucks.

— Verdade? — Layla se admirou.

— Acho que estava escrevendo. Layla riu.

— O que você estava fazendo lá?

— Fui me encontrar com Andy, aquele sujeito do qual lhe falei na semana passada.

— Não?!

— Terminei com ele. Antes de transarmos, ele mentiu para mim ao afirmar que era solteiro. Não gosto de ser enganada.

— Sinto muito — Layla disse.

— Ah, foi melhor. — Gloria fingia ser fina.

As duas conversaram durante algum tempo, Layla na incomum posição de parecer compreensiva com uma Gloria que não conhecia. Insegura.

A segunda interrupção foi às quatro e quinze, quando Susan ligou com uma surpresa similar a de Gloria.

— Olá, vi Henry na loja de bebida.

— Oh, sim? O que ele fazia lá?

— Parece que estava comprando uma garrafa de vinho. Acho que para o fim de semana, sei lá.

— Humm.

— Como vão as coisas?

— Estou atolada de trabalho. Terei que ficar aqui até mais tarde, além de levar serviço para casa.

— Que droga!

— Pois é.

— Então, vou deixá-la trabalhar. Tenho certeza de que nos veremos na piscina ou em algum lugar parecido.

— Ótimo. — Os olhos de Layla já passeavam pela tela do computador. — Faça uma boa viagem.

— Você também.

Depois dessa conversa, Layla achou melhor avisar Henry de que chegaria mais tarde.

Então, telefonou para ele. Não o encontrando em casa, deixou uma mensagem na secretária eletrônica.

Cerca de quatro horas depois, sentada à mesa da cozinha, escutou-o perguntar:

— Quem é Ben?

Céus, problemas à vista, ela pensou.

A pergunta ficou pairando no ar.

Layla fora pega de surpresa. Não tinha saída. Henry a olhava fixamente. Ele havia se encontrado com Gloria e Susan; teria uma delas deixado escapar alguma coisa? Improvável, mas possível. Entretanto se houvessem dado um fora, teriam mencionado o fato quando lhe telefonaram. Ou não?

Quem é Ben?

Seria possível que Henry e Ben tivessem se cruzado na Starbucks e Henry houvesse escutado Ben comentar com um amigo que tinha um encontro com uma garota de nome incomum?

Era possível, porém mais improvável que a hipótese anterior.

Quem é Ben?

Seria possível Ben ter telefonado para sua casa? Teria ela cometido a tolice de lhe dar o número do telefone de casa em vez do número do escritório? Dificilmente, mas tinha que considerar a hipótese. Andava muito distraída.

Quem é Ben?

Layla notou que Henry ainda estava ali, encostado no batente da porta da cozinha, os braços cruzados sobre o peito. Parecia disposto a esperar pela resposta durante o restante do ano.

E ela não sabia o que dizer. Poderia ser sincera com ele e contar toda a história naquele momento. Poderia mentir e dizer que Ben era alguém do serviço, com quem ela estava trabalhando em um projeto.

O problema era que ela não tinha conhecimento de quanto Henry sabia. Não tinha idéia se ele havia conversado com Ben, se este deixara uma mensagem na secretária eletrônica. Na verdade, não tinha nenhuma informação de como Henry havia descoberto a existência de Ben.

Decidiu dissimular, na esperança de que Henry fornecesse algum detalhe no qual ela pudesse se apegar. Sabia que hesitara tempo demais para bancar a inocente, mas tinha que ver se conseguia alguma pista. Era a melhor saída.

— Como? — finalmente perguntou.

— Ora, vamos, Lay...

— Não entendi a pergunta, preciso de mais informações.

— Que informações? Quero saber quem é Ben? Se você conhece alguém de nome Ben. E, pela expressão de seu rosto, noto que sabe do que estou falando. Espero que aja de forma mais inteligente quando está no tribunal.

O comentário foi severo, mas Layla achou que ele tinha o direito de ficar irritado. Desanimada, constatou que Henry não fornecera nenhuma pista. Estava jogando muito bem. Ela havia sido pega. E agora?

Naquele momento, parecendo agitado, ele caminhava pela cozinha.

— Quer saber o que acho? — ele indagou. — Que você está querendo encontrar um modo de sair dessa enrascada da melhor maneira possível.

— De que enrascada está falando? — Ela concluiu que tinha pouco a perder.

Calculou errado.

Henry nunca erguera a mão para ela, mas o soco que ele deu no balcão da cozinha era sinal de que estava realmente muito nervoso.

— Essa é uma pergunta que você tem que responder para mim, Layla! — Ele olhava para o microondas. — Estarei lá em cima fazendo minha mala. Há uma mensagem para você na secretária eletrônica.

Ele deixou a cozinha e foi em direção ao quarto. Layla ficou a conjecturar de que maneira poderiam viajar juntos. Pensou em ligar para Gloria e Susan para saber se havia lugar para ela no carro. Pensou também se Henry voltaria a encará-la.

Então, foi checar a mensagem.

Ela realmente estava em uma enorme enrascada.

Henry colocava suas roupas na grande mala cinza que usavam quando viajavam juntos. Logicamente, facilitava quando a viagem era em épocas quentes, pois usavam roupas menos volumosas. Também ajudava, nesse caso, o fato de o smoking e o vestido de Layla estarem no Maine. Ele se lembrou do anel, na pequena caixa vermelha, no bolso do blusão que ele pretendia levar na viagem.

Mas, naquele instante, não sabia se deveria pegar o anel. O vendedor o aceitaria de volta?

Com movimentos rudes, colocava meias e camisetas nos cantos da mala. A seguir, entrou no banheiro e começou a atirar os produtos de higiene em uma pequena bolsa de couro.

Ouviu Layla subir a escada. Estava determinado a ser impiedoso. Tivera um mau

pressentimento durante o dia todo, havia sentido que alguma coisa ia atrapalhar seus planos para aquela noite, mas nunca poderia imaginar que a origem de tudo fosse Layla.

Ao sair do banheiro, encontrou-a a sua espera. Não conseguiu perceber se a expressão do rosto dela era de arrependimento, embaraço ou algo semelhante. Ela se manteve em silêncio. O que lhe deu abertura para falar:

— Vai separar as roupas que quer levar? Ou não pretende mais viajar?

— É claro que vou — ela resmungou.

— Bem, então vamos aprontar tudo já! — falou, seco. — Quero dormir um pouco antes de sairmos de viagem.

Em silêncio, ela foi até o armário para pegar suas roupas.

Henry balançou a cabeça de um lado para o outro. Odiava quando brigavam e ela ficava muda. Odiava ser sempre ele a tomar a iniciativa da conversa, como se fosse a única alternativa para fazerem as pazes. Mas, dessa vez, Layla teria que dar o primeiro passo.

Na meia hora seguinte, arrumaram as roupas em silêncio total. Ocasionalmente, seus olhos se encontravam, e ela implorava em pensamento que ele dissesse alguma coisa. No entanto, Henry desviava o olhar rapidamente, como se não tivesse interesse em quebrar o gelo. Apenas uma vez, sustentou o olhar de Layla, tentando passar a mensagem de que ela deveria começar a conversa. Não foi o que ocorreu. Ele voltou a fazer a mala.

Quando terminaram, ele desceu. Abriu o armário do corredor e agarrou a manga do blusão. Mas, então, como um ato de desafio pessoal, decidiu não pegá-lo. Sabia que se arriscava a esquecê-lo na manhã seguinte, mas se Layla nada tivesse dito até o amanhecer, talvez nem levasse o anel.

Quando subiu novamente, ela estava encolhida sob a coberta, com os olhos abertos. Ele se despiu e deitou-se a seu lado. Sem uma palavra, apagou a luz.

Ficaram em silêncio. Henry não podia acreditar no que estava acontecendo.

Finalmente, Layla começou a falar:

— Conheci esse rapaz em um bar. Gloria, Susan e eu estávamos sentadas, quando ele se aproximou. Conversou conosco, mas Gloria e Susan insistiram que ele estava interessado em mim. Retruquei que elas agiam como tolas, e Susan disse que eu poderia estar solteira em uma semana.

— Humm — Henry gemeu. — Foi ontem que isso aconteceu?

— Não, foi no domingo, quando fomos ao Tuxedo assistir ao jogo.

— Ah! — ele murmurou, apenas.

— Então, no dia seguinte, eu estava no tribunal e encontrei com ele por acaso. Ben me convidou para sair. Nem me lembro da última vez que isso aconteceu comigo.

— Então, você topou?

— Na verdade, não... — Layla olhava o teto. — Disse que telefonaria a ele na próxima semana. Para o caso, você sabe... de a sua decisão ser... — Fez uma pausa na esperança de que Henry falasse alguma coisa. Mas ele nada disse. — Depois desse dia, conversamos novamente — ela continuou. — Pensando que na semana seguinte eu poderia estar solteira, resolvi aceitar o convite para a próxima quarta-feira.

Pelo menos teria alguma coisa para fazer. Caso você me propusesse casamento, eu poderia cancelar o jantar com Ben. Henry continuou quieto.

Ele achou que o que Layla dizia fazia sentido e provavelmente era verdade. Porém, havia outras questões que deviam ser analisadas: Ela tinha gostado do sujeito? Ele era bonito? Ela ainda queria se casar, ou esse tal de Ben a fizera desejar se relacionar com outros homens?

Ele se pôs a pensar nos acontecimentos dos últimos dias: os cabelos curtos e as roupas novas de Layla, o modo como Gloria não o encarava, as noites passadas entre amigas e, principalmente, se havia mais coisa além do que lhe fora relatado.

Estava deitado de costas para Layla, olhando a claridade que entrava pela janela do quarto. Ela permanecia a seu lado, olhando para o teto na escuridão, querendo saber se ele ia dizer alguma coisa.

Mas nenhum dos dois falou pelo restante da noite.

Capítulo V

— Então, vocês não conversaram durante toda a viagem? Susan usava biquíni preto para tomar sol na piscina do hotel, que ficava de frente para o mar.

— Quase nada — Layla respondeu.

Vestindo short e camiseta, ela se sentara perto da espreguiçadeira onde Susan estava deitada. Ainda havia muito a ser feito e precisava ficar no quarto do hotel trabalhando, mas tinha de contar a alguém o que acontecera na noite anterior.

Roía a unha do polegar enquanto esperava que Susan processasse a história que havia acabado de ouvir. Teria de repetir tudo a Gloria quando esta chegasse, mas não se importava. Precisava da opinião de outras pessoas.

— Conversaram a respeito da noite anterior?

— Um pouco — Layla falou. — Depois de uma hora de viagem, perguntei se íamos continuar aquela conversa, e ele questionou: "O que você tem a dizer?". Respondi que desejava saber o que ele tinha concluído a respeito da explicação que eu havia dado na noite anterior.

— E o que ele falou?

— Que a minha resposta levantara muitas questões. Ele queria saber se me interessasse por Ben, se era um homem bonito, se havia mais fatos que Henry ainda não sabia. Respondi às perguntas e continuei afirmando que não tinha saído para procurar ninguém. Ben tinha se aproximado de mim, e achei que não tinha nada de mais marcar um encontro com ele, pois eu poderia cancelá-lo quando quisesse.

— Certo — Susan murmurou. — Mas pense se houvesse acontecido com você. Se ficasse sabendo que Henry marcara um encontro para a semana seguinte.

— Sim, eu sei — Layla concordou. — Mas é diferente.

— Como diferente?

— Bem, sou eu que quero me casar. A opinião de Henry sobre esse assunto ainda tem que ser ouvida. Se ele reagisse ao ultimato marcando um encontro, eu já teria minha resposta, não?

— Pode-se perceber que você já tinha pensado nisso.

— Dá para pensar muito quando se passa a noite em claro.

— Enfim, o que ele disse?

— Ele passou outros quarenta e cinco minutos sem dizer nada. Em dado momento, deu um suspiro, olhando para a estrada à frente, de óculos escuros, e perguntou: "Ainda deseja se casar comigo ou não?".

— Não era bem o pedido pelo qual você esperava — Susan murmurou.

— Não. Realmente não foi um pedido. Foi uma declaração do tipo: talvez você devesse refletir mais antes de dar um ultimato, sua estúpida!

— E o que você respondeu?

— Disse que sim. Expliquei que Ben fora uma estranha coincidência e, se a semana transcorresse como eu desejava, nunca mais voltaria a pensar nesse rapaz.

Layla olhou para a praia. Uma jovem família caminhava pela areia tépida. Os pais de mãos dadas, e a filha saltitante, vez por outra se abaixava para pegar conchinhas.

— Você chorou? — Susan quis saber.

— Não. Até o momento, mantive minha promessa. Não chorei a semana toda.

— Está chorando agora? — Susan endireitou o corpo.

— Sim. — Layla passou os dedos sob o olho esquerdo por baixo dos óculos escuros.

— Oh, Layla, não fique assim. Vocês ainda vão conversar mais. Muita coisa ainda pode acontecer neste fim de semana. Não há razão para tanto nervosismo. Certo?

— Eu só gostaria de saber...

— O quê?

— Eu queria saber se ele pretendia me pedir em casamento antes de ouvir a mensagem de Ben. Será que ia me fazer a proposta na noite passada?

Susan não disse nada, apenas se sentou segurando a toalha para o caso de a amiga precisar. Depois de chorar um pouco, Layla forçou uma risada.

— Talvez eu não esteja preparada para isso.

— Oh, Lay, não se culpe.

Naquele instante, Gloria chegou, resplandecente, usando um enorme chapéu vermelho.

— Olá, garotas — ela cumprimentou. — O que houve?!

Henry pensava se poderia fazer com que o colete não o incomodasse tanto.

— Parece um pouco apertado em você — Pete opinou.

— Está mesmo — Henry concordou. — Ou pediram o número errado ou tenho comido demais.

— Bem, terá que ser ajustado — Pete concluiu. — Não vai querer que ele rasgue durante os brindes. Seria constrangedor demais.

Henry gelou.

— Ei, cara — Pete sussurrou, olhando ao redor para ver se Jack estava por perto. — Escreveu o discurso do brinde?

Henry não sabia o que responder. Com toda aquela confusão da semana, o bloqueio de escritor, a desavença com Layla, ele esquecera completamente que deveria fazer um discurso para os noivos no dia seguinte.

— Droga! — exclamou.

— O que vai fazer? — Pete tentou rir.

— Acho que vou ter que escrever aqui.

— Sim — Pete anuiu. — Você é escritor. As pessoas estão esperando alguma coisa especial.

Pete estava certo. Mais uma coisa para Henry se preocupar.

— Posso alargar o colete — o alfaiate informou, examinando as laterais e as costas da peça. — Dê-me alguns minutos.

Jack surgiu de outra sala, vestindo seu smoking, camisa, calça e colete. Não usava meias nem sapatos.

— O que acham? — ele perguntou antes de notar a expressão dos amigos.

— O que foi? Alguma coisa errada?

— Não — Henry respondeu, rapidamente. — Meu colete terá de ser consertado.

O sorriso retornou ao rosto de Jack.

— Então? — o noivo insistiu. — O que acham?

— Perfeito — Pete respondeu, olhando para Henry. — Tudo me parece perfeito.

Os pais da noiva tinham reservado o enorme salão do clube de campo para o ensaio do jantar. Quase cem pessoas haviam sido convidadas. As mesas exibiam toalhas douradas e havia um atencioso garçom ao lado de cada uma.

Henry, que entrou logo atrás de Layla, deixou escapar um assobio.

— Impressionante, não? — ela indagou.

— E é apenas um ensaio. Como será no dia do casamento? — Henry sussurrou de volta.

Ela sorriu.

Ao redor do salão havia dez grandes aparelhos de tevê, exibindo um vídeo de Jack e Gina em várias cenas de férias. Em Cancun, o casal nadando em direção ao bar instalado no meio da piscina do hotel. No minuto seguinte, uma foto de Gina olhando para o Arco do Triunfo. Jack colhendo uvas em uma vinícola ao norte da Califórnia...

— Eles formam um casal perfeito — Layla murmurou, arrependendo-se logo em seguida.

Henry apenas sorriu.

Gina estava parada perto de uma das mesas, maravilhosa em um vestido branco floral, conversava com um casal que Henry e Layla não conheciam. Pouco depois, ela foi até os amigos, que conferiam os cartões de identificação das mesas.

— Ei! — ela gritou, passando os braços ao redor do pescoço de Layla. — Como é bom ver vocês! Estou muito feliz por terem vindo!

— É claro que viríamos — Layla disse. — Tudo está tão lindo!

— Sim. — Gina olhava para o teto de onde pendiam longas cortinas brancas, pontilhadas por luzinhas. — Falei para papai que era um exagero, mas ele insistiu, dizendo que só ia fazer isso uma vez, pois sou filha única.

— Ela riu. — E vocês, como estão? Alguma novidade? Ela olhava para Henry e seu sorriso possuía um toque misterioso.

Meia hora depois, todos já estavam acomodados em suas mesas e os garçons serviam as bebidas. Henry discutia com Pete sobre revistas em quadrinhos. Layla gostava de Pete, mas seu coração doía por Catherine, que olhava para a frente, sem conversar com ninguém. Layla se pôs a pensar como seria estar casada com um homem determinado a permanecer criança. Gostaria de saber se Catherine tinha esperado que Pete mudasse ou se casara com ele

consciente de que tudo continuaria na mesma: pôsteres de supermodelos nas paredes e desenhos animados na televisão nas manhãs de sábado.

Afastando a cadeira, Layla fitou Catherine, que, entendendo o convite implícito, levantou-se para acompanhá-la ao banheiro.

— Está tudo bem com você e Pete? — Layla perguntou no toalete.

Catherine suspirou.

— Não precisa responder se não quiser — acrescentou Layla.

— Não sei, Lay. Acho que apenas não imaginei que depois de tanto tempo ele não mudasse nem um pouquinho. Tantos anos casados e ele não me leva a sério.

Layla mirou-se no espelho, checando a maquiagem.

— Bem, pelo menos ele se casou com você. Coisa que não fui capaz de conseguir depois de seis anos — ela argumentou.

— Sim, mas você se dá muito bem com Henry, não é verdade?

Realmente, Layla pensou.

Quando voltaram ao salão, não foram diretamente à mesa. Ficaram à entrada, observando Henry e Pete conversarem animadamente. Eles riam como dois adolescentes assistindo a um seriado na tevê. Pareciam se divertir muito.

— Como conseguem... — Layla pensava alto. — Decerto estão falando sobre coisas ridículas. Nunca se preocupam em ter conversas mais sérias.

— Entendo a que se refere — Catherine disse.

Nesse exato momento, Jack sentou-se ao lado de Henry. Pete se inclinou para dizer alguma coisa a ele, e logo Jack estava rindo como se estivesse participando da conversa o tempo todo.

— Só podem estar falando dos tempos da faculdade — Layla concluiu.

— É bom lembrar — Catherine opinou.

— Por falar nisso... eu gostaria de saber sua opinião sobre certo assunto. Você se importaria de me escutar? — Layla interrogou.

Catherine a fitou nos olhos. Elas nunca haviam sido íntimas, uma das razões de Layla querer falar com ela. Seria uma perspectiva diferente.

— Claro que não — Catherine respondeu, intrigada.

E Layla contou a história de seis dias atrás, incluindo as rabanadas...

— Então... — Catherine balbuciou, boquiaberta. — Você não sabe o que ele vai fazer?

— Não. — Layla tomou um gole do drinque que o garçom trouxera ao concluir que elas não pretendiam se sentar à mesa. — Ele pode ter o anel no bolso. Ou talvez não pretenda fazer nada. Nesse caso, precisarei de uma carona até em casa.

— Acha que ele está se vingando?

— Na verdade, não sei o que pensar.

— E ainda deseja que ele a peça em casamento?

Henry lhe fizera a mesma pergunta naquela manhã, no carro. Layla o observou enxugar uma lágrima dos olhos, enquanto Jack se levantava da mesa, chamado pelos deveres de noivo e anfitrião que o impediam de passar toda a noite com os velhos colegas de faculdade.

Ela se lembrou da serenata que Henry lhe fizera debaixo da janela do quarto na faculdade. De quando haviam decidido morar juntos e saíram à procura de uma casa. Do dia em que ele vendera o primeiro livro, e ela havia passado no exame da Ordem dos Advogados. Dos abraços que ele lhe dava e do modo como dizia amá-la, como se fosse a mais importante constatação que uma pessoa poderia partilhar com outra.

Pensou também na semana que acabava de transcorrer. A tensão, as discussões entremeadas com sexo, os beijos na boca com sorvete e a doce convivência do dia a dia. Recordou-se de Ben e se pudesse voltar atrás...

Layla notou que Henry tinha parado de conversar e observava ao redor do salão. Imaginou que ele tentava localizá-la. Ele olhou ao redor três vezes até que ela e Catherine foram vistas, caminhando de volta à mesa.

Henry sorriu assim que a notou, e Layla acenou em resposta.

— Sim — ela respondeu a Catherine afinal. — Quero me casar com ele.

O pai de Gina bateu com o garfo no copo de água durante algum tempo para atrair a atenção dos convidados, que comiam, bebiam, conversavam e riam.

— Se puderem deixar a sobremesa de lado por um segundo — ele pediu, provocando risos e murmúrios dos convidados que tinham a boca cheia de bolo. — Apenas desejo dizer algumas palavras.

Henry observava Jack e Gina. Parecia fascinado. Sabia que ela fazia o amigo muito feliz. A profundidade do sentimento que unia o casal de amigos nunca o tinha tocado antes.

— Quando se tem uma filha — o pai da noiva começou —, a preocupação é grande.

Dessa vez, as risadas foram mais altas, pois os convidados já tinham parado de comer o bolo.

— A gente se preocupa se vai bem na escola. Quando adolescente, se começa a se achar feia. Ao lhe dar a chave do carro pela primeira vez. E, quando ela sai da faculdade, a gente teme que não vá mais precisar de nós.

O discurso era bom, Henry pensou, concluindo que teria toda a noite para fazer o dele.

— Porém o que mais preocupa é quando os rapazes começam a aparecer na porta da

frente. Aí a gente perde o sono. Para sempre.

Mais risadas. O homem estava se saindo muito bem.

— Então, um dia... — Ele fez uma pausa, a ponto de chorar. — Ela nos chama para dizer que vai trazer um rapaz em casa no Dia de Ação de Graças. E a gente não sabe o que fazer. Não sabe como é o sujeito, que tipo de educação teve, a qual família pertence. Nem como vai tratar sua filha.

Houve uma longa pausa enquanto ele fitava Jack, que entregou um lenço à noiva chorosa. Nesse ponto, Herb enxugou os próprios olhos com o dedo indicador.

— Céus! — ele exclamou. — Estou quase lá.

Mais risadas, dessa vez, nervosas.

— Tudo o que posso dizer aos pais presentes que têm filhas ou que terão é: sinto muito. Mas minha filhinha tem o melhor.

Minha nossa! Henry estava preocupado achando que ia começar a chorar também. Era inacreditável.

A multidão murmurou um "oh" em uníssono, e Jack se levantou para abraçar o sogro. Herb bateu nas costas de Jack três vezes, e mãe e filha se abraçaram durante muito tempo.

Layla, Henry notou, estava chorando e rindo ao mesmo tempo. Quando ele lhe apertou a mão, ela o encarou, demonstrando surpresa.

— Que discurso emocionante! — ela exclamou, voltando a observar os noivos.

— É verdade — Pete concordou, dando outra garfada no bolo. — E você precisa ver o carro que Jack ganhou do sogro.

Após o discurso de Herb Cook, todos relaxaram no salão até que as batidas no copo se fizessem ouvir novamente. Dessa vez, quem dava o sinal era o noivo, que tinha se levantado para fazer o próprio discurso.

— Oh, não... — Layla murmurou. — Não sei se vou agüentar...

Henry sorriu e beijou-a de leve nos lábios.

— Desculpem-me, mas serei breve — Jack disse. — Na verdade, depois do discurso de Herb, pensei em desistir do meu, porque nunca falarei tão bem quanto ele.

Risadas altas foram ouvidas em todos os cantos.

— Primeiro, quero agradecer a Herb não apenas as palavras gentis, mas tudo isto. — Jack abriu os braços mostrando o belo salão, repleto de convidados. — Obrigado.

Ele começou a bater palmas e todos o acompanharam.

— Agora — Jack prosseguiu, sorrindo — se eu conseguir, desejo falar um pouco da mulher que está a minha direita.

Ele encarou Gina.

— Eu poderia lhes dizer sobre a beleza dela. Ouviu-se outro "oh" dos convidados.

— Eu poderia dizer como ela é inteligente, doce e como me faz feliz. Eu poderia dizer muito a respeito de uma pessoa que trabalha o dia todo com crianças e que, duas noites por semana, é voluntária em um hospital. Eu poderia falar de Gina a noite toda. — Ele se interrompeu e pegou a mão da noiva que sorria, radiante.

— Em vez de falar a todos vocês — continuou, erguendo o copo —, quero falar a Gina. Eram cem pessoas absolutamente mudas.

— Minha querida — Jack começou. — Obrigado. Obrigado por entrar nessa aventura comigo. Não posso imaginar viver um só minuto de minha vida sem você.

Naquele momento, Henry e Layla se fitaram, e, subitamente, ele teve uma sensação nova. Ambos estavam de mãos dadas desde o discurso de Herb. Henry sentiu que gostaria de ficar assim o resto da vida.

— Tudo bem — Jack disse após o longo beijo que deu em Gina. — Chega de discursos. Vamos dançar.

Logo surgiu uma banda à frente do salão, e, em poucos minutos, todos se divertiam na pista de dança.

Henry e Layla se abraçaram durante uma música lenta. Eles ainda não haviam dito nada de substancial um ao outro desde os discursos, mas estavam tomando fôlego.

Ao consultar o relógio, Henry verificou que eram onze e meia da noite e fez algumas contas rápidas. O casamento seria realizado ao meio-dia e meia do dia seguinte e a recepção às duas horas. Calculando uma recepção de quatro horas, o buquê seria jogado por volta das cinco horas da tarde. Isso lhe dava mais de dezessete horas até que o prazo dado por Layla se esgotasse. Ele decidiu que não precisava fazê-la esperar todo aquele tempo.

— Quer sair daqui? — sussurrou ao ouvido dela.

— Sim — ela respondeu, afastando-se um pouco para fitá-lo.

Levaram algum tempo para se despedir de Jack, Gina e do Sr. Cook, que ainda recebia os cumprimentos pelo discurso. Então, deixaram o clube de campo e caminharam na noite fria da Nova Inglaterra.

— Foi tudo muito bonito — Layla opinou.

— Sim, foi perfeito — Henry concordou.

— O que acha de voltarmos ao hotel caminhando?

— É longe?

— Creio que não levará mais do que dez minutos. Eu e Gloria fizemos esse percurso hoje à tarde.

— Como está Gloria? — Henry perguntou.

— Não sei. Ela nunca diz o que realmente pensa. E há o caso com o sujeito casado...

— Casado? Será que é o cara que ela encontrou na Starbucks outro dia?

— Sim. Acho que agora está tudo acabado — Layla falou, chutando uma pedrinha.

Eles caminharam pela praia, ouvindo o som da arrebentação das ondas. Ela se achegou a Henry, murmurando:

— Estou com frio.

— É por causa do vento que sopra do oceano.

— Eu devia ter trazido um blusão.

O coração de Henry disparou, e ele parou de andar.

— Está tudo bem? — ela perguntou.

A palavra "blusão" o levou a se lembrar da pequena caixa vermelha...

Oh, não, ele pensou.

— Henry. — Ela parecia preocupada. — Algum problema?

Ele estava na maior enrascada. Sabia que deveria ter colocado o blusão sobre a mala na noite anterior. Agora, ali estava ele, caminhando na praia depois da meia-noite, ao lado da mulher com quem desejava se casar e não tinha o anel para dar a ela.

— Henry?

— Desculpe — ele pediu. — Acabei de perceber uma coisa.

— O quê?

— Esqueci de escrever o discurso do brinde para Jack e Gina.

— Só isso? — Ela apoiou a cabeça no ombro dele. — Pode escrevê-lo em quinze minutos.

— É verdade — ele assentiu, esperando estar representando bem.

— Voltaremos logo ao hotel, e poderá escrevê-lo antes de se deitar. Certo?

— Ok. — Sua dor no estômago retornava.

Henry ficou calado durante todo o percurso até o hotel. Quando enfiou o cartão na porta do quarto, Layla perguntou novamente:

— Você está bem mesmo?

— Sim — ele respondeu, sem olhá-la. — Por quê?

— Parece estar com pressa ou chateado com alguma coisa.

— Tenho que ir ao banheiro, é tudo.

Ele precisava ficar só, com uma porta separando-o de Layla. Tinha que dar um soco na parede e soltar alguns palavrões. Adoraria rasgar a cortina do boxe e jogá-la no lixo.

Estava com raiva de si mesmo, mas não podia levantar suspeitas em Layla. E não sabia o que fazer. Quando havia tomado uma decisão, surgia outro transtorno.

Precisava pensar.

Era quase uma da manhã. Poderia ir a Jersey e voltar a tempo? Seria possível? A cerimônia religiosa começaria ao meio-dia e meia. A viagem levaria quase seis horas. Seis horas para ir e seis horas para voltar, não daria tempo. E ele era o padrinho. Não tinha um carro veloz o suficiente para...

Espere um minuto.

Ele podia não ter um carro rápido o bastante, mas conhecia alguém que o possuía.

Henry não estava preocupado em bater na porta do quarto de Jack a uma da manhã. Provavelmente, o amigo era o único no hotel que dormia sozinho naquela noite.

Enquanto o elevador subia para o oitavo andar, Henry pensava em Layla.

Ela não havia entendido por que ele precisara sair de repente. Quando ele saíra do banheiro, ela estava deitada na cama, ainda com o vestido da festa, esperando-o para fazerem amor. Havia meia hora, ele também o queria, e tinha certeza de que iam realizar o mútuo desejo. Ficou condoído, mas fazer amor naquele momento estava fora de questão.

— Layla — ele dissera, meio sem jeito —tenho que sair.

Ela se erguera. Seria possível outra surpresa depois de tudo que havia acontecido nos últimos dias?

— Como assim?

— É uma emergência. Coisa de padrinho — ele havia tentado se justificar.

— Coisa de padrinho?

— Sim. Jack me ligou no celular enquanto eu estava no banheiro. Disse que precisa que alguém fique com ele esta noite.

Ela sorria com malícia ao indagar:

— Ele não pode esperar um pouco?

— Sinto muito. Se você soubesse como desejo ficar.

Layla parecera magoada. Certamente ela ligaria para Susan e Gloria assim que ele saísse.

Então, ele lhe dera um beijo sensual, como se promettesse recompensá-la na volta.

— Acordarei você antes de amanhecer.

— Antes de amanhecer? Trata-se de algum tipo de despedida de solteiro que não quer me contar?

— Não, seremos apenas Jack e eu. Ele precisa de mim. É coisa de padrinho.

— Está bem — ela anuíra, demonstrando não acreditar nele. — Se precisa ir...

— Sinto muito, querida.

— Tudo bem. E ele se fora.

Naquele instante, saía do elevador e caminhava até o quarto de Jack.

Jack atendeu a porta usando camisa, paletó e cueca.

— Oh, diabos! — Henry exclamou. — Sinto muito... Gina está aí com você?

— O quê? — Jack parecia confuso. — Não, não. Estou me despindo. Entre.

— Desculpe incomodá-lo. Vai pensar que sou o pior padrinho do mundo.

— Duvido seriamente disso. O que achou da festa?

— Absolutamente incrível.

— O que há de errado, Henry? Parece nervoso.

— Fiz uma enorme tolice. E preciso de seu carro emprestado.

— O carro novo? Deve estar brincando. Eu o ganhei há apenas dois dias.

— Eu sei, eu sei. E, se disser não, entenderei. É o seguinte: comprei um anel de noivado que pretendia dar a Layla esta noite, mas me esqueci de trazê-lo.

— Esqueceu?!

— Sim. Em Nova Jersey.

— Tem certeza?

— Tenho. Está dentro do bolso interno de um de meus blusões. E me esqueci de apanhá-lo.

— Então quer ir a Nova Jersey pegar o anel e voltar em tempo para o casamento? Não conseguirá.

— Por isso estou pedindo seu carro emprestado. Jack ficou sério e pensou durante algum tempo.

— Não pode esperar até que voltem a Jersey? Acho que Layla entenderá.

— Você tem mais experiência do que eu nesse assunto — Henry disse.

— Realmente acha que ela entenderá? Mais ainda, acha que ficará feliz?

— Você está certo — Jack assentiu. — Quanto tempo levará?

— Levei seis horas para vir durante o dia.

Jack olhou o relógio e fez algumas contas de cabeça.

— Creio que podemos conseguir — ele falou.

— Ótimo! — Henry quase gritou. — Não tem idéia de quanto...

— Espere... — Jack começou a vestir a calça. — Vou com você.

Os protestos de Henry foram fervorosos, mas breves. Afinal de contas, havia pouco tempo a perder.

Se acontecesse algum imprevisto terrível — um acidente de carro ou algum contratempo, como um bloqueio na estrada, por exemplo — e Jack não chegasse a tempo para o próprio casamento, Henry estaria em apuros.

— É arriscado demais. — Ainda tentou convencer o amigo.

— Não há risco nenhum — Jack falou, pegando a chave do carro. — Resolveremos essa questão em pouco tempo. Eu queria mesmo experimentar o Porsche na estrada.

Já no corredor, em direção ao elevador, Henry mais uma vez procurou dissuadi-lo.

— Bem, sou o padrinho. É minha responsabilidade garantir sua integridade até a cerimônia de casamento. Se você não estiver inteiro, Gina não o perdoaria e certamente me mataria.

— É verdade — Jack assentiu, apertando o botão do elevador, impaciente. — Com certeza, ela o mataria. Mas não sei como. Ela não sabe atirar e...

— Ria se quiser — Henry disse. — Mas não é engraçado.

— Há três motivos para eu ir com você — Jack começou a argumentar quando o elevador chegou.

— E quais são eles?

— Não... quatro. Há quatro motivos.

— Está bem. Quais são? — Henry inquiriu.

— Primeiro, há uma grande diferença entre eu permitir que você dirija meu carro na estrada à beira-mar ou na rodovia interestadual de vários quilômetros.

— Certo, entendi.

— Segundo, sou seu amigo. E não deve se arriscar em uma missão desse tipo sozinho.

— Bem, agradeço. — Henry saiu do elevador e segurou a porta para que o amigo fizesse o mesmo.

— Terceiro, eu não ia conseguir dormir. Estou muito ansioso.

Passaram pelo vestíbulo do hotel em direção ao estacionamento.

— Que argumento!

— Quarto. — Jack deu um tapa no ombro do amigo, enquanto apontava a chave eletrônica para abrir a porta do carro e ligar o motor a distância. — O que poderão fazer? Começar o casamento sem mim?

O primeiro obstáculo surgiu em menos de vinte minutos de viagem, ao chegarem ao pedágio de New Hampshire, onde Henry e Layla haviam esperado uma hora inteira em silêncio. Continuava lento, em ambos os sentidos, à uma e meia da manhã.

— É inacreditável — Jack falou. — Pode-se dirigir do Maine até a Flórida, e esse é o único pedágio onde se tem que esperar.

— Droga, vamos... — Henry resmungou, olhando pelo pára-brisa.

— Calma — Jack pediu, sorrindo. — Vai dar tudo certo.

Deixaram o pedágio à uma e cinquenta e cinco e continuaram a viagem na noite

escura da Nova Inglaterra. Permaneceram em silêncio, apenas ouvindo o som do poderoso motor do Porsche em alta velocidade.

— Você é bem íntimo de seu sogro, não é? — Henry indagou depois de algum tempo.

Jack sorriu.

— O que o faz pensar assim?

— O carro que ganhou e o discurso choroso dizendo que você é o cara perfeito para a filha dele.

— Sim.

— Como o conquistou?

— Herb é um sujeito legal. Muito alegre e engraçado. Sempre emotivo e arrebatado. Acho que iria gostar de qualquer um que tratasse Gina bem. É um homem muito generoso, que ama a família.

— Que bom! — Henry exclamou.

— Para mim tem sido ótimo. E triste quando os próprios pais não estão por perto. Penso em como eles iriam se divertir nesse fim de semana.

Henry apenas meneou a cabeça afirmativamente.

— Mas as coisas vão muito bem — Jack prosseguiu. — Gina é maravilhosa e mal posso esperar para vê-la no vestido de noiva do qual tenho ouvido falar muito.

— Que bom que esteja feliz, meu amigo.

Ao atravessarem a fronteira para o Estado de Massachusetts, Jack e Henry tiveram que tomar a primeira grande decisão.

— O que acha? — Jack perguntou. — Pegamos a Rodovia 95 ou a Mass Pike?

— Sempre pego a Pike — Henry respondeu. — A 95 está em obras. — Olhou para o relógio. Quase duas e meia. O casamento se daria em dez horas. — Que loucura!

— É verdade, mas sabe que estou muito animado? — Jack ria. — Eu não tinha idéia de como passar minha última noite de solteiro e esta aventura é mais excitante do que qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado.

— Ainda bem que está se divertindo. — Henry roia a unha.

— O que há? Não está gostando?

— Não sei. É um negócio sério. Estamos nos dirigindo a Nova Jersey no meio da noite para pegar um anel de noivado. Sinto-me como se já estivesse noivo.

— É isso mesmo. Por que a insegurança?

— Insegurança?

— Não tem certeza se é isso mesmo o que quer?

— Finalmente, estou bem certo do que quero. Fez-se silêncio por algum tempo.

— Quer falar sobre o assunto? — Jack questionou. — Temos tempo.

— Não sei... Acho que nunca me vi como um homem de família. Esposa, filhos, casa e tudo o mais.

— E?...

— Deve ser apenas tolice de homem, sabe como é? Uma desordem na cabeça quando se gosta de ser solteiro.

— Certo — Jack murmurou, ambas as mãos na direção do carro, olhando para a frente e piscando de vez em quando.

— Você está bem? — Henry perguntou. — Quer que eu dirija?

— Acho que entrou um mosquito em meu olho. Estou bem. Continue falando. Adoro confissões.

— Bem, é... Na verdade, o problema não é como vejo minha vida nem se quero ter filhos e outras coisas do tipo. É sobre Layla. Sabe do que estou falando?

— Acho que sim.

— Lembra-se do cara que conheci no campo de golfe na semana passada? O sujeito grande, gritalhão, que vive dando tapas nas costas dos outros? Conhece o tipo?

— Certamente — Jack afirmou.

— Como já lhe contei, esse cara se casou várias vezes e está sem ninguém agora.

— Puxa! — Jack exclamou. — E esse é o tipo ao qual pediu conselhos?

— Estranho, não é?

— Muito estranho. Você devia ter me telefonado.

— Não, não devia. Mas, no fim, acho que esse cara me ajudou a tomar uma decisão.

— Verdade?

— Sim. Ele falou a respeito do casamento, sobre como as mulheres são possessivas e autoritárias... — Enfim, escutei-o, observei-o, joguei com ele, e cheguei à conclusão de que o cara não está com nada. É uma fraude total. Ele é grande, confiante, mas está completamente perdido. Passa o tempo procurando alguma coisa que não sabe o que é.

— E?

— E já tenho o que quero.

— Isso é bom. Muito bom.

— É Layla. Desde que ela entrou em minha vida, sou feliz. Nada mais importa. Somos eu e ela, juntos. O anel nem é tão importante.

— Bem, parece que realmente já havia tomado sua decisão, e, se não tivesse esquecido o anel, tudo estaria resolvido.

— Exato. Agora pegue a Pike.

— Certo — Jack concordou, mudando a marcha do carro e tomando a saída que levava a oeste.

As patrulhas do Maine, de New Hampshire e Massachusetts os deixaram passar. Jack mantinha a velocidade em cento e cinquenta quilômetros por hora.

Anna Summer

Aproximadamente às três e quinze da manhã, estavam em Connecticut, e tudo corria bem.

— Droga — Jack murmurou.

Henry, que havia cochilado, olhou para o amigo, que tinha os olhos no retrovisor. Virando-se para trás, viu um carro de polícia os seguindo.

— Essa não! — bufou.

Jack parou o carro no acostamento, seguido pela polícia. Levou alguns minutos até que o policial se aproximasse deles. Henry olhou o relógio três vezes.

— Vai ficar tudo bem — Jack acalmou o amigo, olhando para a frente, as duas mãos apoiadas na direção, como os infratores deviam se portar. — Voltaremos à rodovia rapidamente.

— Espero que sim.

Henry estava aflito com a viagem e só conseguiria relaxar quando voltassem ao Maine a salvo, trazendo o anel.

— Polícia do Estado de Connecticut — apresentou-se o policial. — Posso ver sua carteira de motorista e o documento do carro, senhor?

Jack abriu o porta-luvas e logo entregou ao oficial uma carteira de couro aberta com seu distintivo de policial.

— Oh, sinto muito, detetive — o oficial se desculpou de imediato.

— Não foi nada. Como o senhor poderia saber?

— Condado de Bergen? — o policial indagou, ainda segurando a carteira.

— Cresci em Oradell.

— Verdade?

— Sim, minha família mudou para Connecticut quando eu tinha catorze anos. Meu pai arranhou um emprego lá. Eu sempre quis ser policial em Jersey. Parece mais excitante do que em Connecticut.

— Cada coisa a seu tempo — Jack filosofou, enquanto o policial lhe devolvia a carteira.

— Algum problema — o policial interrogou.

— Como assim? — Jack não entendeu.

— Bem, o senhor estava acima do limite de velocidade.

— Oh, certo. Desculpe-me.

— Precisa de alguma ajuda?

— Bem — Jack começou a se explicar. — Vou me casar hoje no Maine daqui a aproximadamente nove horas.

— Mas o senhor está indo na direção contrária.

— Sim, eu sei. No entanto, não estou fugindo, não se preocupe. Meu padrinho aqui vai pedir a namorada em casamento no final da recepção ou levará um chute bem grande no traseiro.

Henry inclinou o corpo para a frente e acenou ao jovem oficial, que parecia confuso ao acenar de volta.

— O problema — Jack continuou — é que ele deixou o anel de noivado na casa dele em Ridgewood.

— Em Jersey? — o policial questionou.

— Sim. Por isso, estamos com um pouco de pressa — Jack acrescentou, sorrindo.

— Entendo... — o policial murmurou. — Bem, não vejo muita importância no fato, pois nunca me casarei.

Jack e Henry trocaram um discreto sorriso.

— Contudo... — o oficial continuou — se estão com pressa, não vou atrasá-los. E passarei um rádio com a descrição deste carro para que ninguém os incomode. Apenas me faça um favor.

— Claro. Diga — Jack pediu.

— Não ultrapassem os cento e quarenta quilômetros por hora.

— Prometo. E obrigado.

— Boa sorte aos dois. Henry tornou a acenar.

O policial voltou a seu carro, e Jack olhou para Henry, com um enorme sorriso no rosto.

— Então, o que achou? — Jack perguntou.

— Se as pessoas soubessem disso, odiariam os policiais.

— Engraçado... — Jack resmungou, guiando o carro de volta à rodovia.

— Da próxima vez, não lhe farei nenhum favor.

A Merritt Parkway era fracamente iluminada e chovia quando lá chegaram. Desse modo, tiveram que diminuir a velocidade para cem quilômetros por hora. Henry voltou a olhar o relógio. Passaram por Greenwich às cinco e quinze da manhã. O céu já começava a clarear.

— Então, o que o fez tomar a decisão de se casar com Layla, apesar de ter ficado cismado com o tal de Ben? — Jack perguntou de súbito.

— Mas o que eu deveria esperar? Layla é uma mulher bonita. Vejo como os homens a olham e até fico surpreso pelo fato de ela nunca ter recebido outra proposta de casamento. Além do mais, ela não saiu com esse cara.

— É verdade. Mas eu gostaria de saber quantos homens encarariam uma situação dessas com a sua serenidade.

— Bem, estamos falando de minha vida, não é mesmo? Estou com Layla há seis anos, feliz. Vou terminar meu relacionamento com ela e viver sozinho porque um sujeito qualquer telefonou lá para casa?

Jack sorria novamente.

— O que foi? — Henry indagou. — Estou errado?

— Oh, não. Acho que você tem razão.

— Cara... — Henry murmurou. — Se não fosse seu carro...

Um pouco antes das seis horas da manhã, foram parados outra vez na Garden State Parkway. Quando o policial chegou à janela do motorista, inclinou-se e perguntou:

— Jack?

Henry sentiu um grande alívio. Tudo ia dar certo.

— Ei, George — Jack disse. — Bom dia.

— Bom dia. Onde é o incêndio? Está tudo bem?

— Sim. No entanto, sem tempo para explicar. Estamos a caminho de Ridgewood para pegar algo e voltaremos em seguida. Sairemos de sua jurisdição logo.

— Sem problema. Desculpe atrasá-los.

— Obrigado, George. — Jack subiu o vidro da janela. Eram seis e dezoito da manhã quando Jack estacionou o possante carro na frente da casa de Henry.

Dentro de casa, ele foi direto pegar o blusão. Pôs a mão no bolso e encontrou a caixa vermelha. Abriu-a, olhou e suspirou longamente.

— Lindo — Jack disse. — Layla ficará louca de alegria.

— Obrigado. Agora temos que voltar para que eu possa dar continuidade a meu plano.

— Não se preocupe. Logo retomaremos o caminho de volta ao Maine.

Ainda em Jersey, Jack parou para abastecer o veículo. Perto da saída de Montvale, buzinaaram ao passar por George.

— Está com fome? — Jack perguntou.

— Oh, sim — Henry respondeu, muito mais relaxado.

Ainda continuava a olhar para o relógio, mas acreditava que, se não se deparassem com mais nenhuma barreira e se o pedágio de New Hampshire estivesse razoável, conseguiriam chegar com tempo de sobra para vestirem seus smokings e se dirigirem à

cerimônia antes que alguém desse pela falta de ambos.

Excluindo Layla. Henry gostaria de saber se ela estava preocupada com ele.

Sentiu o estômago se contrair.

— O Burger King está bom para você? — Jack inquiriu.

— Qualquer coisa que seja rápida.

— O Burger King é rápido. Vamos comer depressa. Preciso ir a um casamento.

Os dois amigos voltaram ao carro por volta das seis e cinquenta e cinco, carregando vários sanduíches. Henry fazia cálculos. Tinham saído do estacionamento do hotel depois da uma da manhã, e, com o pedágio e duas paradas, a viagem havia se alongado até um pouco depois das seis. Era manhã de um lindo sábado, deveria haver mais carros nas rodovias na viagem de volta.

Sem dúvida, iam precisar de um pouco de sorte.

O celular de Henry tocou às oito e cinco da manhã.

— Layla? — Jack perguntou.

— Sim — Henry respondeu, olhando o identificador de chamadas.

— Vai atender?

— Estou pensando no que dizer.

— Pense bem.

Henry atendeu a ligação.

— Olá... — ele disse.

— Oi — ela falou do outro lado.

Ele notou que ela tentava parecer calma.

— Estou preocupada com vocês. Onde estão?

— Bem... — Henry titubeou. — Não estou autorizado a dizer.

— Está bem... — Layla concordou.

Ele não conseguiu saber se ela estava chateada ou apenas confusa.

— Vão voltar logo? — ela prosseguiu com o interrogatório.

— É claro — ele respondeu, tentando passar confiança.

— A tempo para o casamento?

— Com toda certeza. Que tipo de padrinho acha que sou?

— No momento, um padrinho sem juízo. Pete disse a Catherine que não conseguiu encontrar vocês.

— Bem, Pete não pode estar assim tão preocupado. Ele nem nos telefonou.

— Acione o viva-voz — Jack pediu.

— Está bem — Henry anuiu.

— O quê? — Layla quis saber.

— Eu estava conversando com Jack. Espere — Henry respondeu a Layla.

— Ok — ela assentiu.

— Vou acionar o viva-voz. Jack quer falar com você, Lay.

— Certo. — Ela não entendia o que estava acontecendo.

Henry apertou o botão do viva-voz.

— Layla? — Jack perguntou. — É Jack.

— Olá, Jack. Como está? Pronto para o grande dia?

Ela nunca deixava de surpreender Henry com a capacidade de conversar amenidades.

— É claro — Jack respondeu. — O tempo está perfeito, não está?

Henry olhou para Jack, que deu de ombros. Nenhum deles sabia como estava o tempo no Maine naquele instante.

Esforçaram-se para não rir.

— Oh, está maravilhoso — Layla afirmou. — Vocês têm sorte.

— Preciso que me faça um favor, Lay — Jack pediu.

— Claro. O que quiser.

— Está com o resto das madrinhas?

— Sim, estamos no salão de beleza com Gina.

— Certo. Pelo que pude entender, você disse a Henry que Pete está a nossa procura?

— Sim, ele não conseguiu encontrar vocês dois.

— Bem, se as pessoas começarem a ficar preocupadas conosco, preciso que você diga que conversou com Henry e que ele e eu apenas fomos dar uma volta com o carro para que a manhã passe logo. Pode fazer isso?

— Ah... certamente. Farei com que Gina não se preocupe.

— Obrigado.

— Agora me diga o que realmente estão aprontando — Layla não desistia fácil.

Jack olhou para Henry, que meneou a cabeça em negativa.

— Não temos liberdade para revelar nossa missão — Jack respondeu.

— Está bem. Por agora chega. Posso falar com Henry de novo?

Henry desligou o viva-voz e encostou o celular ao ouvido.

— Alô — ele falou.

— Tem certeza de que estão bem? Não estou menos preocupada do que antes de telefonar a você.

— Estamos ótimos. Fique tranquila. Vejo-a na cerimônia.

— Certo. Vou confiar no que diz.

— Amo você, querida.

— Também te amo, Henry. E desligaram.

Quando desligou o telefone, Layla estranhou sua relativa calma.

Henry e Jack estavam desaparecidos desde uma da manhã. E havia o prazo que ela dera a Henry a poucas horas de expirar.

Deitada na cama na noite anterior, sozinha, havia decidido não tocar no assunto do ultimato. Henry agia a sua maneira, e ela não queria interferir em nada que viesse a acontecer.

Dentro de pouco tempo, seria sua vez de ser atendida no salão de beleza. Digitou o número de Gloria, que atendeu como se tivesse acabado de acordar.

— Você está bem? — Gloria perguntou.

— Acho que sim.

— Como foi a noite?

— Não... exatamente do modo como eu esperava.

— Oh, sinto muito, Lay.

— Está tudo bem. Pelo menos acho que sim.

E ela contou sobre o passeio pela praia e de como Henry parecia prestes a ficar de joelhos para lhe fazer o pedido de casamento. Falou também sobre como, subitamente, ele ficara muito estranho e desaparecera na noite com Jack e ainda não haviam chegado.

— Oh, não comente com ninguém a última parte — Layla pediu à amiga. — Não quero preocupar a noiva.

— Meus lábios estão selados.

— Não sei o que está acontecendo — Layla continuou. — Eu realmente não pensei que ele fosse usar o prazo até o fim.

— Oh, não? Não é essa a maneira como ele age?

Layla pensou nos manuscritos sem fim de Henry e sorriu.

— Na verdade...

— Fique calma. Ainda há tempo.

De repente, Layla ouviu um grunhido do outro lado da linha.

— Oh, céus — murmurou. — Você não está sozinha? Escutou um ruído como se Gloria estivesse levantando da cama para ir a um lugar mais calmo, a fim de poder conversar melhor.

— Não... Ed, acho que é primo de Gina ou coisa assim, está aqui.

— Tudo bem.

A "velha" Gloria estava de volta, Layla pensou. E não soube avaliar se era bom ou ruim.

— Espere um pouco — Gloria pediu, e Layla ouviu o barulho de alguma coisa

quebrando. — Acho que tenho que desligar.

Nervoso e já de smoking, Pete andava de um lado para o outro à porta da igreja quando as madrinhas chegaram. O sino do campanário tinha acabado de soar as doze badaladas do meio-dia.

— Algum problema? — Layla perguntou. — Parece preocupado.

O carro que a trouxera havia chegado antes do de Catherine. Gina e os pais viriam de limusine em meia hora.

— Bem... não sabemos onde estão Jack e Henry.

Layla sentiu um frio na barriga e tentou lembrar-se das instruções de Jack.

— Oh... conversei com eles há pouco — ela mentiu, pois tinha falado com os dois horas antes. — Eles estão bem. Estavam dando uma volta de Porsche, mas tenho certeza de que estarão aqui no horário marcado.

— Ainda bem que você está confiante — Pete disse. — O ministro falou comigo. Eles deveriam se apresentar meia hora antes do início da cerimônia.

— Eles chegarão a tempo. — Layla forçou um sorriso. — Mas acho que seria prudente que você agisse como se nada estivesse acontecendo. Não devemos deixar Gina preocupada.

— Está bem — Pete concordou. — Não direi nada a ninguém. — Virou e dirigiu-se à maciça porta branca da igreja.

Assim que ele entrou, Layla olhou ao redor, procurando algum sinal de Henry e Jack. Achava ter ouvido o barulho do motor de um carro esporte.

Os convidados começavam a chegar em carruagens abertas, mais uma cortesia de Herb.

— Grande dia, não é? — alguém indagou.

— Perfeito — ela respondeu com um sorriso, temendo parecer falsa.

Ansiava ver Gloria e Susan, pois com elas poderia desabafar. Logo as localizou e as levou a um canto.

— Belo vestido — Gloria elogiou, sorrindo maliciosamente, atrás dos enormes óculos escuros.

— Tenho uma coisa para dizer a vocês. — Layla ignorou o comentário da amiga.

— Ah — Susan gemeu. — Lá vem bomba!

— Jack e Henry ainda não chegaram.

Susan e Gloria olharam para os respectivos pulsos. Nenhuma delas usava relógio.

— Que horas são? — ambas perguntaram ao mesmo tempo.

— Meio-dia e dez. A cerimônia deve começar em vinte minutos. A noiva está para chegar. E o noivo ainda não apareceu.

— Tentou falar com eles? — Susan quis saber.

— Esqueci meu celular no hotel. — Layla respirou fundo.

Uma longa fila de convidados entrava na igreja e se acomodava nos bancos enfeitados com lindas flores.

— Estou com meu telefone. — Gloria tirou o aparelho da bolsa.

— Quer tentar falar com eles?

— Sim! — Layla exclamou. — Obrigada.

Digitou o número, mas Susan a segurou pelo pulso, murmurando:

— Acho que não será necessário.

Layla encarou a amiga, que apontava para a lateral da igreja, onde dois homens com uma expressão marota no rosto se escondiam atrás de alguns arbustos. Henry e Jack sorriam, como se fossem Tom Sawyer e Huck Finn, fazendo uma de suas travessuras.

Layla não sabia se beijava ou se matava Henry. — Ei! — ele a chamou. — Precisamos de sua ajuda!

Layla agradeceu a Gloria pelo telefone e correu até onde os dois amigos se escondiam. Ambos vestiam smoking, mas sem as gravatas. Henry segurava um pequeno bloco de papel com o logotipo do hotel e uma caneta na mão direita.

Layla olhou para o papel.

— Eu estava fazendo meu discurso — ele esclareceu.

— Sim — Jack afirmou. — Não é ótimo da parte dele escrever com tanta antecedência?

— Vocês dois estão loucos? — ela perguntou, olhando ao redor, como se Gina estivesse prestes a pegá-los em flagrante. — Onde estavam?

— Não podemos contar, querida — Henry disse. — Eu gostaria, mas temo que meu amigo e eu levaremos esse segredo para nossos túmulos.

Jack ria, abobalhado.

— Vocês estão bêbados? — ela perguntou.

— Oh, nãooooo — Jack respondeu com veemência.

— Um pouco cansados talvez — Henry acrescentou.

— Sim — Jack afirmou. — Um pouco cansados, mas não bêbados.

— Não vão mesmo contar onde estiveram a noite toda, não é? — ela insistiu.

— Eu gostaria de poder contar, mas não posso — Henry falou, sorrindo.

— Então, para que precisam de mim?

— Nenhum de nós sabe dar nó na gravata — Jack explicou.

E os dois amigos começaram a rir. Layla balançou a cabeça de um lado para o outro e começou a dar o nó na gravata de Jack.

—Ele é mais importante. —ela disse a Henry.

—Certo— Henry concordou rindo. —Ao menos eu o trouxe á igreja a tempo.

—Por falar nisso, foi um bom trabalho. —Jack riu ainda mais alto.

—Obrigado, amigo— Henry agradeceu.

—Fiquem quietos! —Layla ordenou, permanecendo aborrecida, mas sorrindo por dentro. — Que bom que vocês se divertiram.

Quinze minutos mais tarde, ninguém poderia imaginar que algo tivesse acontecido. Layla caminhava vagarosamente pelo corredor da igreja, os olhos fixos à frente, onde Jack esperava a noiva, encabeçando uma fila de homens bonitos vestidos de smoking. Alto e lindo, ele portava o mesmo sorriso radiante e feliz do dia anterior. Fitou Layla enquanto punha as duas mãos no nó da gravata. Ela sorriu.

Perto de Jack estava Henry, que a encarava com a expressão de quem guarda um grande segredo. Não havia dúvida de que ele agia de modo estranho, e a mente de Layla imaginou várias possibilidades. Mas não queria fazer nenhuma cena no casamento de Jack e Gina. Pelo menos não durante a cerimônia.

O que Henry estaria pensando?

Naquele exato momento, Henry meditava que nunca tivera tantas jóias em seu poder. No bolso frontal da calça, a pequena caixa vermelha que abrigava o anel de noivado de Layla. Ele estava orgulhoso de si mesmo pelo empenho e sucesso da empreitada.

No bolso esquerdo do smoking, havia mais dois anéis: as alianças de Jack e Gina, além do texto que havia escrito para o brinde ao noivo. Sentia cansaço, porém estava feliz pelas horas que passara com o melhor amigo e também por poder propiciar a Layla um dia inesquecível. Enfim, estava satisfeito com o plano que elaborara para o último minuto do prazo final.

A cerimônia foi linda, e as fotografias a eternizariam. Henry e Layla permaneceram juntos o tempo todo. Ela, determinada a descobrir onde Henry e Jack haviam passado a noite, e Henry, determinado a não revelar nada.

— Foram a um bar de striptease! — ela perguntou.

— Não posso dizer.

— Henry!

— Tudo bem. Não fomos a um bar de strip.

— Menos mal.

— Procuramos, mas não encontramos nenhum nas redondezas — ele acrescentou, sorrindo.

Layla deu um soco no braço dele, que sorriu ao massagear o local atingido.

— Então, vocês não beberam e não foram a um bar de strip. O que o impede de me contar o que fizeram?

Henry deu de ombros.

— Madrinhas! — o fotógrafo gritou.

— É com você, querida.

Layla fez menção de lhe acertar outro soco, mas Henry se desviou.

Os convidados foram chegando ao clube de campo nas carruagens abertas, para a recepção.

Henry e Layla já se encontravam sentados à mesa para doze pessoas, no meio do enorme salão. Os garçons se movimentavam, servindo drinks e aperitivos aos convidados que estudavam um quadro com os lugares esquematizados. Henry lia o texto do brinde enquanto Layla continuava se dedicando a obter informações dele.

— Você dirigiu o carro? — ela perguntou. — Aonde foram? A Niagara Falls ou a outro lugar parecido?

— Isso faria algum sentido? — Henry questionou.

— Não sei. Você não me contará nada mesmo?

— Já lhe prestei esclarecimentos sobre o clube de striptease.

— É mesmo?

— Sinto muito, querida. Preciso me concentrar no texto do discurso.

— Está bem — ela assentiu, embora já estivesse pensando na pergunta seguinte.

A primeira dança dos noivos teve início. E logo em seguida todos foram convidados a participar. Layla nunca aprovara aquilo. Era de opinião de que a primeira dança devia ser apenas dos noivos, no meio da pista, como se fossem o centro do universo.

Henry era um bom dançarino. Ela gostava de dançar com ele, sentia-se confortável naqueles braços acolhedores. Gostaria que o prazo final chegasse logo, mas ainda faltavam algumas horas. Não tinha certeza de como agiria caso ele não a pedisse em casamento. Teria mesmo coragem de terminar o relacionamento de seis anos?

À primeira dança, seguiram-se outras.

Jack e Gina caminharam até Layla e Henry, que gentilmente ofereceu o braço à noiva, convidando-a para dançar.

Por sua vez, Jack ofereceu o braço a Layla, e conduziu-a até a pista de dança. Layla observava Henry e Gina juntos. Henry falava muito, e ela ouvia.

— Eles estão tramando alguma coisa? — perguntou a Jack.

— Não tenho a menor idéia.

Gina começou a rir e a balançar a cabeça afirmativamente. De súbito, Henry fitou Layla e sorriu.

Layla meneou a cabeça de um lado para o outro.

— O que foi? — Jack perguntou.

— Não acredito em você.

— O padrinho Henry poderia vir ao palco, por favor? — O vocalista da banda indagou ao microfone.

Ouviu-se aplausos e o barulho de cadeiras sendo arrastadas, enquanto Henry atravessava a pista de dança para pegar o microfone. Ele tirou o bloco de notas do bolso.

— Bem, este discurso foi feito com muito esmero. Todos riram.

— Obrigado, companheiro! — Jack gritou, abraçado a Gina, que tinha uma taça de champanhe na mão. Todos riram ainda mais alto.

— Não me agradeça — Henry disse. — Bem... lá vai. Ele suspirou, olhou para a primeira folha de papel e em seguida para os convidados.

— Quando Jack tinha oito anos de idade, ele quebrou a perna ao pular da varanda.

Todos tornaram a rir. Foi um bom começo.

— Ele tinha amarrado uma toalha ao redor do pescoço e estava tentando voar. Mas caiu desajeitadamente no primeiro degrau e quebrou a perna. Foi a coisa mais repugnante que eu já tinha visto na vida.

Todos se divertiam.

— Na ocasião, eu também tinha oito anos, e nossos pais não estavam em casa — ele prosseguiu. — Tive que pensar no que eu poderia fazer com meu amigo que tinha acabado de quebrar a perna tentando voar. Fui até a garagem, achei um trenó velho de madeira, coloquei Jack no veículo e o puxei para a rua. Mais risada.

— É difícil puxar um trenó quando não há neve no chão. Mas consegui por... não sei... talvez por uns vinte metros. Risos.

— Quando, graças a Deus, o carro do pai de Jack virou a esquina. Lembro-me de vê-lo correr ao nosso encontro, querendo saber o que estávamos fazendo.

Henry se interrompeu por um instante, porque Jack tinha os olhos baixos, de saudade do pai.

— Recordo-me de que o pai de Jack me agradeceu, dizendo que ia levar o filho dali.

Senti-me orgulhoso, porque eu tinha ajudado meu amigo ferido.

Fez-se silêncio no salão. Henry olhou novamente para as anotações.

— Depois disso, fui eu quem se meteu em confusão e foi de Jack que veio ajuda.

Risadas novamente.

— Jack é o tipo da pessoa com quem gostamos de estar e de correr riscos. Na realidade, vivemos uma grande aventura esta manhã.

Gina olhou para Jack, que deu de ombros.

Henry fitou Layla. Ela parecia extremamente curiosa.

— Algo dito por meu amigo Jack na noite passada me fez pensar a respeito de aventuras.

Todos fizeram silêncio no salão mais uma vez. Sentiram que vinha a parte séria e sentimental do discurso. Henry olhou as anotações pela última vez. Em seguida, observou os convidados até que seus olhos encontraram os de Layla.

— As peripécias que Jack e eu experimentávamos quando tínhamos oito anos de idade eram engraçadas. Passávamos por super-heróis, policiais, astronautas... Fazíamos manobras perigosas com nossas bicicletas, explorávamos florestas, entrávamos em enrascadas, entre muitas outras coisas, inclusive nos tempos de faculdade. Mas não vou dar detalhes aqui. Boas e sólidas risadas.

— Mas a maior de todas as aventuras é esta que Jack e Gina estão protagonizando agora. Começam uma nova fase de suas vidas, em que terão um ao outro para enfrentar as surpresas do mundo.

Layla olhava para Henry, muito séria.

— Ao longo de vários anos, Jack esperou a parceira certa para embarcar numa das mais surpreendentes experiências. E, quando ela chegou, ele logo a reconheceu.

Layla olhou para o chão durante um segundo, logo voltando a fitar Henry.

— O modo como Jack fala de Gina nos faz pensar na vida, no amor e no casamento. Ambos se escolheram para construir o futuro juntos. E isso é realmente especial.

Naquele momento, Layla chorava. Henry suspirou e se preparou para a grande finalização.

— Então — ele levantou sua taça de champanhe — se quiserem se unir a mim, vamos erguer um brinde a Jack e Gina. Vamos desejar a eles muita sorte nessa grande aventura e parabenizá-los por terem encontrado um ao outro.

Todos gritaram: "Viva! Viva!" ao erguer suas taças de champanhe. Jack e Gina foram até Henry para abraçá-lo. Layla batia palmas em meio às lágrimas.

O que ela estaria pensando? Henry perguntou a si mesmo, assim que voltou a encará-

la com um sorriso nos lábios.

Layla refletia se Henry a pediria em casamento ou não. Chegou até a pensar que isso poderia ocorrer durante o brinde, mas nada havia acontecido. Agora que o discurso terminara, talvez ele a convidasse para ir a algum lugar. Apenas os dois.

Ela aplaudiu bastante enquanto os noivos e Henry se abraçavam, felizes e emocionados.

— Querida, se não se casar com esse homem, eu o farei. — Susan surgiu atrás de Layla.

— Ele ainda não me pediu em casamento! — Ela sorriu.

Finalmente, Henry se aproximou dela e foi logo perguntando:

— O que achou do discurso?

— Foi ótimo.

— Bem, falei tudo o que sinto.

— Parabéns.

— Obrigado, querida — ele agradeceu, beijando-a.

Os dois se viraram para observar Jack e Gina, dançando. Henry não disse mais nada.

A refeição foi servida e a seguir o bolo foi cortado. A festa já durava quatro horas. Layla e Henry estavam corados de tanto dançar. Chegava a hora em que a noiva jogaria o buquê, e o fim da recepção estava cada vez mais próximo. E, então, o que ela faria? Teria que honrar sua palavra? E se Henry houvesse se esquecido do ultimato? Ela não queria brigar com ele.

— Podemos ter todas as senhoritas na pista de dança, por favor? — pediu o vocalista da banda.

Layla olhou para Henry e entrou em pânico. Ele percebeu e a fitou, demonstrando preocupação.

— A noiva vai jogar o buquê — ele lembrou.

— Henry? — Layla murmurou.

— É o prazo final, não é?

Ela não sabia o que dizer. Gina se aproximou e a empurrou na direção da pista de dança. Ela, porém, continuou a fitá-lo. Ele apenas sorria. Aquele era o momento em que Henry deveria fazer alguma coisa. E ele não fazia nada. Apenas sorria como se estivesse participando de uma grande brincadeira.

Ela não queria ficar nervosa e estragar a festa de casamento de Jack e Gina. Por isso, rumou para a pista de dança, onde a noiva já se pusera de costas para atirar o buquê.

Layla não tinha certeza, mas teve a impressão de ver Gina sorrir para Henry, que

piscou para ela de volta.

Estava prestes a perder a calma.

A banda começou a soar o tambor e a contar: "Um! Dois! Três!"

Então, Gina se virou e, carregando o buquê, aproximou-se de Layla.

Aturdida, ela encarou a amiga e logo viu Henry caminhando em sua direção. Ao se aproximar, ele se ajoelhou sobre uma das pernas.

Layla não sabia o que fazer. De repente, alguma coisa atraiu seu olhar. Parecia uma faísca. Ela olhou para o buquê. E lá, em meio às flores, amarrado com uma fita verde, havia um lindo diamante. Um maravilhoso anel de noivado.

Ela soluçou e olhou ao redor. Viu Jack e Gina, que sorriam. Gloria parecia surpresa. Susan batia palmas.

Finalmente, encontrou os olhos de Henry, que a pegou pela mão, antes de propor:

— Layla, meu amor, case-se comigo.